FUNDADOR — JOAQUIM MANSO QUINTA-FEIRA, 27 DE JUNHO DE 1963 ANO 43.º — NÚMERO 14 559

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

A Embaixada americana em Brasília

é um superministério do Governo brasileiro

onde os governadores vendem a soberania nacional

— acusa o deputado Leonel Brizola

RIO DE JANEIRO, 27 — Círculos bem informados declaram que o presidente Goulart deu instruções ao ministro da Justiça, Abelardo Jurema, para preparar um decreto que dará poderes ao Governo Federal para fiscalizar a distribuição dos capitais norte-americanos da «Aliança para o Progresso» pelos diversos Estados do Brasil.

O decreto anularia todos os contratos até agora feitos directamente pelas autoridades estaduais com os Estados Unidos, sem a aprovação do Governo federal brasileiro.

Nos círculos políticos conservadores esta decisão é criticada e o presidente Goulart é acusado de «pretender suspender todo o auxílio aos governadores estaduais que recusarem submeter-se aos caprichos do Governo federal». Goulart pretenderia visar principalmente Carlos Lacerda, governador do Estado de Guanabara.

Os políticos brasileiros da extrema esquerda, tais como o deputado Leonel Brizola e o governador Miguel Arraes, de Pernambuco, têm criticado o actual funcionamento da «Aliança para o Progresso» no Brasil. e afirmam que Carlos Lacerda, conhecido por ser violentamente anticomunista, tem b e n e f i c i a d o mais do que os outros governadores, com o auxílio norte-americano directo.

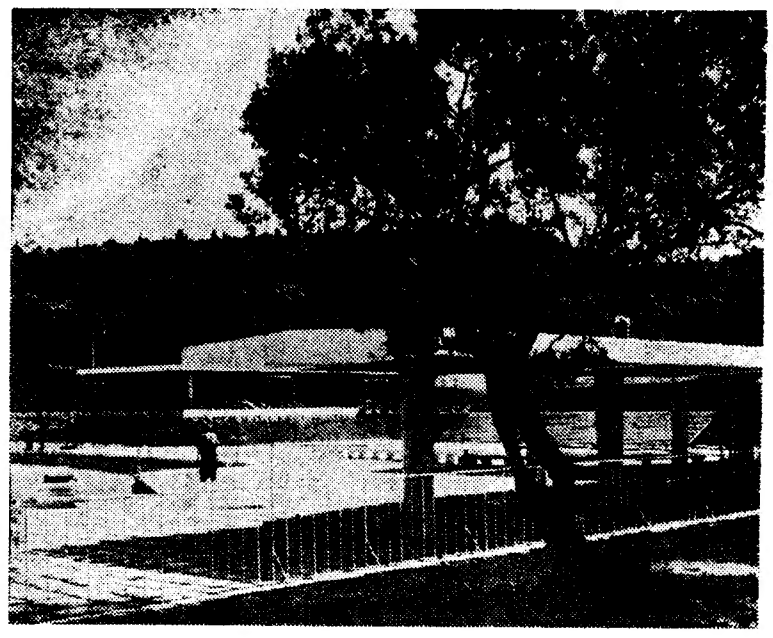
Brizola, que é cunhado do presidente Goulart, acusa também o embaixador norte-americano Lincoln Gordon de ter transformado a embaixada dos Estados Unidos «num superministério do Governo brasileiro, onde os governadores acorrem, pedindo dinheiro em troca da soberania nacional». — (A. N I.)

O MINISTRO CONFIRMA O DESEJO DO GOVERNO

RECIFE, 27 — Abelardo Jurema, o ministro da Justiça, confirmou que o Governo federal pretende aumentar o seu domínio sobre os acordos da «Aliança para o Progresso», feitos até agora directamente pelos governos estaduais, mas negou que esta decisão tenha por objectivo limitar o auxílio norte-americano ao governador Carlos Lacerda.

Jurema, que veio de avião de Brasília, declarou aos jornalistas ter assegurado ao governador de Pernambuco, Miguel Arraes, que

(Continua na 16.ª página)



Aspecto de alguns dos melhoramentos inaugurados hoje no Parque de Campismo de Monsanto. (Ler notícia na página central)

A VISITA A BERLIM DO PRESIDENTE KENNEDY

por ATTICUS

PARIS, *Junho* — A visita do presidente Kennedy a Berlim-Ocidental desencadeará uma tempestade? Ou pelo contrário servirá de pretexto para levantar de novo, o problema daquela cidade tentando resolvê-lo por uma nova negociação? Estas perguntas podem, á primeira vista, parecer um paradoxo. De facto não o são. Em teoria, em Berlim e Bonn só devia haver motivos de satisfação pela visita da qual o Governo alemão espera sair com a sua posição valorizada. Mas não devemos esquecer que, por outro lado, o presidente Kennedy não deseja, de forma alguma, o agravamento das relações russo-americanas no momento em que procura um terreno de entendimento com Moscovo. Isto é tanto assim que as primeiras informações recebidas da antiga capital do Reich, davam conta de um entusiasmo relativo da população desconfiando-se que a sua deslocação áquela cidade era um pretexto para fazer «engolir aos alemães uma pílula bastante amarga».

Era justificada esta inquietação dos berlinenses? Sabe-se que, em Fevereiro, as conversações entre os representantes dos Estados Unidos e da União Soviética sobre o

(Continua na 26.ª página)

Diario de Lisbôa
HOJE 28 PÁGINAS
nas quais se inclui
«VIDA LITERÁRIA E ARTÍSTICA»

Os Estados Unidos na era atómica (15)

Noite de Santo António no bairro italiano de Nova York

Noite de Santo António em Nova York

na alegria ruidosa do bairro italiano

por MAURÍCIO DE OLIVEIRA

Por mais surpreendente que isso possa parecer, também tive a minha noite de Santo António em plena Nova York — e na data própria: 13 de Junho.

Havia chegado ali de manhã, vindo de Washington, e confesso que, se a grandeza imponente — que esmaga o ser humano — da «cidade-cartaz» dos Estados Unidos me im-

(Continua na 21.ª página)

Nota do dia

PONTOS NOS II

Bem pode dizer-se que a Fundação Gulbenkian pôs os pontos nos ii acerca da pretensão de um cientista português que julga ter descoberto um soro anticanceroso de efeitos surpreendentes. Pedia-se áquela benemérita instituição, que tem prestado já relevantes serviços no campo da investigação científica, nada menos do que um subsídio de cem mil contos para intensificar a produção desse medicamento, de modo a poder comercializá-lo, à semelhança de outras especialidades farmacêuticas que se multiplicam até ao infinito e cuja eficácia não se pode dizer que esteja cientificamente comprovada. Com efeito, o parecer de alguns médicos nem sempre está de acordo com os interesses da indústria química. E quanto à investigação científica sobre o cancro, a verdade é que se mobilizaram em todo o Mundo recursos astronómicos a fim de descobrir as suas causas e aperfeiçoar a sua terapêutica, e até hoje os progressos alcançados não nos autorizam a supor que se encontrou, para todos os casos, a fórmula miraculosa ou o tratamento médico que o hão-de vencer. Por isso nos parece sensata e prudente a decisão tomada pela Fundação Gulbenkian de não patrocinar pretensões da natureza daquela que lhe foi apresentada «sem a segurança prévia, por parte das autoridades competentes no campo científico, da eficácia de tal medicamento». Se procedesse doutro modo, corria o perigo de contribuir para alimentar ilusões no espírito dos doentes e das famílias e criar um clima de excessiva confiança que de nenhum modo ajudaria a debelar o mal. E' de desejar, sem dúvida, que se empreguem todos os esforços para chegar a resultados positivos numa cruzada científica em que se empenham investigadores de todos os países e da qual depende o combate decisivo a um dos maiores males que afligem a Humanidade. A mais elementar prudência aconselha, porém, a evitar precipitações e a tirar conclusões extemporâneas que podem desnortear a opinião pública e anunciar certezas onde, infelizmente, existem apenas dúvidas.

VISADO PELA CENSURA

Entusiasmo em Angola

devido à visita do Chefe do Estado

àquela província

LUANDA, 27 — Foi acolhida com regozijo e entusiasmo, em todos os sectores, a notícia da visita do sr. Presidente da Republica e do ministro do Ultramar a Angola, anunciada hoje de manhã pelo governador-geral da província, tenente-coronel Silvério Marques.

O chefe da província chamou os jornalistas e, depois de anunciar a viagem do Presidente da Republica para Setembro próximo, prestou homenagem á figura do supremo magistrado da Nação, e exprimiu a enorme alegria de Angola, dele próprio e de todos os governadores de distrito que se encontravam presentes nesta reunião, pelo grande acontecimento que será a visita do Chefe do Estado e do ministro do Ultramar.

Esclareceu que já está em estudo o programa da permanência em Angola do sr. almirante Américo Thomaz.

Consta que o sr. Presidente da Republica chegará a Luanda na segunda quinzena de Setembro. Está previsto que o ilustre visitante proceda á solene inauguração da Barragem de Cambambe e também á inauguração da Feira Internacional de Luanda. Sabe-se que serão muito demoradas as visitas do sr. almi-

(Continua na 16.ª página)

BREVE VISITA DE KENNEDY À IRLANDA

DUBLIN, 27. — Kennedy, depois de passar a noite em Dublin, na embaixada norte-americana, partiu esta manhã para New Ross, um porto de mar com menos de 5000 habitantes, de onde eram naturais os antepassados do actual presidente dos Estados Unidos. Antes de tomar o helicóptero, Kennedy conferenciou na embaixada norte-americana com o primeiro-ministro Lemass.

O encontro, que devia ter durado uma hora, ficou reduzido a metade porque Lemass chegou com 27 minutos de atraso e o presidente partiu á hora préviamente marcada. — (A. N. I.).

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA TAP

De ontem para hoje

HOMENAGEM DA UNIVERSIDADE
ao mestre que se jubilou

Ao atingir o limite de idade, após quase meio século de fecunda e brilhante actividade universitária, que abandona por força da lei, o prof. dr. João Providência e Costa recebeu as homenagens dos seus colegas e alunos numa cerimónia no salão nobre da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, á qual se associaram o ministro da Educação e o director-geral do Ensino Superior, representados pelo reitor daquela Universidade, prof. dr. Andrade de Gouveia. O prestígio, os méritos e a obra do prof. Providência e Costa, incluindo os cursos de férias, estabelecimento de leitorados nas universidades alemãs, com larga difusão da cultura portuguesa no estrangeiro, e sua valiosa acção como director da Faculdade de Letras e da Biblioteca Geral e na reitoria da Universidade foram assinalados pelo prof. dr. Lopes de Almeida e pelo reitor durante a cerimónia com o significado de uma expressiva homenagem ao mestre de nomeada.

UM DRAMA NO RIO VOUGA

Iam dois pequenitos a atravessar o Vouga em São Pedro do Sul, em perigoso equilíbrio sobre as pedras limosas á flor da água redemoinhante, quando um deles, o mais novito, de quatro anos, caiu no torvelinho da corrente. O outro, com mais três anos, quis agarrá-lo, mas caiu, também, no sorvedoiro e desapareceu. O primeiro, filho de José Varandas, retiraram-no do rio, pouco depois, já morto; e só no dia seguinte os bombeiros daquela vila encontraram o cadáver do outro, cujo almejado sacrifício foi inutil para salvar o companheiro, aumentando as proporções do drama lancinante.

GOLPE FATAL
do acaso traiçoeiro

Debaixo dos pés se levantam os trabalhos— e, quando uma pessoa mal se precata, um golpe do acaso traiçoeiro pode ocasionar a tragédia inevitável. No sítio de Rio de Galinhas preparava-se o lavrador-caseiro José Pinto, casado, de 42 anos, para sulfatar a vinha, quando, ao preparar o pulverizador, este explodiu, sob a pressão, atirando-o a distancia, crivado de estilhaços. Levado para o Hospital de Marco de Canaveses, poucos momentos mais teve de vida o pobre homem, que deixa seis filhos na orfandade.

Um ladrão indigno e desprezível

Quando os que descarrilam do caminho da honra e descem aos ultimos planos da indignidade cometem todas as baixezas com impressionante indiferença por si próprios — as suas acções degradantes já não causam revolta mas inspiram o desprezo aviltante. Não merece mais do que isso, além do castigo da justiça, para exemplo, o meliante que, iludindo a ingenuidade de uma criança, a atraiu a um sítio ermo para roubá-la. No sítio do Vale dos Seixos, nos suburbios de Estói, um garoto, de 11 anos, Vítor Manuel Bispo da Palma, foi abordado pelo indigno ladrão, o qual com promessas de aliciante brincadeira numa festa, o arrastou a um sítio escuso, onde o obrigou a dar-lhe o relógio e um anel, coagindo-o ao silêncio encobridor, sob aterradoras ameaças de morte. A G. N. R. agiu, no entanto, e o facínora, José de Sousa Barros, de 23 anos, do lugar do Peral, foi preso e confessou a repugnante proeza.

DE BELÉM PALÁCIO

O Chefe do Estado recebeu no palácio de Belém os srs. arcebispo de Mitilene, comandante Camacho de Freitas, governador do distrito autónomo do Funchal, e eng.º Luís de Azevedo Coutinho e Duarte do Amaral.

DUAS COMUNICAÇÕES na Academia das Ciências de Lisboa

Efectuam-se hoje diversos actos na Academia das Ciências, que se iniciaram, cerca das 15 horas, com uma sessão da Classe de Ciências, presidida pelo sr. prof. Amorim Ferreira, com comunicações dos srs. prof. Aires de Sousa e dr. José Peixoto, respectivamente, intituladas «Valor da Flebografia no Sindroma de Pancoast-Tobias» e «O Ciclo de Energética da Atmosfera».

A's 17, também sob a presidência do sr. prof. Amorim Ferreira, haverá uma sessão plenária para estudo e leitura do parecer da comissão de exame ás obras concorrentes ao prémio «Abílio Lopes do Rego-1962»; e, meia hora depois, sob a presidência do sr. prof. Moses Amzalak, reune-se a Classe de Letras que, por sua vez, procederá ao estudo e leitura do parecer da comissão de exame ás obras concorrentes ao prémio «Ricardo Malheiros».

CRIA-SE EM ANGOLA
o Fundo de Assistência Sanitária

Foi criado em Angola o Fundo de Assistência Sanitária, cujas atribuições e condições de funcionamento serão regulamentadas pelo Governo-Geral da província, o qual ficou autorizado a conceder no corrente ano económico um subsídio extraordinário de 25 000 000$00, para esse efeito, á Camara Municipal de Luanda.

Linha de CASCAIS

Grande interesse estão a despertar os Concursos de Elegância Automóvel do Estoril

Estão a despertar grande interesse os Concursos de Elegancia e Conforto Automóvel e Elegancia Feminina em Automóvel, que decorrerão no Estoril, no próximo domingo, promovidos pela «Estoril-Sol», com o patrocínio do Clube Arte e Sport e do Grémio dos Importadores, Agentes e Vendedores de Automóveis e Acessórios do Sul. A avaliar pelo volume de inscrições já existentes, os dois certames vão ter, este ano, uma concorrência superior á dos anos anteriores, constituindo um excelente espectáculo para o publico que, graciosamente, pode admirar os mais recentes e belos modelos de automéveis, bem como elegantíssimas criações dos nossos mais famosos costureiros.

O Concurso de Elegancia e Conforto Automóvel decorrerá de manhã, em frente do Casino Estoril, em cujo parque ficarão expostos, durante a tarde, os carros classificados, aos quais serão atribuídas dezenas de taças; á tarde efectuar-se-á o Concurso de Elegancia Feminina em Automóvel, para o qual foram criadas cinco taças para senhoras melhor classificadas.

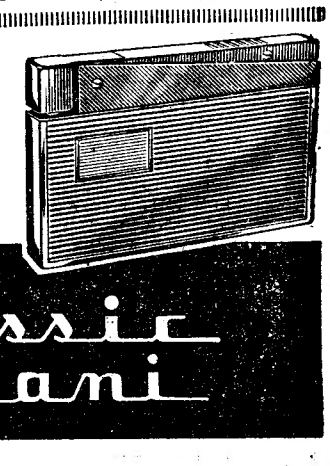
Para todos os concorrentes aos dois concursos haverá uma placa comemorativa, além dos prémios que a cada um competir, sendo estes distribuidos á noite, durante uma festa em sua honra no Casino Estoril, onde ainda podem fazer-se inscrições.

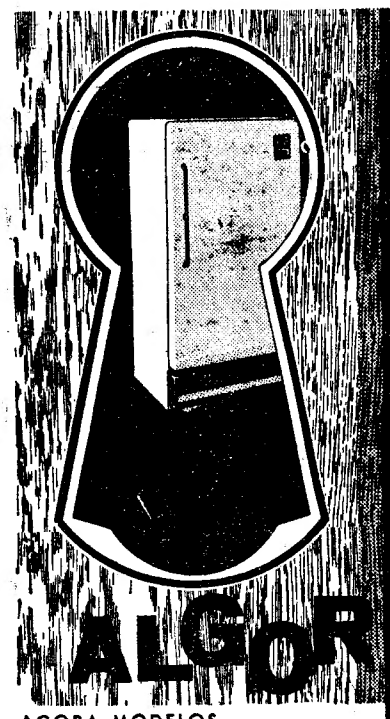
Cinemas

ALGÉS — *Stadium*—Às 21: «Corrida de morte» e «É sempre domingo» (17 anos).
PAÇO DE ARCOS — *Cine-Teatro* — Às 21 e 15: «Do alto do terraço» (17 anos).
OEIRAS — *Oeiras-Cine* — Às 21: «A furia do Poder» (12 anos)
PAREDE — *Royal-Cine* — Às 21: «Querida Stefanie» e «Em defesa da lei» (12 anos).
ESTORIL — *Casino* — Às 17 e ás 21 e 30: «Um de nós foi traidor» (17 anos). *Cine-Esplanada* — Às 21 e 15: «Dois tipos de respeito» (12 anos).
CASCAIS — *S. José* — Às 21 e 30: «Sayonara» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — *Combatentes* — Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 166 (Tel. 213953).
CAXIAS — *Nova* — Rua Bernardim Ribeiro 1-A (Tel. 242839).
PAÇO DE ARCOS — *Trindade Brás* — R. Costa Pinto, 186 (Telef. 2420034).
OEIRAS — *Godinho* — Rua Candido dos Reis, 98 (Tel. 2430090).
PAREDE — *Brandão* — Avenida da Republica, 77-C (Tel. 2471054).
ESTORIL — *Costa* — Av. Sabóia, 29-B — Monte Estoril (Tel. 260085).
CASCAIS — *Cordeiro* — R. Frederico Arouca, 16 (Tel. 280170).





PARA PROTEGER A VELHICE
HYPERSEX
COMPLEXO FOSFO-GLANDULAR HIPERTÓNICO
Esgotamentos, cansaço cerebral, astenias da idade senil, etc.
Propaganda (grátis) da *FAL* — Apartado 2 142 — LISBOA

JÚLIO CEZAR NORONHA DE OLIVEIRA

Missa do 30.º dia
Agradecimento

Maria da Madre-Deus Faria de Noronha Oliveira, seus filhos e mais família, mandam rezar missa na Basílica dos Mártires, ás 12.30 de amanhã 28, agradecendo a todas as pessoas que lhe enviaram condolências e aos que se dignarem assistir ao piedoso acto.

FÁBRICAS LUSITANA
ALCAÍNS

COMUNICAM A TODOS OS SEUS EX.MOS CLIENTES E FORNECEDORES QUE A PARTIR DO DIA 28 DO CORRENTE, OS SERVIÇOS DO SEU ESCRITÓRIO DE LISBOA PASSAM A FUNCIONAR NA RUA TOMÁS RIBEIRO, N.º 45-3.º DRT.º, COM OS TELEFONES N.º 538117 - 538224

COZ NHA VELHA

RESTAURANTE DE LUXO
PALÁCIO NACIONAI DE QUELUZ — TELEFONE 950232

Informamos os nossos estimados clientes que a nossa Sala, está reservada, depois de amanhã, sábado, dia 29, para um lanche de casamento, pelo que não poderemos efectuar os habituais serviços de Almoços, Chás e Jantares.

A DIRECÇÃO

No Cinema Império, e na presença de toda a companhia e dos srs. conselheiro da Embaixada e adido cultural alemão, o secretário nacional da Informação descerrou, no «foyer» do 1.º balcão daquela casa de espectáculos, uma lápida comemorativa da apresentação em Lisboa do «Deutsches Ballett Theater»

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- Depois de terminada a carreira da peça «Vamos contar mentiras», o Monumental deve apresentar uma comédia musicada de que serão primeiras figuras Raul Solnado, Berta Loran e Humberto Madeira.
- As actrizes Maria José, Gina Santos e Lily Neves e os actores Canto e Castro, Paulo Renato, Rui de Carvalho, Fernando Gusmão, Alexandre Vieira, Carlos Duarte e Nicolau Breyner constituem o elenco que depois de amanhã representará, no cenário natural do Largo de S. Miguel, em Alfama, a «Comédia das verdades e das mentiras», de Costa Ferreira e Francisco Ribeiro, compreendida em «Tempo de Teatro», produção de Paulo Renato e Alexandre Vieira, que a R. T. P. transmitirá directamente.
- O actor Rui Furtado também deve participar no desempenho de «Seara de vento», a próxima película de Jorge Brum do Canto, segundo o romance de Manuel da Fonseca.
- Na próxima segunda-feira, realiza-se no «ABC ao ar livre» o ensaio geral da revista «Bikini», que vai subir á cena no novo teatro do Parque Mayer na quarta-feira.

Dois filmes excepcionais são hoje exibidos

no Festival da Casa da Imprensa

O I Festival de Cinema da Casa da Imprensa, que teve o patrocínio da Fundação Gulbenkian, tem hoje o seu penultimo dia.

São exibidas, nos cinemas São Luís e Alvalade, duas excelentes películas: «A Passagem do Reno», do conhecido cineasta francês André Cayatte, superiormente interpretada por Charles Aznavour, Nicole Courcel e Georges Riviére, obra de densa expressão humanista por onde percorre um frémito de solidariedade e de esperança; e «Paixão Proibida», de Tony Richardson, com grandes interpretações de Richard Burton, Claire Bloom, filme ácido e anticonvencional, extraído de uma peça das mais importantes do moderno teatro inglês: «Look in Anger», de John Osborne.

Dois temas diferentes, com técnica e tratamento insólito — duas perspectivas ambiciosas, eis o que nos oferece o grande programa duplo de hoje do festival.

UMA HISTÓRIA EM QUE AS FIGURAS TÊM A ESTATURA DOS PÍNCAROS DAS SERRANIAS!

Drama emocionante, de forte e poderoso realismo, extraído do mundialmente célebre romance de JOHN KNITTEL

CHRISTINE KAUFMANN — GERT FRÖBE
JOACHIM HANSEN — ANITA HÖFER

numa realização primorosa de PAUL MAY

(O BRUTO DA MONTANHA)

Depois de
«A CIDADELA»
«REBECA»
«E TUDO O VENTO LEVOU»
um dos maiores êxitos da nossa época

ADULTOS
M/ 17 ANOS

Via Mala

AMANHÃ no ROMA

Exclusivo «OCIDENTE»

RIVUS e CINEMA MONUMENTAL

No desejo de proporcionar ao seu público os grandes espectáculos do passado, apresentaram na época finda dois filmes que mereceram o favor dos apreciadores de bom cinema, «O SARGENTO YORK», com GARY COOPER e «CASABLANCA» interpretado por HUMPHREY BOGART e INGRID BERGMAN, os quais recolheram novamente os maiores aplausos.
Agora, prestando homenagem a um actor que foi, durante largos anos, campeão de bilheteira e herói preferido da juventude, apresentam o seu mais majestoso filme,

As Aventuras de

MAIORES DE 12 ANOS

D. JUAN

D. Juan de Maraña, figura lendária da Espanha dos Filipes, galanteador incorrigível e o mais temido espadachim do seu tempo, revive, impetuoso, mordaz e valente, na fogosa interpretação de ERROL FLYNN, secundado por VIVECCA LINDFORS, ANN RUTHERFORD e ALAND HALE.

Um espectáculo para M. de 12 anos em maravilhoso TECHNICOLOR

AMANHÃ NO MONUMENTAL

A VINGANÇA INEXORÁVEL DE UM CRIMINOSO GENIAL!

A mão Maldita

...GANHARÁ A TÉTRICA APOSTA COM O INSPECTOR LANG DA SCOTLAND YARD? UMA, APÓS OUTRA, AS VÍTIMAS VÃO SENDO ABATIDAS... PORQUÊ?... COMO!

UM POLICIAL DE EDGARD WALLACE

EXCLUSIVO LUSOMUNDO

AMANHÃ ESTREIA

EDEN

(Maiores de 12 anos)

Recintos de diversões

Maria Amélia Proença, que está a actuar no «Solar da Madragoa», tem obtido grande êxito, com os versos «A saudade é minha», do poeta Carlos Conde, com musica de Tulio Pereira.

— É no próximo domingo que o grupo «Vai tu!», de que faz parte o antigo cantador Sebastião de Jesus, leva a efeito o seu piquenique, na Quinta da Cortegaça, em Torre da Marinha, com a colaboração do conjunto musical «Holliday Portugal».

— Fernanda Maria, Celeste Rodrigues, Natércia da Conceição, Flora Pereira, Argentina Santos, Manuel Fernandes, Manuel de Ameida e a cançonetista Maria Marise actuam gentimente na festa da estimada artista Beatriz Ferreira, no próximo dia 3 de Julho, no restaurante típico «A Viela».

LEACRIL®

A FIBRA QUE DÁ AUTOMÓVEIS

28 DE JUNHO DE 1963

DIA «LEACRIL»

Os Representantes no nosso País da Fibra LEACRIL, para comemorarem o sorteio do seu 3.º FIAT 600 D, pelos compradores de Malhas e Tecidos LEACRIL, resolveram comemorar a data de 28 de Junho como o «DIA LEACRIL».

No programa desse dia estará incluido, além do sorteio na Radiotelevisão Portuguesa, um Espectáculo no Cinema da Feira Popular, com filme e variedades.

Programa

NA RADIOTELEVISÃO PORTUGUESA

IMEDIATAMENTE ANTES DAS VARIEDADES DA R. T. P.

SORTEIO DO 3.º FIAT 600 D

com a colaboração de Henrique Mendes e Maria Fernanda

CINEMA DA FEIRA POPULAR

Às 21.30 horas o filme

«CARNAVAL DO AMOR»

com **PATT BOONE**

em **Scopecolor**

INTERVALO

OFERTA DE PORTA-CHAVES «LEACRIL»

VARIEDADES

Apresentação por HENRIQUE MENDES
CONJUNTO SHEGUNDO GALARZA
SIMONE DE OLIVEIRA
PAULA RIBAS
LOS GUAIREÑOS — TRIO PARAGUAIO
EUGÉNIA MARIA

EM EXPOSIÇÃO O 3.º FIAT 600 D, NO HALL DO CINEMA

Este programa de variedades não será transmitido na Televisão

---

ELA VIVIA NO FIO DA VIOLÊNCIA!

Com ELAINE DEVRY · Produtor EDMOND O'BRIEN e STANLEY FRAZEN · Realiz. de EDMOND O'BRIEN
Argumento ED WATERS · Bas. no nov. de JOHN D. MACDONALD · PANAVISION® · ADULTOS (M/17 anos)

AMANHÃ EMOCIONANTE ESTREIA NO CONDES

VASCO MORGADO APRESENTA **RIR!**
DOIS ESPECTACULOS SÓ PARA

AVE-NIDA
(ADULTOS)
6.ª
SEMANA
Às 21.45 h
uma comédia de
MARC CAMOLETTI
Humb. Madeira

MONU-MENTAL
(17 anos)
12.ª
SEMANA
Às 21.45 h
uma comédia de
ALFONSO PASO
Raul Solnado

Caiu do céu uma noiva

COM
HUMBERTO MADEIRA
BERTA LORAN e
RIBEIRINHO
ULTIMAS REPRESENTAÇOES

Vamos contar mentiras

COM
RAUL SOLNADO
FLORBELA QUEIROZ
ARMANDO CORTEZ

NOS DOIS TEATROS — «AR REFRIGERADO» — LUGARES DESDE 5$

TOIROS NO MONTIJO

Por ocasião das tradicionais FESTAS DE SÃO PEDRO

DIA 29

MONUMENTAL NOVILHADA

às 16,45 horas (quatro e três quartos da tarde)

8 — TOIROS PUROS — 8

da ganadaria de

Sociedade Agrícola de Rio Frio

CAVALEIROS

MANUEL CONDE
ENG. JOSÉ SAMUEL LUPI

ESPADAS

José Garcia MONDEÑO II
JOAQUIM CAMINO

DIA 30

SENSACIONAL CORRIDA DE TOIROS

às 17,30 horas (cinco e meia da tarde)

8 — BONITOS TOIROS — 8

da famosa ganadaria dos

IRMÃOS OLIVEIRA

de Samora Correia

CAVALEIROS

JOSÉ BARAHONA NÚNCIO
ENG. JOSÉ SAMUEL LUPI

MATADORES

MANUEL DOS SANTOS
CURRO GIRON

FORCADOS AMADORES DA TERTÚLIA TAUROMÁQUICA DO MONTIJO

Capitaneados pelo Ex.mo Sr. **Renato Manuel Dias**

Venda de Bilhetes, no Montijo, nos locais do costume e em Lisboa, na Agência A.B.E.P., Praça dos Restauradores

MAIORES DE 6 ANOS

HORÁRIO DAS CARREIRAS DE VAPORES PARA OS DIAS DAS FESTAS DE S. PEDRO

PARTIDA DE LISBOA (CAIS DA RIBEIRA NOVA) — **Dias úteis: 8.30 — 10.50 — 15.00 — 18.45; Domingo, 30: 7.30 — 10.30 — 13.30 — 16.30 — 22.15 — 0.45.**

PARTIDAS DE MONTIJO — Dias úteis: 7.40 — 10.00 — 13.15 — 17.20 — 2.00; Domingo, 30: 6.00 — 9.00 - - 12.00 — 15.00 — 21.00 — 23.30 — 2.00.

No dia 29 de Junho haverá mais uma carreira com partida de Montijo ás 21,00 horas

---

TOIROS em ÉVORA

Organização da Tertúlia T. Alentejana

Dia 29 — S. PEDRO — Pelas 18 horas

8 — TOIROS — 8

da afamada ganadaria do Ex.mo Senhor D. Diogo Passanha

2 — CAVALEIROS — 2

Mestre João Branco Núncio — José Barahona Núncio

2 — ESPADAS — 2

ARMANDO SOARES — JOSÉ SIMÕES

GRUPO FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM

Preços: Sol, desde 17$50; Sombra, desde 80$00

FRIGIDAIRE

NÃO NECESSITA ADJECTIVOS!...

40 MILHÕES ESPALHADOS PELO MUNDO

Rua Gonçalves Crespo, 26 A e B (ao Conde Redondo) Tel. PPC 734448

SÃO JORGE — PROGRAMAÇÃO RANK

APRESENTA HOJE, ÀS 21.30

UM FILME PARA ADULTOS!

NOTÁVEL TRATADO DOS MAIS ÍNTIMOS PROBLEMAS SENTIMENTAIS DA MULHER

NO JOGO DO AMOR GANHAM OS QUE CONSEGUEM REUNIR TODAS AS PEÇAS DO COMPLICADO "PUZZLE" DA VIDA!

A Posse do Amor

(By Love Possessed)

com

LANA TURNER — EFREM ZIMBALIST JR. — JASON ROBARDS JR.

e GEORGE HAMILTON, SUSAN KOHNER, THOMAS MITCHELL, BARBARA BEL GEDDES

COLOR

PROD. WALTER MIRISCH

ARGUM. JOHN DENNIS

REALIZAÇÃO DE JOHN STURGES

RANK FILMES

Cartaz dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE — A POSSE DO AMOR — SÃO JORGE

TIVOLI — Telefone 50595

A's 3 e 6.15 da tarde (p. r.)) e 9.30 da noite

Maiores de 17 anos

William Holden, Kim Novak e Rosalina Russell em

PIQUENIQUE

Um dos maiores EXITOS de todos os tempos

EDEN — Telefone 320768

A's 15.30, 18.30 e 21.45

Adultos (M. 17 anos)

O PRÍNCIPE E A CORISTA

Amanhã — Estreia

A MÃO MALDITA

(Maiores de 12 anos)

ROMA — Plateia 727778, Balcão 729192

A's 15.30 e 21.45 (17 anos)

Uma comédia cheia de espírito num filme diferente

MAX, O CARTEIRISTA

com **Heinz Rühmann**

No programa — O magnífico documentário português «AQUELES QUE POR OBRAS VALEROSAS».

MONUMENTAL — Telefone 555131

A's 15.15 e 21.30 (M. 17 anos)

Uma autêntica comédia francesa espirituosa, picante e original

ACORDA QUERIDA

com **François Perier, Genevieve Cluny e Daniel Gélin**

A's 18.30 — **7 NOIVAS PARA 7 IRMÃOS** (12 anos).

AVIS — Telefone 47163

A's 15.30 e 21.45 (M. 12 anos)

Um filme 100% musical

ATÉ À VISTA RIVIERA

com **Jerome Gouthland, Rex Gildo, Vico Torriani** e as 3 melhores orquestras

No programa — O magnífico documentário português «AQUELES QUE POR OBRAS VALEROSAS».

AR CLIMATIZADO

A VOZ DO OPERÁRIO — Telef. 86 21 55

A's 21 horas (M. 12 anos)

MARINA

S. O. S. PACÍFICO

No Domingo, 30 — O GUME DA NAVALHA (Adultos).

SÃO LUIZ — Telefone 327172

A's 15 e ás 21 horas (17 anos)

I Festival de Cinema da CASA DA IMPRENSA

A PASSAGEM DO RENO com Charles Aznavour

PAIXÃO PROIBIDA com Richard Burton

SÃO JORGE — Telefs. 54153/4

A's 21.30 ESTREIA (Adultos)

A POSSE DO AMOR

A's 18.15 — Ultimas exibições

QUANDO O MUNDO CEGOU

POLITEAMA — Telefone 326305

HOJE, ás 21.30 EM REPOSIÇÃO: A SENSACIONAL FARSA DO MAIOR CÓMICO DO MUNDO

CANTINFLAS, DEPUTADO

com **Gloria Mange** e **Andrés Soler**

A história de um barbeiro transformado em advogado, regente de orquestra e deputado.

(Maiores 12 anos)

CONDES — Telefone 322523

A's 15.15 (p. red.) e ás 21.30 (M. 12 anos)

Eddie Constantine na espectacular aventura de um homem endiabrado dado a saias... e sarilhos!

UMA NOITE EM MONTE CARLO

com **Barbara Laage** e **Marlon Michel**

A's 18.15 (M. 17 anos) — Sessão «Os grandes romances de amor», «UM ESTRANHO NA MINHA VIDA», com Kim Novak.

ESPLANADA PORTUGÁLIA — Telef. 4 76 63

As 21.30 (M. 17 anos)

O SABOR DO MEDO

MALDOSAMENTE INGÉNUA

CINEMA IDEAL — Telefone 324194

As 21 horas (M. 12 anos)

O INVENCÍVEL HOMEM DO ESPAÇO

COMPLEMENTO CURTO

S. LUIZ — Telefone 48560

As 21 horas (M. 17 anos)

MORTE SEM PERDÃO

A MULHER QUE SABIA SOFRER

IMPÉRIO — Telefone 555134

A's 15.15 e 21.30 (Adultos)

BOURVIL na comédia satírica

OS PRAZERES DA CIDADE

Grande Prémio do Humor

ALVALADE — Telefone 763086

(M. 17 anos)

A's 21 horas I Festival de Cinema da CASA DA IMPRENSA

PAIXÃO PROIBIDA com Richard Burton

A PASSAGEM DO RENO com Charles Aznavour

ODEON — Telefone 326283

A's 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30

2.ª SEMANA da comédia de permanente gargalhada

TU E EU SOMOS 3

com **Analia Gade** e **Alberto Mendoza**

Uma história que revela ás mulheres os perigos de se casarem por procuração.

Eastmancolor (M. 12 anos)

RESTELO — Telefone 610375

Às 21.15 (M. 17 anos)

OS PIRATAS DO RIO SANGRENTO

com **Kervin Mattews**

ROYAL — Telefone 865037

As 21 horas (M. 17 anos)

UM, DOIS, TRÊS DE MÃOS DADAS COM O DIABO

TERRASSE — Telefone 320917

As 21 horas (M. 17 anos)

AO LONGO DA NOITE CORAÇÃO, NÃO BATAS MAIS!

CASINO ESTORIL

A's 17 e ás 21.30 (M. 17 anos)

UM DE NÓS FOI TRAIDOR com Bernard Blier

O PLANO MAIS CRIMINOSO DE TODOS OS TEMPOS, CONCEBIDO POR UM INIMIGO DESCONHECIDO QUE A POLÍCIA PERSEGUE COMO UM FANTASMA!

A MÃO INVISÍVEL do dr. MABUSE

UM FILME DE VERDADEIRO «SUSPENSE»!

com

LEX BARKER

KARIN DOR

SIEGFRIED LOWITZ

Excl. TALMA FILMES

ADULTOS

ESTREIA

AMANHÃ, ÀS 21,45

AVIS

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

LOÇÃO FLECHA

Dá aos cabelos a sua cor primitiva e elimina a caspa

Dep.: Drogaria e Perfumaria QUINTANS

Rua da Prata, 194-196—LISBOA

TEATROS E CINEMAS

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

«Os prazeres da cidade», no Império

O excelente comediante francês Bourvil, um «2 cavalos» e a cidade de Paris proporcionaram a Alex Joffe (realizador) e a Jean Bernard Luc (argugumentista) um espectáculo cinematográfico da melhor qualidade — «Os prazeres da cidade» («Le Tracassin» ou «Les Plaisirs de la Ville»), produção francesa ontem estreada no Império.

Desde o ritmo cinematográfico, verdadeiramente extraordinário, até á excepcional montagem — predicados que não escaparam a nenhum espectador — passando pelas situações e «acidentes» da história extremamente feliz, cheia de graça, ironia, malícia e «verdade», «Os prazeres da cidade», no género de comédia satírica, é um filme incomparável.

Durante o desbobinar da excelente película, cada espectador, sem querer, vai-se identificando com o heróico André Loriot e revivendo momentos da vida de todos os dias.

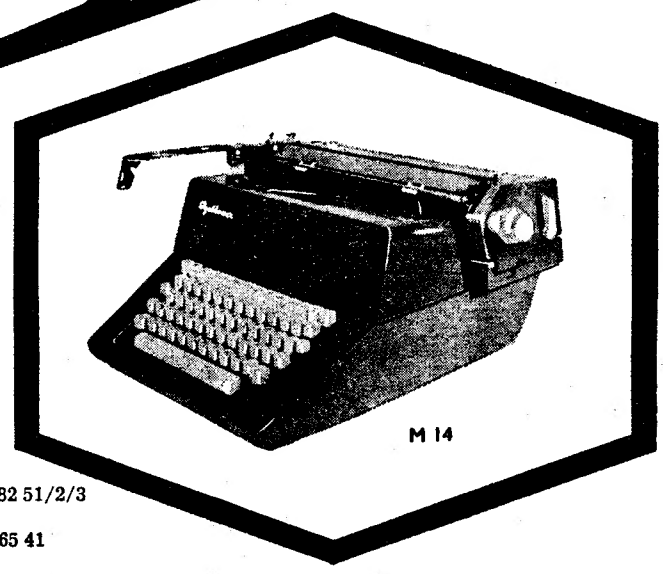
«Os prazeres da cidade», já galardoado com o Grande Prémio do Humor Cinematográfico, é um filme digno de figurar entre os melhores do seu género.

O agradável programa do Império inclui um desenho animado de categoria «O Brinde» («Le Cadeau»), que recebeu os primeiros prémios dos Festivais Internacionais de Cork e Oberhausen. — **Visor 55.**

«As canções unidas», no Coliseu

Estreou-se ontem no Coliseu um belo filme, realizado por Tito Davinson, no qual se aproximam 22 nações, através do seu folclore, das suas canções, das suas danças e da sua musica. Vinte e dois países apresentam o que têm de melhor e mais vistoso, quer em trajos, quer em musica, quer em danças, uma parada de cor em que predominam lindas e alegres raparigas. Todas as nações representadas neste filme fazem o reclamo dos seus respectivos países com o movimento das suas cidades, os seus usos e costumes, os seus arranha-céus, os seus portos marítimos, os seus lugarejos, o movimento de transito e Portugal também se faz representar com os telhados de Lisboa e Amália Rodrigues, que canta «Uma Casa Portuguesa...». Figuram neste filme Ima Sumac, Manuel Mexia, Lola Beltran, Jacqueline Françoise, Xiomara Alfaro, Lucho Gatica, Jean Leon Destine, Wilson Viana e Orquestra Bersagliere, os mais famosos conjuntos coreográficos do Japão, Chile, Colombia, Alemanha, Indonésia, Panamá, Espanha e Jamaica. — *Visor 99.*

DÊ À SUA DACTILÓGRAFA A MÁQUINA QUE LHE FALTA!



Optima

REPRESENTANTE:

REGISCONTA

LISBOA
Rua Serpa Pinto, 15-A 15-B—Tel. 36 82 51/2/3
PORTO
Praça do Município, 303-307 — Tel. 2 65 41
COIMBRA
Rua Dr. Manuel Rodrigues, 16-20—Tel. 2 61 08

HOJE ÀS 21.30 NO POLITEAMA

UMA DAS MAIS CÓMICAS FARSAS DO GENIAL ACTOR QUE O PÚBLICO TEM PEDIDO PARA SER NOVAMENTE APRESENTADO!

VOTEM EM CANTINFLAS PORQUE ELE É O... DEPUTADO

M/ 12 ANOS

REAL. MIGUEL M. DELGADO

CONDUTOR DE ORQUESTRA E DE MASSAS... ADVOGADO E POLÍTICO... ORADOR POR EXCELÊNCIA...

CANTINFLAS

DÁ-NOS TODOS OS CAMBIANTES DO BOM-HUMOR!

COLISEU
Emp.ª Ricardo Covões, Herds.
HOJE, AS 21.30
(Maiores de 12 anos)
OS GRANDES FILMES
CANÇÕES UNIDAS
E
A NOIVA
PREÇOS POPULARES

ABC
(ao ar livre)
GENTE NOVA EM BIKINI
(M. 17 anos)

PARA ADULTOS
«A TOCA»
DE
CARLOS RAMOS
TRAVESSA DOS FIÉIS DE DEUS, 34
TEL. 323443 — BAIRRO ALTO
HOJE — GRANDIOSA NOITE DE FADO
EM HOMENAGEM AO GRANDE POETA
JOÃO LINHARES BARBOSA
NOS SEUS 50 ANOS DE POETA DO FADO
COLABORAM NESTA AUTÊNTICA
FESTA DE FADO E POESIA
OS MELHORES FADISTAS QUE MELHOR TÊM INTERPRETADO OS VERSOS DO GRANDE POETA
DIRECÇÃO ARTÍSTICA DE FILIPE PINTO
Aceitam-se marcações

Em MOSCAVIDE o «DIARIO DE LISBOA» encontra-se á venda na «TABACARIA AUGUSTO DA SILVA CARVALHO. Av. de Moscavide. 26.

TEATRO DA TRINDADE
F. N. A. T.
Em colaboração com o TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

Temporada Popular de Ópera e Opereta

Dedicada aos beneficiários da F. N. A. T., sócios dos Sindicatos Nacionais, C. A. T. e C. R. P.

HOJE, Dia 27 — Às 21,30 horas
ESTREIA DA ÓPERA
BOÉMIA
(de G. Puccini)
COM: Maria Cristina Castro, Maria Andrea Gaspar, Hugo Casais, Rui Inglês, Manuel Leitão, José Lopes, Álvaro Malta, Mário Oliveira João Rosa e João Veloso.
ORQUESTRA SINFÓNICA DA EMISSORA NACIONAL
Maestro Director: SILVA PEREIRA — Règista: Tomaz Alcaide
Bilhetes à venda — PLATEIA: 5$00 (Maiores de 12 anos)
DIA 28 — ás 21.30 horas — estreia do 2.º elenco da Opera «BOÉMIA»

AVISO: Depois de subir o pano não é permitida a entrada na sala de espectáculos.

DESPORTOS

SPORTING, 0 P. DESPORTOS, 0

Várias circunstâncias afectaram o rendimento das duas equipas

O publico que ontem, á noite, se deslocou a Alvalade, para presenciar o anunciado embate entre o Sporting, uma equipa em plena recuperação, e a Portuguesa de Desportos, um «onze» brasileiro que na sua digressão pela Europa causara a melhor das impressões, revelava no final do jogo um certo descontentamento, sendo frequentes as exclamações de arrependimento pelo tempo perdido.

Sem pretendermos que tenha valido a pena, temos a opinião de que exagerou um tanto quem assim pensou, porquanto muito embora o jogo não tenha atingido nível excepcional, a verdade é que foi possível, mesmo assim, assistir-se a excelentes momentos, idênticos aos dos melhores jogos da presente temporada.

A impressão de desagrado de muitos dos espectadores deve filiar-se, acima de tudo, na ausência de tentos, um pormenor sempre a ter em conta e, em segundo lugar, no facto da equipa leonina, que no período inicial se exibira com certo agrado visual, no período complementar e muito especialmente em virtude das várias substituições operadas, não ter conseguido manter o mesmo ritmo.

Tendo jogado ainda há poucos dias uma partida extremamente difícil com o seu adversário de sempre e quase em vésperas de uma final que também não se afigura fácil, os «leões» naturalmente oscilaram um tanto. O cansaço natural, aliado ao receio de qualquer lesão, impediram o rendimento que vinha a ser normal.

A quebra de velocidade e a renuncia a muitos lances constituem o melhor testemunho.

Com as duas equipas a perfilharem idênticos processos (os brasileiros revelaram-se perfeitamente em dia com as características do futebol europeu) o período inicial foi agradável de seguir, repetimos, tendo trechos de bola corrida excelentes. A manobra atacante de qualquer dos conjuntos não logrou, porém, o seu objectivo. Todavia, os brasileiros neste período poderiam ter resolvido o encontro a seu favor, pois, apesar de tudo, lances houve em que o perigo rodeou a baliza de Carvalho (um livre, em «folha seca» marcado por Silvio — que levou a bola á trave, um tento anulado por deslocação de Gino (?) e um grande remate de Gessy a que o «capitão» sportinguista correspondeu com a defesa da noite). Nessa altura o Sporting oscilou um tanto, mas quando os seus estrategas começaram a explorar os corredores laterais, afastando portanto a bola dos corredores centrais, o equilíbrio reapareceu, nada surpreendendo portanto o empate ao intervalo.

A segunda parte, como já deixámos transparecer, teve menos interesse. Os «leões», de início ainda tentaram a vitória, mas cedo se conformaram entrando alguns dos seus jogadores mais influentes em mais que evidente economia de esforço, enquanto outros, na generalidade os que entraram neste período, mostraram dificuldade em adaptar-se ao ritmo do jogo. E como os brasileiro, aliás, os mesmos que tinham iniciado o prélio também não forçaram, o encontro perdeu interesse e motivou as tais explosões de desagrado.

Foi pena que a realização do jogo não se tivesse verificado em data mais oportuna. Qualquer das equipas teria necessáriamente rendido mais e o publico sairia naturalmente mais satisfeito.

Mas, apesar de tudo, refira-se, ainda se pôde ver muito bom lance de futebol, executado de parte a parte.

Na equipa leonina, Carvalho, Lucio, Pérides, a dar, todavia, demasiadas largas ao seu opositor directo, e o veterano Hugo, que reapareceu com a maior utilidade, pareceram-nos os elementos que estiveram mais próximo do seu valor.

Entre os brasileiros, o gigante Ditão, Vilela, Pampulim e Nair, os homens de meio campo, foram os melhores de uma equipa que tem ou parece ter como melhor arma, o conjunto.

Não podemos apreciar de forma alguma arbitragens caseiras e assim não compreendemos como o juiz António Calheiros perdoou uma grande penalidade aos «leões» quase ao findar da primeira parte. Falha de visão seria um escandalo...

NUNO MOTA

Arbitro: António Calheiros.

SPORTING — Carvalho; P. Gomes (Lino) e Hilário; Pérides, Lucio (Morato) e Julio (Alfredo); Hugo (Augusto), Osvaldo (Bernardo), Mascarenhas (Figueiredo), Géo (Osvaldo) e Figueiredo (Géo).

PORTUGUESA DE DESPORTOS — Orlando; Cácá e Edilson; Pampulim, Ditão e Vilela; Neivaldo, Gino, Silvio, Nair e Gessy.

O Futebol Benfica venceu o Benfica para o «Nacional» de hóquei em campo

Ontem, ao fim da tarde, no campo de «Francisco Lázaro», disputou-se o encontro entre o Futebol Benfica e o Benfica, a contar para a quarta jornada do Campeonato Nacional de Hóquei em Campo.

As equipas, com direcção de Armando Oliveira Pinto e Leríndio Santos, apresentaram:

FUTEBOL BENFICA — José Ferreira; Carlos Alberto e Fernando de Sousa; Jorge Nunes, Jaime Figueiredo e Vítor Saraiva; António de Oliveira, Perna, Edgar, António Pedro e Carlos Silva.

BENFICA — Alexandre; Alípio e Lima; Carlos Alberto (Mário Lopes), Pinheiro e Vilas; Belarmino, Eduardo de Sousa, Jorge Silva, Gama e Armando Bento.

O encontro terminou com a vitória dos «encarnados-e-pretos», por 1-0, golo marcado por António Pedro, aos 15 minutos, na primeira parte.

★

Acontece, porém, que da maneira como o jogo decorreu, os visitantes não mereciam sair do rectangulo na posição de vencidos. Se é verdade que os donos da casa podiam ter marcado mais um golo, também não é menos certo que os «encarnados» ainda na primeira parte podiam ter igualado o marcador — perdida flagrante de Belarmino — e, no segundo período, constituiram, sem duvida, o conjunto mais perigoso que esteve no terreno.

As suas descidas, muitas recheadas de perigo, sucederam-se, e se não fora a magnífica actuação dos defensores da «casa», é muito natural que o resultado tivesse tido outro cariz.

No queremos, no entanto, dizer que os «encarnados-e-pretos» não tivessem feito jus ao golo que marcaram, pois, no período inaugural, ainda com fôlego, os donos da casa imprimiram ao jogo um andamento veloz, com lances bem delineados e com esquematização variada.

Acentue-se, como nota final, que dos jogos efectuados, em Lisboa, a contar para o «Nacional», este terá sido o melhor, pois decorreu, também, com correcção, a despeito de algumas falhas de arbitragem, mesmo assim muito superior ás do ultimo fim de semana.

O tenente Pimenta da Gama em evidência no «Jamping» de Barcelona

BARCELONA, 27. — Resultados das provas de «Jamping», realizadas ontem, á tarde, nas pistas do Real Club de Polo de Barcelona:

Prova Salvador Viada, para militares: 1.º tenente Gama (Portugal), no «Passage», 1 m 27 s 2/10; 2.º, cap. Cabanes (Esp.), no «Balsero», 1 m 33 s 5/10; 3.º, cap. Cabanes (Esp.), no «Balsero», 1 m 33 s 5/10; 4.º, cap. Sureda (Esp.), no «Caoba», 1 m 35 s; 5.º, ten. Gama (Portugal), no «Mazarin», 1 m 47 s; 6.º, ten. Cruz (Port.), no «Fox Glave», 2 m 1 s 7/10; 7.º, ten. Gama (Port.), no «Jonquillo», 2 m 4 s.

Prova para civis: 1.º, Goyoaga (Esp.), no «Kif Kif», 1 m 18 s 8/10; 2.º, Goyeneche (Esp.), no «Duncan», 1 m 19 s 1/10; 3.º, Pierre Jonquere d'Oriola (França), no «Fígaro», 1 m 26 s 8/10; 4.º, Dewald (Holanda), no «Gesto», 1 m 28 s 5/10; 5.º, Grayston (Holanda), no «Bright», 1 m 30 s 1/10. — (F. P.).

O moçambicano LOURO

pretendido pelos rivais Benfica e... Sporting

LOURENÇO MARQUES, 27.— Os grandes rivais do futebol português, Benfica e Sporting, estão mais uma vez em compita, agora, na tentativa de adquirirem o concurso de Louro, o excelente avançado-centro do Ferroviário.

Segundo se diz, as condições oferecidas pelos «leões» teriam sido superadas pelo clube da «Luz», cujo delegado nesta cidade, afirma ainda o «Notícias», «tudo fará para que Louro ingresse na turma dos Campeões Nacionais». — (L.).

Uma fase do encontro de ontem, á noite, entre o Sporting e a Portuguesa de Desportos

RÂGUEBI — A força e o peso são vencidos pela destreza, inteligência e coragem

Para muitos, o raguebi é um jogo para ser praticado por indivíduos, quase gigantes ou excessivamente fortes, que justifiquem a chocarreira expressão: «Lá estão os elefantes aos encontrões».

A infelicidade da frase, proferida outrora, deixou de ter importancia, pois a evolução do jogo assim o permitiu. O raguebi, jogo que faz apelo, mais do que qualquer outro, á inteligência do praticante, tem, por isso mesmo, a vitalidade de um corpo vivo e as suas regras estão evoluindo de modo a fazer apelo á mente e não ao físico dos jogadores.

Desde 1948, mais ou menos, que o raguebi francês começou a projectar-se no mundo da bola oval com uma força poderosa. Em 1958, conquistou o «Tosão d'Oiro», plaqueta equivalente ao campeonato do Mundo da modalidade, porque foi a primeira equipa europeia a vencer os famosos «Springboks», na África do Sul. Nunca os famosos e temíveis raguebistas do continente negro tinham sido vencidos em casa. Por isso, Bloemfountein ficou como um marco miliário na história do raguebi mundial.

Há muitas equipas onde a força é escolhida como factor primordial de valorização. Evidentemente quando a técnica dos adversários é fraca, os fisicamente mais fortes têm possibilidades de se impor, desgastando os adversários com os choques e as placagens constantes.

As tácticas de «meia-volta contacto» e a terrível «percussão» revelam, apenas, uma lastimável falta de capacidade técnica por parte dos treinadores e dos jogadores. É claro que, se a outra equipa não tiver capacidade para evitar o contacto, tais tácticas a diminuirão e permitirão o domínio do jogo por parte dos adversários, que as empregam. Tivemos, esta época, um flagrante exemplo deste facto na vitória obtida pelo campeão nacional sobre o C. D. U. L.

E' pois, inegável que as equipas mais leves devem seguir tácticas baseadas na agilidade, na rapidez de execução, na velocidade e na o contacto por meio de fintas, de trocas de passes, de «mudanças de pés», de «crochets», de passos laterais podem os jogadores menos doimaginação dos jogadores. Evitando tados fisicamente impedir que os seus oponentes mais robustos lhes diminuam as faculdades de velocidade e rapidez de reflexos, que comandam todas as suas acções.

Todavia, para se utilizar as tácticas atrás indicadas é preciso um trabalho aturado, tanto do treinador como dos jogadores, no sentido de se conseguir a perfeição técnica e o tempo (timing) que lhes permitam ganhar terreno sem perderem a posse do «oval» nem sofrerem placagens demolidoras, valendo-se da parte da lei que diz: «um jogador só pode ser placado, quando de posse da bola». Portanto, se um jogador tiver rapidez de execução e movimentos pode, durante os oitenta minutos de jogo, participar no encontro sem ser placado, legalmente, uma unica vez. Não esqueçamos, também, a mentalização errada de muitos jogadores que pensam mais em «demolir» os adversários do que em construir jogadas de ataque, rápidas, espectaculares, emocionantes, susceptíveis de cativar o publico e entusiasmá-lo. Os árbitros contribuem, igualmente, para o aspecto actual da modalidade pois não punem as entradas de cabeça baixa, com a bola debaixo do braço. Se o jogador baixa a cabeça para passar sob os braços do adversário que o vai placar alto, está bem. Porém, se se projecta contra três ou quatro adversários, como tantas vezes acontece, deixa de jogar raguebi e merece ser punido.

Como prova final daremos aos entusiastas do raguebi alguns numeros, tirados de um jornal francês, que provam a vitória da destreza e da inteligência sobre a força.

Em 1961 a França organizou uma selecção que foi fazer uma excursão á Nova Zelandia, onde disputou catorze jogos dos quais três jogos-testes. Num deles a França sofreu a maior derrota dos ultimos trinta anos. Todavia no balanço final dessa desastrosa (?) «excursão» os numeros diziam: França: 7 vitórias, 35 ensaios, 9 transformações, 4 pontapés de penalidade e 10 pontapés de ressalto.

Noza Zelandia: 7 vitórias, 20 ensaios, 23 pontapés de penalidade e 2 pontapés de ressalto.

A equipa de voleibol do Benfica, que conquistou a Taça «Annegret Costa»

As voleibolistas do Benfica conquistaram a Taça «Annegret Costa»

Atingiu o melhor êxito a organização de um torneio de voleibol feminino, nos moldes da Taça Latina, levado a efeito pelo C. D. U. L., no ultimo fim de semana.

Mais uma vez, graças á iniciativa particular, foi possível ás nossas voleibolistas manter uma actividade, que tão benéfica é, mas que, por incuria de muito responsável, tão pouco frequente se torna. Participaram no torneio as equipas do Benfica, C. D. U. L., Sporting e Lisboa Ginásio, afinal os quatro clubes lisboetas que mantêm a respectiva secção.

Na jornada inaugural, o C. D. U. L., campeão regional, foi surpreendido pela turma do Benfica, sem duvida, o concorrente mais categorizado depois do campeão.

Entretanto, o Sporting desembaraçava-se com relativa facilidade do L. Ginásio.

A final entre os dois rivais de sempre foi muito bem disputada, e terminou com mais uma vitória benfiquista, expressa nos seguintes numeros: 3-2 (15-1; 10-15; 16-14; 12-15 e 15-10).

As vencedoras, que conquistaram a Taça «Annegret Costa», apresentaram a seguinte formação: Teresa Torgal, Madalena Canha, Conceição Magalhães, Adelaide Canas, Luísa Cruz, Maria José Maya e Fernanda Simões.

O Valência ganhou a Taça das Cidades com Feira

VALENCIA, 27. — Na 2.ª «mão» da final da Taça de Futebol das Cidades com Feira, disputada ontem, á noite, nesta cidade, o Valencia F. C. bateu o Dínamo de Zagreb, por 2-0. Os espanhóis estavam a ganhar ao intervalo, por 1-0. O Valencia, que já tinha ganho em Zagreb, por 2-1, conquistou, assim, a Taça. — (F. P.).

LET'S LEARN ENGLISH

Vocabulário da lição n.º 7 (Parte 1) que a Radiotelevisão Portuguesa transmite amanhã, dia 28, pelas 20 horas:

INGLÊS	PORTUGUÊS
eleven	— 11
twelve	— 12
thirteen	— 13
fourteen	— 14
fifteen	— 15
sixteen	— 16
seventeen	— 17
eighteen	— 18
nineteen	— 19
twenty	— 20
twenty-one	— 21
twenty-two	— 22
twenty-three	— 23
twenty-four, etc.	— 24
You're repeating numbers	— Estas a repetir numeros
You're repeating words	— Estás a repetir palavras
It's very hot	— Está muito calor
It's very cold in this room	— Está muito frio nesta sala
Please close the window	— Faça o favor de fechar a janela
Please open the window	— Abre a janela se faz favor
He's opening the window	— Ele está a abrir a janela
He's closing the window	— Ele está a fechar a janela
piano	— piano
What's he doing?	— O que está ele a fazer?
write	— escreve
listen	— ouve
copy	— copia
repeat	— repete
study	— estuda
please	— por favor, faz favor, faça favor
breakfast	— pequeno almoço

LET'S LEARN ENGLISH
Volume I e II à venda em todas as livrarias
Preço de cada volume: 47$50
LIVRARIA BERTRAND

As Jornadas Leiteiras
e a indústria de lacticínios

Com o pedido de publicação, recebemos do Grémio Nacional dos Industriais de Lacticínios o seguinte:

«A Direcção do Grémio Nacional dos Industriais de Lacticínios, depois de apreciar as conclusões das «Jornadas Cerealíferas e Leiteiras», há pouco realizadas, bem como alguns aspectos das intervenções tornadas conhecidas, através da grande Imprensa, deliberou solicitar a publicação, nesse conceituado jornal, das seguintes considerações:

a) — Este Grémio não pode ficar indiferente perante a situação da Lavoura, que obrigou tão importante sector da actividade nacional a pedir ao Governo a subida de preços de alguns dos seus produtos, como medida de salvação imediata — independentemente de outras a longo prazo, como as inerentes a um planeamento regional — e desejaria contribuir para a solução da crise, no que se refere ao leite, pela forma que julga ser mais eficaz;

b) — Importa, todavia, ponderar que a industria de lacticínios do Continente português terá de suportar sérias dificuldades para se manter em regime de *mercado aberto*, se a sua matéria-prima principal — o leite — não puder ser adquirida em *qualidade e preço* compatíveis com os países que atingiram um alto nível de produção — jamais quando tiver de adoptar idênticas condições de trabalho (salários, encargos sociais, etc.), e depois de eliminadas práticas de «dumping», de subsídios á exportação ou de subvenções aos produtores, intervenções estas que se equivalem em matéria de concorrência;

c) — Prestamos a melhor atenção ao notável discurso proferido pelo ilustre secretário de Estado da Agricultura, eng.º Azevedo Coutinho, ao iniciar aquelas Jornadas, no qual, depois de recordar quanto as causas da crise da agricultura são «complexas e profundas», julgou oportunas algumas referências «á evolução que tem de operar-se para que ela e o País possam responder ás exigências próprias, de ordem nacional e também de ordem internacional».

Entre essas referências registamos:

> «... a agricultura não pode considerar o seu ressurgimento sèm o relacionar com a industria que trabalha os seus produtos, com o comércio que os movimenta e conduz ao outro elemento a atender — o publico — que, para os consumir, necessita dispor do correspondente poder de compra. A valorização da agricultura é, por conseguinte, a valorização de um elo de circuitos económicos e, como tal, não pode efectuar-se como unidade independente...».

E mais adiante, depois de sublinhar que, na época em que vivemos, são cada vez maiores as exigências em matéria-prima qualificada para a industria ao mesmo tempo que as áreas mercantis e as necessidades populacionais se observam, dia a dia, em crescente alargamento, insistiu em que

> «... o maior interesse da agricultura está mais em orientar as suas explorações para as necessidades destes pólos de atracção do que em produzir segundo os seus hábitos e em persistir na tutela do Estado para alguns produtos, quando esta se revela insustentável».

E acrescentou:

> «Diremos, até, que a crise que a agricultura atravessa, não só em Portugal, mas pela Europa fora, tem fortes raízes nas dificuldades de recíproca compreensão entre os sectores primário, secundário e terciário, na persistência de angulos fechados á aceitação de que o bem-estar de cada um só será possível e duradouro se também se verificar para os demais».

E ainda:

> «De todos os modos, qualquer solução que venha a ser sugerida, para que se torne efectiva e profícua, exige produção ao mais baixo custo, a ter, consequentemente, de respeitar a primeira condição de ajustamento das explorações agrícolas ás possibilidades das nossas diferenciadas regiões ecológicas com escolha das culturas que melhor respondam ao mercado interno e externo, aperfeiçoamento das técnicas agrárias...»;

d) — Firmadas estas bases ou princípios orientadores, que animam o Governo, merece-nos reparo o facto de se ter apresentado, quanto ao leite, o pedido do cumprimento do Decreto-Lei n.º 39 178, com todas as suas consequências lógicas, isto é, com o objectivo de se realizar, em *regime de exclusivo*, a sua recolha e comercialização pelas organizações da lavoura e constituir-se, por esta forma, a primeira fase de aniquilamento ou *eliminação da industria não cooperativa*, nossa agremiada, e alcançar o monopólio pretendido pelas fábricas das cooperativas agrícolas — monopólio, este, certamente lesivo do interesse nacional.

Tal diploma não proporciona soluções equitativas nas regiões onde tem sido aplicado, pois, se por um lado, prevê acordos de carácter intercorporativo a celebrar entre os Grémios da Lavoura e dos Industriais de Lacticínios para a venda colectiva do leite, por outro, estes contratos revelam-se inconvenientes já que enquanto aqueles Grémios acordam entre si a venda do leite, os produtores passam para as suas cooperativas que o industrializam e cuja criação os mesmos Grémios da Lavoura favorecem...;

e) — Verifica-se, pelos relatos publicados na Imprensa, que nas Jornadas se fizeram afirmações precipitadas nada conformes com aquele «trabalho sério e conscienciosos» atribuído no documento que contém as respectivas conclusões.

Não nos compete discutir as referências feitas á «divergente opinião do representante da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, em face do exposto pelos representantes da Direcção-Geral dos Serviços Pecuários» ou mais exactamente ás opiniões do Grupo de Trabalho nomeado para o estudo do abastecimento de leite, cujo relatório, contráriamente ao que se afirmou nas Jornadas, não é favorável aos interesses dos industriais nossos agremiados, pois mantém, por tempo indeterminado, zonas onde os exclusivos ou monopólios a favor das Organizações da Lavoura tornam pouco viável a comparticipação da industria no abastecimento, em vez de estabelecer um regime de paridade.

Todavia, cumpre-nos fazer uma referência ao facto do re-

(Continua na 14.ª página)

O sr. Rui da Cunha, presidente do Hockey Club de Sintra, fala das iniciativas e propósitos da sua colectividade

O Hockey Clube de Sintra
(com o patrocínio do «Diário de Lisboa») está a organizar o Concurso da Rainha e Princesas de Beleza
das Sociedades de Recreio daquele concelho

A tormentosa e asfixiante vida dos pequenos clubes, por insuficiência de recursos financeiros, levanta problemas cruciantes ao seu desenvolvimento, mas, em contrapartida, apraz acentuar que é precisamente nesses meios que se fomentam e solidificam muitas amizades e se constroem os mais vivos e edificantes exemplos de dedicação e zelo desportivos. Por isso mesmo, o ideal clubista singra apenas quando sócios e dirigentes, numa perfeita simbiose de pensamento e de esforços, caminham animados pelo mesmo querer, fé e combatividade constantes, evitando os obstáculos que lhes veda o caminhar mais rápido.

E' nesta imagem simples que se enquadra e retrata o Hockey Club de Sintra, prestigiosa agremiação que se sente encorajada para a luta, no sentido de congregar energias, a fim de fazer ressurgir em primeiro plano as suas gloriosas tradições, que souberam alardear longe das nossas fronteiras o vin-

(Continua na 13.ª página)

A organização do festival e o patrocínio do «Diário de Lisboa»

Ninguém desconhece, por certo, o intenso labor das colectividades de educação e recreio, populares e desportivas que, por esse País além, conseguem, mercê do espírito de sacrifício e do dinamismo dos seus dirigentes e associados, promover uma obra a todos os títulos meritória—nem sempre bem compreendida ou estimulada. Quase todas, porém, atravessam momentos de dificuldade financeira, pois as exigências da vida moderna são cada vez mais incompatíveis com o seu trabalho e obrigam a despesas por vezes incomportáveis.

Tentam essas colectividades ladear os obstáculos que se lhes antolham, com iniciativa após iniciativa, no sentido de fomentar as receitas. Está neste caso o Hockey Clube de Sintra, prestigiosa agremiação que, no seu campo de especialidade desportiva, tem proporcionado ao País e ao Desporto motivos de justificado aplauso.

Com efeito, aquele popular clube lançou agora uma iniciativa que serve não só os seus objectivos imediatos de receita (não esquecendo, num gesto que lhe fica bem, a Santa Casa da Misericórdia local), mas também a actividade das instituições locais que colaboram nessa interessante ideia. Queremo-nos referir ao Concurso da Rainha e Princesas das Sociedades de Educação e Recreio do Concelho de Sintra, a que o «Diário de Lisboa» dá o seu patrocínio, o qual tem proporcionado a essas colectividades um desusado movimento associativo.

A partir de amanhã, principiaremos a publicar a fotografia e alguns dados biográficos das candidatas já apuradas para a fase final, com um breve escorço das principais aspirações que preocupam as instituições que representam.

Delegados d
da Cort
assistem à As
da Federa

Abriu esta manhã, no Palácio Conde de Castro Guimarães, em Cascais, a assembleia geral da Federação Cinológica Internacional.

Estão presentes delegados de 17 nações, alguns vindos expressamente da América do Sul e dos países da Cortina de Ferro.

Portugal está representado pelos srs. eng. Frederico Oom, prof. dr. Manuel Fernandes Marques e dr. José Joaquim Correia Monteiro. Preside aos trabalhos o sr. dr. António Cabral, simultaneamente presidente da Federação Cinológica Internacional e do Clube Português de Canicultura.

Reunidos em sessões de manhã e de tarde, os delegados á assembleia assistiram a um almoço que lhes foi oferecido, no Palácio Conde de Castro Guimarães, pelo Clube Português de Canicultura.

Os trabalhos da assembleia termi nam amanhã, seguindo-se um programa de actividades sociais.

Acaba de sair o romance:

GLÓRIA AOS VENCIDOS

por **Henri Troyat**

3.º volume da série:

A LUZ DOS JUSTOS

180.000 exs. vendidos em França

1 vol. 45$00

CLÁSSICA EDITORA
Restauradores, 17 — LISBOA

RELÓGIOS
De todas as marcas, máxima garantia, preços de concorrência
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA 257

Produto para cura de Emagrecer

Adypok

Aprovado pelo ROYAL DIETETIC INSTITUTE
Um dos mais famosos Institutos de Dietas do mundo

(2$00) Preço ultra económico para preparar uma refeição normal equivalente a 250 calorias.

Perdas de pêso de 1 a 3 quilos por semana

Peça em postal literaturas grátis à *FAL*—Apartado 2.142 — LISBOA

Acaba de sair

ELA E ELE

por **Jean Duché**

Um romance de humor conjugal que nos conta a divertida comédia dum jovem casal moderno.

1 vol. 30$00

CLÁSSICA EDITORA
Restauradores, 17 — LISBOA

CASAMENTO
Lanches a 50$, 55$, 60$ por pessoa incluindo todos os vinhos, e salão próprio sem aumento de preço
PASTELARIA S. JOÃO
Av. de Paris, 3-A — T. 725600

CHEFE DE I

Empresa importante pr
cidade com experiência e b
sigilo no caso de estar empr
Resposta a este jornal ao n.

Eram três jovens irmãos

(alunos do Liceu de Lamego)

os autores dum engenhoso sistema de transmissões

para vencer as dificuldades dos exames...

LAMEGO, 27. — Nesta época em que se assiste ao desenvolvimento espantoso da técnica, não admira que o espírito inventivo se alargue cada vez mais, chegando a todos os sectores e, sobretudo, aos dos mais jovens. É este o caso de três irmãos — Gil dos Santos, Fernando Artur e Tiago Frederico — que se dedicam, de há muito, ao estudo dos problemas das comunicações pela Rádio, conseguindo construir e montar os mais diversos aparelhos, alguns dos quais com inovações curiosas, filhas do seu próprio engenho.

São fervorosos adeptos do rádio-amadorismo e um deles, o Tiago Frederico possui até carta oficial de rádio-amador. Ao que parece, porém, os três irmãos, que cursam o ensino liceal, são menos aplicados nas matérias do estudo oficial do que nos segredos da Rádio. E tanto assim que, para vencerem as dificuldades dos exames dos 2.º e 3.º ciclos do liceu local, engendraram um curiosos sistema de inter-comunicações pela Rádio.

O caso, que se reveste de aspectos curiosos, foi descoberto, ontem, quando decorriam as provas escritas dos exames de Matemática do 2.º ciclo a que concorria o Gil dos Santos Frederico. Num estabelecimento próximo do liceu, pertencente á firma Silva & Costa, Ld.ª, um dos sócios da casa, o sr. António da Costa, quando ouvia o seu receptor de rádio, notou, por várias vezes, interferências que entendeu perfeitamente dizerem respeito a perguntas e respostas sobre assuntos que se relacionavam com os exames que sabia estarem a efectuar-se no referido liceu.

O sr. Costa dirigiu-se pressuroso, ao liceu, onde denunciou o facto ao reitor, o qual resolveu esclarecer a situação. Visitando as diversas salas, o reitor desconfiou de um aluno que trazia, num ouvido, um penso de algodão. Tratava-se, como se compreenderá, do Tiago que, convidado a sair da sala, viu-se compelido a retirar o penso, sob o qual, preso ao ouvido estava um minusculo aparelho receptor, ligado, por sua vez, a outro aparelho emissor que trazia no pulso, como se fosse um relógio. Nos bolsos, possuía várias pilhas com as quais alimentava, por intermédio de pequeníssimos fios, todo aquele complexo mas perfeito sistema de comunicações.

Interrogado sobre o insólito acontecimento, confessou que se encontrava em comunicação com os outros dois irmãos, dispostos em diferentes locais, mas próximos do liceu, a quem solicitava informações sobre os pontos de Matemática. Convocados os comparsas, que são também alunos do mesmo liceu, mas do 7.º ano, soube-se então, vencidas algumas negativas e disfarces, que os três irmãos, a princípio, comunicavam em ondas curtas e estavam seguros da sua habilidade, mas, devido ás más condições atmosféricas, tiveram de optar pelas ondas médias mudança que lhes foi funesta, logo que o sr. Costa os ouviu e os foi denunciar, como se lhe competissem funções policiais ou de inspecção.

Comprovada a sua cumplicidade, o reitor determinou-lhes a aplicação do artigo 468 do Estatuto do Ensino Liceal, que lhes proibe a continuação das provas (do 2.º e do 3.º ciclos), anulando as que já estavam feitas.

A estranha ocorrência tem sido o motivo das conversações do dia, nesta cidade e nos arredores, sendo unanime a condenação do comerciante Costa. Entretanto, os três irmãos, que são naturais de Nagoselo (São João da Pesqueira) seguiram para o domicílio paterno.

As taxas

sobre os melaços provenientes do Ultramar das Ilhas e do Continente

O Ministério das Finanças fez publicar na folha oficial um decreto em que, considerando o actual regime açucareiro do continente que está em vigor até ao ano cultural de 1966-1967, ponderando as implicações que a libertação dos direitos aduaneiros que incidem sobre os melaços contendo mais de 55 por cento de açucares totais poderá ter no referido regime e atendendo a que se encontra nomeada uma comissão para o estudo do regime a vigorar depois do ano cultural citado, se diz que até ao ano cultural de 1966-1967, se antes desse ano outra disposição não for tomada, os melaços contendo mais de 55 por cento de açucares totais ficarão sujeitos ao pagamento da taxa de 1$16 por quilograma, quando provenientes das províncias ultramarinas.

Esta taxa será cobrada pelas alfandegas no acto do desembaraço aduaneiro daquela mercadoria.

A taxa referida no artigo anterior será igualmente devida pelos melaços contendo mais de 55 por cento de açucares totais produzidos no continente e ilhas adjacentes, quando transaccionados pelos produtores. Neste caso, a cobrança da taxa competirá ás respectivas tesourarias da Fazenda Publica.

...os países
...tina de Ferro
...sembleia
...ação Cinológica

A 14.ª Exposição Canina Internacional do Estoril

Sábado e domingo, a Junta de Turismo da Costa do Sol promove a 14.ª Exposição Canina Internacional do Estoril, de harmonia com os regulamentos e aprovação do Clube Português de Canicultura.

Numerosos exemplares, alguns dos quais muito raros, concorrerão ao certame, disputando-se valiosos trofeus. Um juri internacional atribuirá as classificações e os exemplares apresentar-se-ão em classes individuais e colectivas.

Na tarde de domingo efectua-se, também, o tradicional concurso «La Belle et la Bête» — e á noite, no Casino Estoril, o habitual jantar para a distribuição dos prémios.

Assistem a este jantar os delegados á assembleia geral da Federação Cinológica Internacional.

COMEÇOU A CORRIDA AO TÍTULO DE «MISS UNIVERSO»

NOVA YORK, 27. — 14 encantadoras raparigas, louras, morenas ou ruivas, todas aspirantes ao título de »Miss Universo», vindas da Europa ou do Médio Oriente, chegaram ontem a Nova York, vindas de Roma, a fim de seguirem para Miami, onde o concurso se realizará, no dia 20 de Julho.

Irene Godwin, uma bonita loura, que representa a Bélgica, é música. Toca piano, acordeão, guitarra, sabe cantar e gostaria de «lançar-se» nos Estados Unidos. Confessou ter poucas esperanças de ser eleita «Miss Universo».

«Miss Espanha», Maria Rosa Perez Gomez, natural de Tenerife (Ilhas Canárias), também não acalenta ilusões quanto ás suas probabilidades de conquistar o título. — (F. P.).

NOVO VOGAL

do conselho ultramarino

Em substituição do prof. Raul Ventura, exonerado, a seu pedido, foi nomeado vogal do Conselho Ultramarino o capitão-de-mar-e-guerra Gabriel Teixeira.

Novas e funcionais instalações foram hoje inauguradas no Parque de Campismo de Monsanto

Novas instalações beneficiaram bastante o Parque Municipal de Turismo e Campismo, em Monsanto — recinto todo o ano frequentado por turistas, nacionais e estrangeiros.

Foram esta tarde ali inauguradas, com efeito, vários melhoramentos, que muito valorizam o Parque, tornando-o mais funcional e atractivo.

Temos logo á entrada uma secretaria de recepção, a funcionar em novos moldes, destinada a facilitar ao máximo a normalização da entrada e permanência dos campistas.

O restaurante, util no tempo menos favorecido de sol, sofreu apreciável amplitação — e o Centro de Convívio foi beneficiado com uma sala de Inverno, de sugestiva de coração e óptima luz.

Concluiram-se, também, os balneários da piscina, bem como o solário e ajardinamento circundante. Note-se que, dentro em breve, será também inaugurado um conjunto de duches quentes.

Os diversos campos de jogos acusam beneficiações de interesse, e a rede eléctrica geral foi ampliada.

Todas estas obras foram levadas a efeito pela repartição encarregada das obras municipais, pelo que se deslocou a Monsanto, para assistir á inauguração, o sr. general França Borges, presidente do Município.

NA HOMENAGEM a Helder Ribeiro

participam antigos ministros da República

No almoço de homenagem que no próximo domingo, ás 13 horas, vai ser oferecido ao coronel Helder Ribeiro, combatente do 5 de Outubro e da Grande Guerra, que sobraçou as pastas da Guerra e da Instrução, tomam parte alguns antigos ministros. Acham-se inscritos os srs. prof. Mário de Azevedo Gomes, almirante Mendes cabeçadas, eng. Cunha Leal e dr. Nuno Simões, que fazem parte da comissão de honra, como já anunciámos.

A comissão organizadora da homenagem é constituída pelos srs. drs. Acácio Gouveia, Mário Soares, Raul Rego, eng. Sá Cardoso e capitão Vilhena. As inscrições, como já dissemos, podem fazer-se nas livrarias Sá da Costa, na Rua Garrett, 100; Morais, na Rua da Assunção, e na Casa do Alentejo, na Rua Eugénio dos Santos.

LEI ORGÂNICA

do Ultramar Português

Foi hoje publicada no «Diário do Governo» a lei n.º 2119, que promulga as alterações á Lei Organica do Ultramar Português, as quais se contêm em quase todas as bases daquele diploma.

PUBLICIDADE

...ecisa admitir chefe de Publi... ...oas referências, guardando-se ...egado. Idade máxima 35 anos. ...5594.

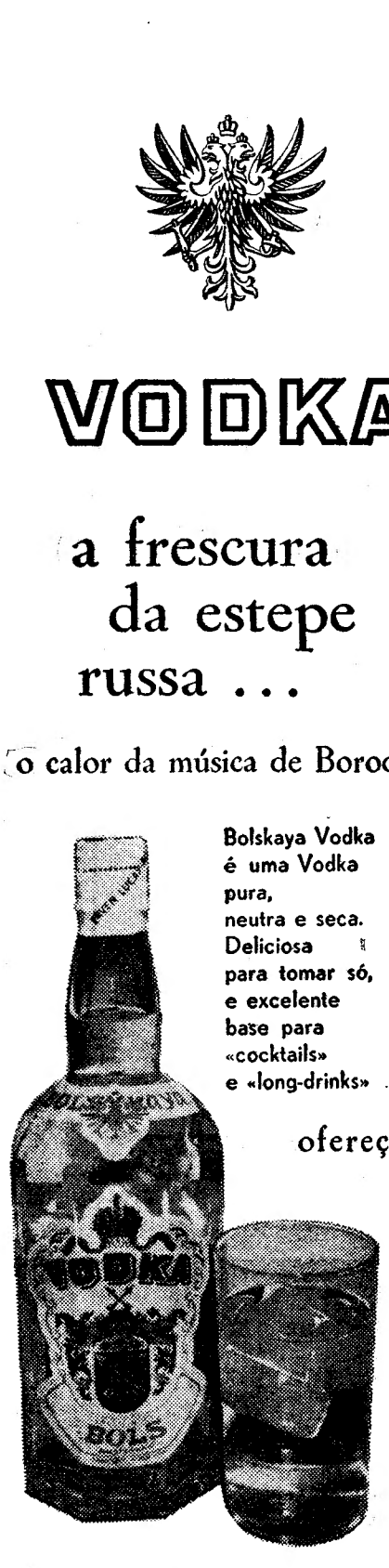
TAKY (DEPILATÓRIO) Francês

Agora o CREME é:
MAIS MACIO
MAIS RÁPIDO
MAIS PERFUMADO
Pelo correio, Esc 22$00, em selos
COUTO, LDA. – PORTO

VODKA

a frescura da estepe russa ...

... o calor da música de Borodine

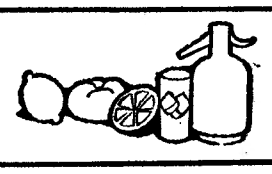


Bolskaya Vodka é uma Vodka pura, neutra e seca. Deliciosa para tomar só, e excelente base para «cocktails» e «long-drinks»

ofereça a si próprio o prazer de beber Vodka

BOLSkaya

experimente
Bolskaya Vodka com sumo de limão, laranja ou tomate, um pouco de açúcar, gelo, água gasosa ou soda.
É BOM... É BOLS



PREÇO 40$00 — J. A. DA COSTA PINA—R. do Alecrim, 69—Lisboa • COSTA PINA E VILAVERDE—R. do Bonjardim, 420—Porto

um prazer que pede BIS

TENHA-A EM SUA CASA

PEÇA-A NO SEU BAR

SABOREIE-A NO SEU PASSEIO

cerveja CUCA

OS EXAMES NOS LICEUS

Exames do 3.º Ciclo

(1.ª Chamada)

Prova escrita de Latim

Micipsa, rei da Numídia, á hora da morte, fala a Jugurta, seu sobrinho, que adoptou e instituiu herdeiro, e aos seus dois filhos: aconselha-os á paz e á concórdia.

«Nunc, quoniam mihi natura finem *vitae* facit, per hanc dexteram, per regni fidem moneo obtestorque te, uti hos, qui tibi genere propinqui, *beneficio* meo fratres sunt, caros habeas, neu malis alienos adjungere quam sanguine conjunctos retinere.

Non exercitus neque thesauri praesidia regni sunt, verum amici, quos neque armis cogere neque auro parare queas: officio et fide pariuntur.

Quis autem amicior quam frater *fratri*? aut quem alienum fidum invenies, si *tuis* hostis fueris?

Equidem ego vobis regnum trado *firmum*, si boni eritis; sin mali, imbecillum: nam concordia parvae res crescunt, discordia maximae dilabuntur.»

I

1) Escreva no ablativo do singular e no acusativo do plural neutro a palavra *amicior*.

2) Conjugue o presente do indicativo do verbo a que pertence a forma do texto, *malis*.

3) A forma *cogere* é composta do verbo *ago:* diga o que sabe sobre os compostos deste verbo.

4) Justifique os casos das palavras que no texto estão em itálico.

II

Traduza o texto.

III

Verta para latim:

Este rei pediu a Jugurta que vivesse em paz com os seus dois filhos, porque não duvidava que o seu reino só se tornaria sólido, com o amor e concórdia dos três.

Prova escrita de Latim

SOLUÇÃO

I — 1) *Amiciore* e *amiciora*. 2) *Malo, mavis, mabult, Malumus, mavultis, malunt*. 3) Os compostos de *ago* podem assumir três aspectos: uns conservam o *a* do radical *(circumago, perago);* noutros, aquele *a* passa a *i (abigo, adigo, redigo);* ainda noutros, regista-se a contracção do mesmo *a* com a vogal do prefixo *(cogo, dego)*. 4) *Vitae* — dativo do singular, compl. indirecto; *beneficio* — ablativo do singular, compl. circ. de meio; *fratri* — dativo do singular, dependente de *amicior; tuis*—dativo do plural, dependente de *hostis;* e *firmum* — acusativo do singular, atributo de *regnum*.

II — Agora, porque a natureza me põe termo á vida, por esta (tua) mão direita, pela promessa do poder, recomendo-te e suplico-te que consideres como entes queridos aqueles que são teus parentes pela raça e teus irmãos graças a mim, e que não prefiras juntar (a ti) estranhos em vez de conservares os (que estão) ligados pelo sangue.

Não são sustentáculos do poder nem os exércitos nem os tesouros, mas os amigos, que não podes reunir pela força nem adquirir com o ouro: (os amigos) fazem-se com a boa vontade e a dedicação.

E quem mais amigo de um irmão do que um irmão? Que estranho encontrarás tu digno de confiança, se fores inimigo dos teus?

Sem duvida vos entrego um reino sólido, se fordes bons; fraco, se, pelo contrário, fordes maus; porque com a concórdia as coisas pequenas robustecem-se e as grandes dissipam-se com a discórdia.

III — Hic rex Jugurtham oravit ut quiete cum duobus suis filiis viveret, quod non dubitabat quin regnum suum nisi caritate et concordia inter tres non firmum fieret (ou facturum esset).

Prova escrita de Geografia

1.ª PARTE

Responda, sucintamente, aos seguintes assuntos, de acordo com os tópicos que se indicam.

Cosmografia

1 — A incidência dos raios solares sobre a superfície terrestre varia em função da latitude. Faça o estudo geométrico da variação da altura meridiana do Sol, no solstício de Junho, ás seguintes latitudes:

a) no equador;
b) no Trópico de Cancer;
c) a 45° de latitude Norte;
d) no Círculo Polar Artico;
e) no pólo Norte.

2 — Tire conclusões relativamente á duração do dia e da noite no Equador (a), a 45° (c) e no pólo Norte (e).

Geografia Física

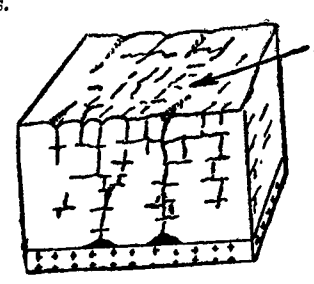
3 — A observação de uma carta de isotérmicas anuais mostra-nos que, em certas zonas do globo, essas linhas acompanham, sensivelmente, os pararelos, ao passo que, noutras zonas, as mesmas linhas apresentam acentuadas sinuosidades. Como se explica este facto?

4 — Como se classificam as chuvas, quanto á sua origem?

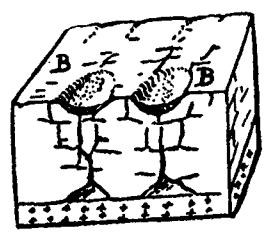
5 — Recorde a observação que fez do mapa da distribuição anual das chuvas no globo e diga, em relação ao continente europeu, quais são as regiões de maior e de menor pluviosidade, explicando o fenómeno.

6 — Recordando o que estudou sobre os efeitos dos agentes internos de modelação, diga o que entende por um «horst» e por uma «fossa» *(graben)*. Faça um esquema de cada uma destas formas estruturais e cite um exemplo de cada uma.

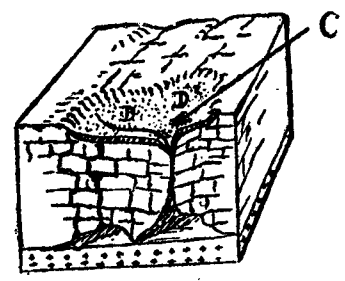
7 — Os seguintes blocos-diagramas ilustram três fases da evolução de um relevo cársico. Explique essa evolução e mencione os nomes das formas indicadas pelas letras e setas.



1



2



3

Geografia Humana

8 — Quais são os factores fundamentais que condicionam a distribuição do Homem, no globo?

9 — Indique os caracteres fundamentais do género de vida das populações das regiões áridas, referindo-se ao nomadismo.

10 — Faça uma breve exposição sobre o «habitat» rural agrupado, apontando as suas formas e os factores que o condicionam. Apresente exemplos.

2.ª PARTE

Dos dois seguintes temas para desenvolvimento, responda a *um*, e só a *um*, á sua escolha, subordinando-se ao respectivo sumário.

Geografia de Portugal

I

A população do arquipélago da Madeira e a sua actividade:

a) Traços fundamentais do quadro físico do arquipélago: o relevo e os caracteres climáticos.

b) Distribuição da população e os factores de essa distribuição. O «habitat» rural. Considerações gerais sobre a localização dos principais centros de população.

c) A agricultura e a criação do gado. Carácter da actividade industrial.

d) A emigração.

II

A população caboverdiana e a sua actividade:

a) Traços fundamentais do ambiente físico: o relevo, o solo arável e o clima.

b) O povoamento do arquipélago.

c) A agricultura e a criação do gado; principais industrias.

d) A emigração caboverdiana: direcção principal da corrente emigratória e discussão do problema do seu desvio para outras terras portuguesas.

(Publicaremos amanhã a respectiva solução).

Prova escrita de Matemática

Indique os cálculos que o levaram aos resultados.

Algebra

I

1 — a) Que relação deve existir entre a e p para que o polinómio

$$x^3 + 2x^2 - x + p$$

seja divisível por $x+a$?

b) Faça $a=2$ na relação que obteve em a) e determine o correspondente valor de p. Continuando a supor $a=2$, substitua no polinómio dado p pelo valor achado e decomponha o polinómio que assim obteve, se possível, num produto de factores do primeiro grau.

2 — Dada a função real de variável real

$$y = \frac{2x^2 + x - 1}{x}$$

a) Indique o conjunto dos valores de x para os quais a função é determinada.

b) Esta função é uniforme? Justifique. E a sua função inversa, será também uniforme? Justifique.

c) A função é descontínua no ponto $x=0$. Justifique esta afirmação.

d) Prove que a função é crescente em todo o seu domínio de existência.

e) Prove que em todo o seu domínio a função só toma valores reais.

3 — Determine $\log_3 \sqrt[5]{64}$.

b) A partir do resultado obtido e, sabendo que $\log 2 = 0{,}30\,103$, calcule $\log \sqrt[5]{64}$.

4 — Existe um valor real de k para o qual se verifica a igualdade

$$\frac{i^0 + i + i^2 + k\,i^3}{i^0 - i - i^2 - i^3} = i$$

Determine-o.

II

Trigonometria

5 — Determine os valores de x que verificam as condições:

$$\begin{cases} \cos(x - 70°) + \cos(x + 50°) = \frac{1}{2} \\ 0 < x < 360° \end{cases}$$

6 — Dada a função

$$y = \sqrt{\frac{17 + 15 \operatorname{sen} 2x + 8 \cos 2x}{2 - 2 \cos 2x}},$$

exprima y em função de tgx.

III

Geometria Analítica

7 — Uma das diagonais de um quadrado existe sobre a recta de equação $y=x-1$. Um dos vértices do quadrado é o ponto A (2; 3).

Demonstre que dois dos lados do quadrado são paralelos ao eixo horizontal e os outros dois são paralelos ao eixo vertical.

IV

Aritmética Racional

8 — a) Demonstre que se o numero n é divisível por dois numeros a e b, primos entre si, então n é divisível pelo produto $a\,b$.

b) Prove que se n for um inteiro ímpar não divisível por 3, será sempre n^2+5 divisível por 6.

(Publicaremos amanhã a respectiva solução).

Exames do 2.º Ciclo

(1.ª Chamada)

Prova escrita de História

I

Responda concreta e concisamente *ás sete perguntas seguintes.*

História Universal

1 — A natureza dos materiais usados pelo homem primitivo permite dividir a Pré-história em períodos.

a) Quais são esses períodos?

b) Mencione os tipos de monumentos pré-históricos que se conhecem.

2 — O Cristianismo foi perseguido porque parecia quebrar a unidade moral do Império Romano.

a) Que imperador iniciou a perseguição aos cristãos? Que eram as catacumbas?

b) Em que século foi concedida aos cristãos a liberdade de culto? Que documento a concedeu?

3 — Economia fechada e laços de submissão pessoal constituem aspectos essenciais do Feudalismo.

a) Qual era a grande e quase unica fonte de riqueza nesta época? De que meio se serviam os reis e os grandes senhores para recompensarem os serviços prestados?

b) Mencione os principais deveres do vassalo para com o suserano.

4 — A Revolução Francesa trouxe profundas modificações na vida política. Indique um acontecimento importante que tenha contribuído para cada uma das seguintes transformações ocorridas em França:

a) Formação da Asembleia Nacional Constituinte.

b) Estabelecimento da Convenção.

c) Restauração monárquica (1814).

d) Governo dos Cem Dias.

História de Portugal

1 — D. Afonso Henriques levou a reconquista definitiva até á «linha do Tejo».

a) Indique os castelos que dominavam essa linha.

b) Que expedição militar estrangeira colaborou com este rei? Como explica essa colaboração?

2 — D. João II quis abater o poderio da nobreza.

a) Que disposições tomou nesse sentido?

b) Qual foi o resultado das conspirações movidas pela nobreza contra o soberano?

3 — O regicídio colocou bruscamente no trono D. Manuel II.

a) Como procurou este monarca resolver a crise política portuguesa?

b) Refira outros problemas da vida nacional que tenham merecido especialmente o interesse do rei.

II

Desenvolva o tema seguinte, referindo-se exclusivamente *e por ordem ás alíneas indicadas.*

Aspectos da cultura portuguesa do séc. XVIII

a) Condições económicas do reinado de D. João V.

b) Características da cultura europeia da época. Actividade dos «estrangeirados».

c) As mais importantes instituições culturais fundadas no reinado de D. João V.

(Publicaremos amanhã a respectiva solução).

Prova escrita de Inglês

Read carefully the following passage, which is not *to be translated.*

The Japanese as a people are very polite. They are polite with each other and they are particularly polite towards foreigners.

A Japanese student was in the United States studying at an American University. He did not know English well and wanted very much to learn the various expressions of politeness used in everyday conversation. He had been invited to a party at the home of one of his professors. He bought a book with many expressions of this kind in it, and he studied the expressions carefully. That afternoon at the professor's home, when the professor's wife served him coffee and sandwiches, he got at once to his feet, smiled happily, and said: «Thank you, dear Sir or Madam, as the case may be».

I

Answer the following questions:

1) Towards whom are the Japanese particularly polite?

2) Who served the student coffee and sandwiches at the party?

3) What did the student do at once?

4) What did the student say to the professor's wife?

5) What mistake had the student made in studying the book of expressions?

II

Translate into Portuguese:

Another story concerns an American who was spending several months in Japan on business. He had a young Japanese servant who, like most Japanese, was extremely polite. The American wished to get up very early one morning and told the servant, the night before, to be sure to wake him at six o'clock.

At six o'clock exacty, the servant entered the American's room quietly and left a message on the table alongside the American's bed.

At eleven o'clock the American woke up, looked at his watch, and jumped out of bed. The message on the table said:

«Dear Sir, it is now exactly six o'clock. Please get up at once».

III

Turn into English:

Talvez tenham apreciado estas duas pequenas histórias. Parecem-me engraçadas, e definem bem o carácter do povo japonês.

Podem calcular o espanto do nosso bom americano, quando acordou ás onze horas e leu o recado escrito no pedaço de papel que o criado japonês tinha deixado, ás seis horas da manhã, na mesa de cabeceira.

IV

Write a short composition about a *Table Laid for Lunch or Dinner.* Make use of the following words: *the table-cloth; plates and dishes; spoons and forks; glasses and cups; a teapot, etc. Food: fish, meat, eggs; wine or beer.*

(Publicaremos amanhã a respectiva solução).

Prova escrita de Matemática

SOLUÇÃO

I

Álgebra

1

a)
$$6x^2 - 5x + 1 - 4x^2 + 1 + 4x^2 - 4x + 1 = 6x^2 - 9x + 3$$

b) É um trinómio do segundo grau

c) De duas maneiras, segundo as

(Continua na página seguinte)

EXAMES PARA AMANHÃ

Ensino liceal

2.º ciclo — 1.ª chamada

(28 de Junho — Sexta-feira)

Ciências Físico-Químicas — 9 horas (90 minutos)

Desenho á vista — 11 horas (120 minutos)

3.º ciclo — 1.ª chamada

História e Ciências Naturais — 15 h. (90 minutos cada)

Francês e Alemão — 17 horas (90 minutos cada).

Ensino técnico

C.º Preparatório -- 1.ª chamada

Matemática — 9 horas (90 minutos)

(Das matérias do programa não versadas nas aulas deve-se fazer a correspondente declaração no ponto não se apondo a assinatura).

Deve-se levar lápis e borracha (podendo o ponto ser feito a lápis), caneta e tinta (devendo o nome do examinando se feita a tinta) e papel branco para rascunho e contas.

EXTERNATO DE PORTO DE MÓS

INSTRUÇÃO PRIMÁRIA E CURSO COMPLETO DOS LICEUS

INSTALAÇÕES MODERNAS EM CLIMA DE ALTITUDE

PENSIONATO

Telefones: 42287 e 42118 — PORTO DE MÓS

OS EXAMES DO ENSINO TÉCNICO

Exame do ciclo preparatório

(1.ª Chamada)

Língua e História Pátria

I

Aquele Ladino, o pardal!

Então não estava já um homem, um homem feito, e não ficara uma semana inteira em luta com a família toda por não querer largar o ninho! Punha a cabecita fora do buraco, olhava, mas é o atiras dali abaixo!... A mãe fazia demonstrações, fazia... E falava na coragem dos irmãos, uns heróis! Que não queria saber de cantigas. Quem é que lhe garantia que as asas o aguentavam? É que não era brincadeira nenhuma aquela altura! Até a vista se lhe escurecia. O pai, danado, era cada picada que nem ferrão de carreiro. Mas santinha paciência! Não saía... E de olho pisco ali ficava no quente o dia inteiro, a dormitar! Um manhosão. Contudo um dia lá se resolveu. Mas que medo! Que cautela! Confessava que nessa altura as pernas lhe tremiam que nem varas verdes. O coração no peito, como um cavalo. Os olhos, esses, não viam nada.

Valeu-lhe a mãe:

— Abre as asas, rapaz, não tenhas medo! Força! Não tenhas medo!

II

a) Que título darias a este lindo trecho? Não gostava que lhe desses apenas o nome de «O Pardal Ladino». Escolhe outro título mais expressivo e justifica a tua resposta.

b) Encontraste, ao leres esta històriazinha, várias expressões de sabor popular, mais pitorescas, digamos, mais engraçadas... Transcreve duas dessas frases.

c) Portugal, condado ainda, quis voar e libertar-se do reino de Leão. Quem o orientou nos seus desejos de liberdade e o fez surgir como nação independente?

III

a) O pardal Ladino foi de miudo muito diferente dos pardalitos seus irmãos. Eles voavam, voavam... Ele, não! Que fazia então durante o dia inteiro?

b) «Ele olhava, olhava», diz a lição. O autor repetiu propositadamente «olhava, olhava». Que pretenderia ele com esta repetição?

c) Os pardalitos eram diferentes. Não te admires! Entre os homens há tantos irmãos, unidos pelo sangue e pela educação e que escolhem os caminhos opostos... Os filhos de D. João I tão ilustres, orientaram as suas vidas por caminhos diversos. D. Duarte, espírito calmo, dedicou-se a... D. Henrique, alma aventureira, sobretudo impulsionou...

IV

a) Já percebeste bem que o Ladino não tinha vontade nenhuma de sair do ninho. Os pais pretendiam ajudá-lo, a seu modo. Como procedeu cada um deles?

b) «Mas, *santinha* paciência!»

1) Como classificas gramaticalmente (ou seja morfològicamente), nesta frase, *santinha?*

2) Escreve tu agora uma frase, da tua invenção, em que empregues a mesma palavra, mas com uma categoria gramatical diferente.

c) A mãe do Ladino, podemos dizer, foi mãe *educadora*.

1) Na História de Portugal, uma rainha houve que honrámos com esse cognome. Que rainha foi?

2) O filho dessa rainha soube corresponder dignamente ás esperanças de sua mãe e do seu povo. Quem foi esse rei? E porque motivo foi tão amado do povo?

V

a) O Ladino sentiu medo, quando se resolveu a sair do ninho. Medo de quê?

E como, no momento do primeiro voo, se manifestou esse medo que parecia invencível?

b) «O coração no peito, como um cavalo». Esta frase, como já notaste, está incompleta. Preenche os espaços com palavras que esclareçam melhor o sentido: O coração..... no peito, como se..... um cavalo.

c) Medo sentiram muitos portugueses destemidos. Bendito medo! Porque foi vencido e os tornou confiantes. Quem, desfazendo lendas tenebrosas, dobrou o Bojador?

Quem, em luta grandiosa com o mar e até com a tripulação, ultrapassou o cabo das Tormentas?

VI

a) Nos momentos angustiosos do primeiro voo, a mãe do Ladino incitou-o com algumas palavras. Achas que essas palavras, apenas essas palavras, seriam força suficiente para o Ladino perder o medo e se lançar no primeiro voo? Justifica a tua resposta.

b) Escreve o último parágrafo da lição começando-o assim: A mãe disse ao rapaz que.....

c) Gloriosas as nossas caravelas sulcaram mares desconhecidos; em terra, desbravámos sertões; pelo ar, abrimos novas estradas. Escreve os nomes de dois intrépidos portugueses exploradores do continente africano.

Quem, rasgando os ares, uniu num abraço amigo Portugal e o Brasil?

VII

Este pardalito era tímido, medroso. E continuaria a sê-lo, se não tivesse a vigilância amiga da mãe e o rude amparo do pai

Já pensaste, com o coração e com a inteligência, no muito que os teus pais, ou aqueles que de perto te acompanham, representam na tua vida.

Vais falar no seu amor, no seu sacrifício, na sua luta de todos os dias e até nos seus incitamentos, para que, aos voares para a vida, o faças com firmeza e serenidade.

SOLUÇÃO

II

a) O título que eu escolheria era este: «O Pardal Medroso». Realmente, o pardal da história, além de manhoso, («ali ficava no quente, a dormitar»...), não queria largar o ninho, as pernas «tremiam-lhe que nem varas verdes» e o coração no peito saltava-lhe como o de um cavalo. Se saísse do ninho, «quem é que lhe garantia que as asas o aguentavam?» «Não era brincadeira nenhuma daquela altura!» «Os olhos, esses, não viam nada!»

b) 1.ª — «...é o atiras...» (3.ª linha). 2.ª — «...santinha paciência!» (7.ª linha).

c) O conde D. Henrique. Por sua morte, a mulher, D. Teresa e, depois, o moço Afonso Henriques.

III

a) «Punha a cabecita fora do buraco, olhava, olhava...» Durante o dia inteiro, «de olho pisco, ficava no quente, a dormitar!»

b) A repetição da forma verbal «olhava» tem um valor reforçativo, de intensidade. É sinónimo, mais ou menos, de «não fazia outra coisa senão olhar», «olhava muito».

c) D. Duarte, espírito calmo, dedicou-se a escrever («Leal Conselheiro», «Arte de Bem Cavalgar a Toda a Sela»...). D. Henrique, alma aventureira, sobretudo impulsionou o movimento expansionista dos descobrimentos e conquista (Ceuta...).

IV

a) Como o pardal não queria largar o ninho, com medo, «a mãe fazia demonstrações e falava da coragem dos irmãos; uns heróis!» O pai, esse, «danado, era cada picada, que nem ferrão de carreiro».

b) 1) Na frase, «santinha» é um adjectivo qualificativo. 2) «Santinha» pode ser um substantivo diminutivo: «A *santinha* fez o milagre.»

c) 1) D. Maria II. 2) D. Pe dro V. Foi «o muito amado», porque, além da obra de fomento iniciada no seu reinado e da paz que o país conheceu e há muito não tinha, visitou, nos hospitais, as vítimas da peste e da cólera que, em epidemia, grassavam no reino.

V

a) Tinha medo de cair, pois achava que a altura era enorme. No momento do primeiro voo, o medo era tanto, que «as pernas tremiam-lhe que nem varas verdes» e «o coração saltava-lhe no peito, como um cavalo»; «os olhos, esses, não viam nada.»

b) O coração *saltava-lhe (pulava-lhe)* no peito, como se *fosse* um cavalo.

c) Gil Eeanes. Bartolomeu Dias.

VI

a) Eram. A mãe pardaloca procurou espicaçar-lhe o brio e a força de vontade. A mãe pardaloca, como mãe, procurou incutir-lhe ânimo e coragem.

b) A mãe disse ao rapaz que «abrisse as asas, que não tivesse medo. (Que era precisa) força. Que não tivesse medo.»

c) Capelo e Ivens, Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

VII

Redacção: parte do ponto substancialmente subjectiva (sem resolução colectiva).

COMENTÁRIO

Dentro do sistema vigente de exames, este ponto traz uma lufada de ar fresco e de novidade. Trecho lindo, impregnado de poesia, perfeitamente acessível ao nível médio dos examinandos. Linguagem corrente, fluente, viva, quotidiana. Unidade de estruturação perfeita, completa Não há fractura de «Língua Pátria» e «História». Língua (interpretação, estilo, vocabulário, gramática...) está em íntima correlação com a História, que apela para conhecimentos gerais, abarcando, admirávelmente, em conexão com o texto, as três dinastias. Quanto á redacção, de tema já muito trabalhado (todas as Escolas movimentaram a massa escolar no Dia da Mãe e no Dia de S. José), é natural que se caia em formas esteriotipadas. Talvez de uma maneira geral, não seja este ponto muito de seleccionar...

Uma sugestão: porque se condiciona o espaço para resposta ao examinando? A Escola Activa, que este ponto serve maravilhosamente, não exige do professor que aproveite, livremente, tudo quanto o aluno tem em si, ainda que em potência? Na 4.ª classe, o examinando não tem espaço limitado para resposta. Nas provas liceais, também não. Dois exemplos apenas: duas linhas para responder a cada uma das partes da alínea c) do V grupo não é muito? Em compensação, duas linhas para responder á alínea a) do IV grupo não será pouco?

Esta observações, em nada, tiram o brilho a este ponto, que os detractores do Ciclo Preparatório certamente irão considerar «facílimo». Mas não têm razão. Ponto para uma criança de 12-13 anos, perfeitamente elaborado dentro do que o programa exige, a sensibilidade sugere e a moderna pedagogia pretende Aliás, duas escolas técnicas elementares de Lisboa, pelo menos, no corrente ano lectivo, elaboraram paa os seus alunos do 1.º ano, exercícios escritos dentro dos moldes deste ponto de exame. Acrescente-se que os referidos pontos foram realizados quando ainda se não pensava em exames. Não deturpar...

Na revisão do ponto, passou, o que é para lamentar, na medida em que se tratava de uma prova de Língua Pátria um erro ortográfico (IV, c), 2) «E porque motivo...?), *Porque* tem de ser separado (segue-se a palavra *motivo*). Oxalá, os examinandos tenham, em todos os estabelecimentos de ensino, sido esclarecidos devidamente sobre o erro.

(Publicaremos amanhã o ponto e a solução de Ciências Geográfico-Naturais).

OS EXAMES NOS LICEUS

(Continuação da pagina anterior)

potências decrescentes de x, ou segundo as potências crescentes

d)

$$(2x-1)\ (3x-1)-(2x+1)\ (2x-1)+$$
$$+(2x-1)^2=(2x-1)[3x-1-2x-1+$$
$$+2x-1]=(2x-1)\ (3x-3)=$$
$$=3\ (2x-1)\ (x-1)$$

2

$$2+b=3b+2b^2$$
$$b^2+b-1=0$$
$$b_1=\frac{-1+\sqrt{5}}{2} \qquad b_2=\frac{-1-\sqrt{5}}{2}$$
$$\frac{2}{-1+\sqrt{5}}=\frac{2\ (-1-\sqrt{5})}{(-1+\sqrt{5})\ (-1-\sqrt{5})}=$$
$$=\frac{-2-2\sqrt{5}}{-4}=\frac{1+\sqrt{5}}{2}$$

3

$$\begin{cases} my-1=2m(m-x) \\ \frac{x}{m}+\frac{2}{m^2}=1+\frac{2y}{m} \end{cases}$$
$$\begin{cases} my-1=2m^2-2mx \\ mx+2=m^2+2my \end{cases}$$
$$\begin{cases} +2mx+my=2m^2+1 \\ mx-2my=m^2-2 \end{cases}$$
$$\begin{cases} +4mx+2my=4m^2+2 \\ mx-2my=m^2-2 \end{cases}$$
$$\begin{cases} 5mx=5m^2 \\ mx-2my=m^2-2 \end{cases}$$
$$\begin{cases} x=m \\ y=\frac{1}{m} \end{cases}$$

4

$$\begin{cases} u_2=1 \\ u_4-u_3=\frac{4}{9} \end{cases}$$
$$\begin{cases} u_1r=1 \\ u_1r^3-u_1r^2=\frac{4}{9} \end{cases}$$
$$\begin{cases} u_1=\frac{1}{r} \\ r^2-r=\frac{4}{9} \end{cases}$$
$$\begin{cases} u_1=\frac{1}{r} \\ r_1=\frac{8}{3} \end{cases}$$
$$\begin{cases} u_1=\frac{3}{8} \\ u_1=\frac{8}{3} \end{cases}$$

O valor $r=-\frac{1}{3}$ não interessa

II

Geometria

1

a) Sendo R raio da circunferência de centro em O e R′ raio da de centro em O′

AB13 = R√3 = 3√3
AB16 = R′ = OA
OA = 3√3

b)

O ângulo AOO′ que é igual ao BOO′ mede 60°.

O ângulo AO′O que é igual ao BO′O mede 30°.

Portanto nos triângulos AOO′ e BOO′ os ângulos OAO′ e OBO′ hão-de medir 90° cada.

c)

$$OO'=\sqrt{OA^2+AO'^2}$$
$$OO'=6$$

d)

$$\frac{\pi R^2}{6}=\frac{3{,}14\times 27}{6}=14{,}13\ cm^2$$

2

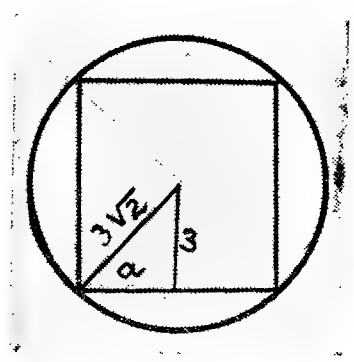
a) Porque um plano pode ser definido por duas rectas concorrentes.

b) São normais. Porque é condição necessária e suficiente para que dois planos sejam perpendiculares que exista num deles uma recta perpendicular ao centro.

c) São paralelos. Porque o plano definido por *s* e *t* é normal a α, portanto como *t* é normal a α, é normal à intersecção dos dois planos, logo *s* sendo paralela à intersecção será paralela ao plano α.

d) São paralelos. Pois é condição necessária e suficiente para que dois planos sejam paralelos que num deles existam duas rectas concorrentes paralelas ao outro, e nós já vimos serem *r* e *s* paralelas a α.

3



$$R^2=(3\sqrt{2})^2-3^2$$
$$R=3$$

$$V=\pi R^2\times h$$
$$V=3{,}14\times 9\times 6$$
$$V=169{,}56\ cm^3$$

b)

$$At=Al+2Ab$$
$$At=2\pi R\times h+2\pi R^2$$
$$At=169{,}56\ cm^2$$

O PORTO PELO TELEFONE

Festas da Cidade

PORTO, 27.—Integrado nas Festas da Cidade, e por iniciativa do chefe do distrito e do delegado da Direcção-Geral dos Desportos, e ainda sob o patrocínio da Federação Portuguesa de Ginástica, realiza-se esta noite, no Pavilhão de Desportos, um sarau desportivo no qual colabora a equipa nacional do Japão, constituída por ginastas altamente classificados nos Jogos Olímpicos.

Deu uma queda no hospital

Recolheu á sala de observações do Hospital de Santo António, o carpinteiro Manuel Aníbal Ferreira, de 27 anos, solteiro, morador na Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12, 2.º, que quando trabalhava naquele hospital deu uma queda e fracturou o femur.

Deputação de bombeiros ultramarinos

Para despedida dos representantes dos bombeiros do Ultramar, que amanhã retiram para Lisboa, efectua-se esta noite, no quartel dos Bombeiros Voluntários do Porto, uma ceia de camaradagem a que também assistem o comandante e dois representantes do corpo activo dos Voluntários Portuenses.

Falecimento

Dr. Manuel Ferreira Coelho

Na sua residência, na Ave. Dr. Antunes Guimarães, 312, faleceu o sr. dr. Manuel Ferreira Coelho, de 45 anos, casado, professor do Instituto Industrial do Porto.

O extinto deixa viuva a sr.ª D. Maria Alice Correia Mendes e era irmão do sr. dr. José Maria Ferreira Coelho, delegado no Porto, da Caixa Sindical de Previdência dos Profissionais do Comércio e professor da Escola Comercial Oliveira Martins.

O funeral efectua-se amanhã, ás 15 horas, para o mosteiro de Cete, onde os responsos se realizarão ás 16 horas.

Espectaculos de amanhã

COLISEU — Às 21 e 30: «Ele não era vegetariano» e «Heróis esquecidos» (17 anos).
RIVOLI — Às 21 e 45: «O Vagabundo de Montmartre» (17 anos).
VALE FORMOSO — As 21 e 30: Os mistérios da tribo Masai» e «A mulher da Jamaica» (12 anos)
BATALHA — As 15 e 30 e as 21 e 30: «A Aldeia dos Malditos» (17 anos).
AGUIA DE OURO — As 15 e 30 e ás 21 e 30: «Passagem para Hong.-Kong» e «Ameaça do outro mundo» (17 anos).
S JOÃO — As 15 e 30 e ás 21 e 30: «Venham sonhar comigo» (12 anos).
TRINDADE — As 15 e 30 e ás 21 e 30: «Domingos de Cybele» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — A's 15 e 15 «Os inimigos» e «O sr. barão» (17 anos).

O BISPO DE LEIRIA foi recebido pelo Papa

CIDADE DO VATICANO, 27. — O Papa Paulo VI recebeu o sr. D. João Pereira Venancio, bispo de Leiria

Sua Santidade marcou para 29 de Setembro o início da segunda reunião do Concílio Ecuménico Vaticano II e ordenou que os trabalhos preparatórios recomeçassem na próxima semana. — (F. P. e A. N. I.).

Em AGUEDA o «DIARIO DE LISBOA» encontra-se á venda na agência Raul Conde.

NECROLOGIA

FUNERAIS

Dr.ª D. Maria Carolina Ramos

Da igreja da Encarnação para o cemitério dos Prazeres, onde o ataude ficou depositado em jazigo, saiu, esta tarde, o funeral da sr.ª dr.ª D. Maria Carolina Ramos, que, ontem, faleceu no Hospital de Santa Maria, onde dera entrada para se submeter a uma operação cirurgica. Era uma figura muito conhecida, cujos méritos aliados a rara inteligência e a um espírito brilhante e a uma fina sensibilidade que a educação, o trato cativante e a generosa bondade realçavam, envolviam-a no apreço e na afectiva simpatia de quantos apreciavam as suas virtudes e os seus méritos invulgares. Médica, que apaixonadamente se dedicara á prática da clínica, com espírito abnegado e altruístico, exerceu, também, valiosa acção pedagógica e divulgadora, com particular carinho pelas actividades no campo da puericultura. Foi, além disso, consciente da sua missão e fiel aos seus ideais de dignificadora fraternidade humana, uma mulher heróica que lutou obstinadamente contra o destino adverso e não teve a compreensiva solidariedade nem o reconhecimento pelo devotado e carinhoso amparo que, com o mais nobre espírito de sacrifício, sempre dispensou ao semelhante.

Dr.ª Maria Carolina Ramos

Formou-se a dr.ª D. Maria Carolina Ramos, após um curso brilhante, pela Faculdade de Medicina de Lisboa e defendeu tese na Universidade de Coimbra.

Invulgares capacidades e méritos amplamente revelados fizeram com que, em breve, fosse convidada para assistente da Clínica Cirurgica do prof. Custódio Cabeça e de Psiquiatria do prof. Sobral Cid. Foi professora de Ciências Naturais, no ensino liceal, e tinha o curso de bibliotecária arquivista. Foi médica da Assistência Publica, da Secção Feminina da Casa Pia e da Misericórdia e exerceu, também, actividade científica no Instituto Português de Oncologia. Além de outras distinções, fora galardoada, em 1922, pela Academia das Ciências.

Publicista, de elevados méritos literários, deixa valiosa e larga colaboração, principalmente de carácter científico e profissional, em revistas da especialidade, estrangeiras e nacionais, com especial relevo no jornal «O Médico», em «O Século» e no seu suplemento «Modas & Bordados», no «Diário de Notícias», no «Jornal de Notícias», do Porto, etc. Foi directora das revistas «Jornal da Mulher» e «Vida Feminina».

Natural de Lisboa, a dr.ª D. Maria Carolina Ramos, contava 68 anos e era filha da sr.ª D. Maria Romana Ramos e do sr. António Joaquim Ramos. O seu funeral foi uma manifestação de pesar e homenagem á sua memória, por parte das suas fiéis amizades e de colegas que tinham em alto apreço o valor e as belas qualidades da saudosa médica.

Dr. Francisco de Mello Bryner (conde de Mafra)

Ficaram hoje depositados em jazigo de família no cemitério dos Prazeres os restos mortais do sr. dr. Francisco de Mello Bryner (conde de Mafra), que faleceu na Quinta do Vinagre, em Colares, como noticiámos. O funeral, com largo acompanhamento, saiu de manhã daquela localidade e, ao chegar ao cemitério, era ali aguardado por inumeras pessoas de todas as categorias sociais.

Entre outras individualidades, incorporaram-se no préstito funebre os srs. prof. dr. Marcello Caetano, almirantes Nuno de Brion e Vasco Lopes Alves, generais Santos Costa e Frederico Vilar, comandante Moreira Rato, drs. Alexandre Pinto Basto, Fernando Baptista da Silva, João de Almeida, Bustorf Silva, Fernando Tavares de Carvalho, Sebastião Guimarães, Manuel Galvão, José Félix da Costa, Guilherme Pombo, José Eduardo Coelho da Cunha e Ivo Cruz, eng.º Gabriel Ramiro dos Reis, marqueses de Belas e Ficalho, condes das Alcáçovas, de Monte Real e de Vale dos Reis, José Rino Fróis, Manuel Ortigão Burnay, Dinis Bordalo Pinheiro, Carlos Bleck, Henrique Pereira, capitão José Chaves, José Ribeiro da Cunha, Pedro Queirós Pereira, Luís Teotónio Pereira, sr.ª D. Albertina Bastos Ferreira Baptista da Silva e filhos, muitas senhoras, etc.

SUFRAGIOS

D. Henriqueta Navarro de Vasconcelos

Seus sobrinhos mandam celebrar missa do 7.º dia, depois de amanhã, sábado, ás 11 e 45, na igreja de Santa Isabel.

João dos Santos Redondo

ÍLHAVO, 27. — Na igreja matriz desta vila, efectuou-se missa de sufrágio por alma do soldado João dos Santos Redondo, daqui natural, que morreu em Angola num desastre. Foi celebrante mons. Julio Rebimbas, vigário-geral da diocese. Assistiram á piedosa cerimónia, além de numerosos populares, diversas entidades oficiais, nomeadamente os componentes do Município. Presentes, também, oficiais e soldados do Regimento de Infantaria 10, de Aveiro, unidade a que pertencia o extinto.

ARRENDAMENTO de propriedades para instalação de novos viveiros dos Serviços Florestais

Um decreto pelo Ministério da Economia, publicado hoje na folha oficial, acentua que a produção de plantas pelos serviços florestais não está a corresponder ás exigências dos trabalhos de florestação, pelo que se impõe a instalação de novos viveiros estratégicamente distribuidos pela metrópole e ilhas adjacentes.

Dada a transitoriedade das necessidades a satisfazer e, portanto, da existência dos viveiros, tem-se adoptado o critério de recorrer ao arrendamento dos terrenos em que se pretende instalá-los.

Nesta conformidade, o mesmo decreto autoriza a Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas a celebrar contratos para o arrendamento de duas propriedades, para esse efeito e por período não inferior a seis anos, renovável por iguais e sucessivos prazos se isso convier ás partes contratantes.

Rainhas de beleza do concelho de Sintra

(Continuação da página central)

cado prestígio do hóquei patinado português.

Foi, portanto, com o melhor interesse, que aliás nos merecem todas as colectividades, que ouvimos o presidente da popular instituição, sr. Rui da Cunha, o qual começou por nos esclarecer:

— Conquanto o panorama financeiro do clube se situe num plano francamente mau, a despeito do «palmarés» altamente honroso de que nos orgulhamos sobremaneira, o Hockey Club de Sintra está a beneficiar de uma orientação com novos rumos. Senão vejamos: alargámos o nosso ambito a outras modalidades e, assim, apareceram as secções de Voleibol, que conta já com 34 inscrições, e a de Basquetebol (masculina, com 64 inscrições, e feminina, com 17).

Vasto programa de festividades

— Sabe-se que o Hockey Club de Sintra prima pelo seu exemplar espírito filantrópico. Neste sentido, projecta-se alguma realização de vulto?

— Não é demais frisar que não foi por mero acaso que o meu clube recebeu a Medalha de Mérito Municipal (ouro) e o grau de Oficial da Ordem de Benemerência. Dentro dessa linha de conduta altruísta que traçámos e trilhamos, fazendo questão em servi-la cada vez com mais brio e elevação, temos agora em vista um vasto programa de festividades, a que o «Diário de Lisboa» se prontificou a dar o seu valioso patrocínio — gesto simpático de apoio que muito nos desvanece —, porque contribuirá bastante para se alcançar e dignificar melhor o fim a que se destina. Realizámos, no rinque de patinagem do Parque Municipal de Sintra, nas noites de 12, 13, 15, 16, 22, 23 e 24, assim como vamos efectuar nas noites de 28, 29 e 30 deste mês, festejos populares, de folclore e outros atractivos, cujo produto líquido reverterá na proporção de 50 por cento para a Santa Casa da Misericórdia de Sintra, que este ano promoverá mais um cortejo de oferendas. A restante receita beneficiará a nossa colectividade.

«Ainda integrada nas festas dos Santos Populares — acrescentou — será organizada uma garraiada nos moldes daquelas que os aficionados exigem.

— Nas festividades referidas, pode indicar-nos qual o fecho que lhes está reservado?

— Sem duvida, e estou esperançado em que constitua uma apoteose, tanto mais que é uma organização que, desde sempre, despertou muito interesse e, nos tempos que vão correndo, está muito em voga, tudo fazendo crer, portanto, que o seu aparecimento seja, de facto, um acontecimento mundano e turístico de primeira grandeza, a definir o ponto de partida para mais e melhores realizações. Refiro-me ao concurso para a eleição da rainha e das princesas das sociedades de educação e recreio do concelho de Sintra, a efectuar numa das duas noites de 29 ou 30 de Junho — que esperamos corresponda em tudo a uma autêntica parada de beldades. As candidatas devem ser solteiras e ter idade compreendida entre os 15 e os 25 anos, sendo a selecção feita entre as várias representantes das respectivas colectividades, por um juri idóneo, constituído por um representante do «Diário de Lisboa», por dois artistas plásticos e por dois representantes das autoridades locais.

«Esta, em síntese, a parte mais importante do programa.

Disse-nos, a concluir:

— As perspectivas são óptimas e, de certo modo, animadoras. Pois bem, para encerrarmos o diálogo que já se alonga, desejamos, sinceramente, que o dinamismo, a fé e a confiança que une a falange do Hockey Club de Sintra continue a ser demonstrada em novas energias, e contribua sempre de forma inequívoca para que o prestígio das cores do popular clube e da hospitaleira vila de Sintra seja proclamado mais alto.

C. L.

Linha de SINTRA

Cinemas

AMADORA — *Recreios Desportivos* — A's 15 e ás 21 e 15: «Duelo ao pôr do sol» (17 anos).

QUELUZ — *Queluz-Cine* — A's 21 e 15: «O assassino vem na lista» e «As aventuras de Omar Khayyam» (17 anos).

MEM MARTINS — *Cine-Chaby* — A's 21 e 30: «Agarra que é ladrão» (17 anos).

SINTRA — *Sintra Cinema* — A's 21 e 30: «O milionário» (17 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — *Melo* — P. D. João I, lote 146 (Tel. 931551); *Central* — Av. Cardoso Lopes, 25 (T. 932210); *Igreja* — P. da Igreja, lote 2 (Tel. 930740).

QUELUZ — *Correia* — Largo do Mercado, 3 (Tel 950905); *Zeller* — Rua da Republica, 83 (Tel. 950043).

SINTRA — *Misericórdia* — Largo Dr Gregório de Almeida, 2 (Tel 980391).

S PEDRO DE SINTRA — *Valentim* — (Tel. 980456).

BURACA — *Vaz Martins* — Rua António Ferro, M A D (T. 931690)

MEM MARTINS — *Química* — Estrada de Mem Martins, 285 (Tel 2910012)

COLARES — *Colares* — Abreja (Telef 299088).

DAMAIA — *Confiança* — Estrada Militar, lote D (Tel. 934023).

UM ORGANISMO AUTONOMO para administrar os barcos que servem em Timor

O Governo da província de Timor foi autorizado a criar e a regulamentar os serviços de transportes marítimos, organismo dotado de autonomia administrativa e financeira, no qual serão incorporados, para a sua exploração, o navio-motor «Arbiru» e os batelões «Laga» e «Laleia», presentemente a cargo dos serviços de Marinha da província.

A administração dos serviços é cometida a uma comissão administrativa, constituída pelo capitão dos portos, como presidente, e por um funcionário de Fazenda nomeado pelo governador e pelo representante da Associação Comercial e Industrial de Timor, como vogais.

Diário da OUTRA BANDA

As festas de São Pedro começaram hoje no concelho do Montijo

MONTIJO, 27.—Com uma salva de 21 tiros, ás 8 horas, começaram hoje as tradicionais e apreciadas festas populares em honra de São Pedro, que têm o patrocínio da Camara Municipal e atraíram numerosos forasteiros.

Às 10 horas, a comissão das festas promoveu uma romagem de saudade aos tumulos de Joaquim Elisiário Moreira, José Félix Pinto e Humberto Fortunato de Sousa, grandes entusiastas destes festejos.

Ao meio-dia, houve uma recepção aos representantes da Imprensa, da Rádio e da Televisão, aos quais foi oferecido um almoço regional.

Às 19 horas, serão inaugurados oficialmente o arraial e a feira franca; e ás 21 e 30, começarão concertos pela Banda Democrática 2 de Janeiro e pela Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro, ambas desta vila.

Durante as festas — que se prolongam até ao dia 2 de Julho — há exposição permanente de «stands» industriais e comerciais, no Largo Gomes Freire de Andrade; e todas as noites no recinto do Mercado Central, haverá bailes populares, abrilhantados pelo conjunto «Ritmos da Juventude».

Amanhã, haverá, ás 15 horas, uma gincana automóvel, ás 21, concerto, e ás 22, um festival folclórico, com a exibição dos ranchos «Sete Saias», de Bneavente, «Paleão», de Soure, e do Cartaxo.

AS FESTAS de S. João em Almada

Continuam muito animadas as festas sanjoaninas em Almada, festividades que possuem naquela populosa região as mais vincadas tradições. O arraial, junto da Praça da Renovação, a par com as vistosas e artísticas ornamentações, os espectáculos de folclore e os concertos, tudo bem concorrido para que á futura cidade de Cristo-Rei se tenham deslocado multidões cada vez mais numerosas, idas de todos os pontos do concelho, e, até, de Lisboa e de outros centros demográficos.

Esta noite, ás 22 horas, haverá um concerto pela banda da Academia Almadense, espectáculo que está sendo aguardado com enorme expectativa, dado o interesse do respectivo programa.

Medidas de protecção à pelaria nacional com a supressão de certas marcas a fogo

Pelos Ministérios do Interior, da Justiça e da Economia foi hoje publicado no «Diário do Governo» um decreto em cujo preambulo se lê o seguinte:

«Os couros e peles da espécie bovina constituem um valor económico tanto mais de considerar quanto é certo ser o País altamente deficitário nesta matéria-prima.

Importa, pois, melhorar a preparação da pelaria de que dispomos, por forma a permitir que a industria nacional de curtumes aumente o rendimento e a qualidade dos seus produtos.

Todavia, o emprego, sem qualquer limitação, das marcas de fogo constitui uma causa importante de desvalorização da pelaria de bovinos.

E assim, não sendo fácilmente exequível a abolição pura e simples do uso daquelas marcas, convém limitar o seu emprego, de modo a evitar a depreciação da pelaria nacional.»

O decreto estabelece depois que o gado bovino, com excepção do gado de raça brava, só poderá ser marcado a fogo na cabeça, nas tábuas do pescoço e em qualquer outra região situada abaixo do plano definido pelas articulações humero-rádio-cubitais e fémur-rótulo-tibianas, e que não serão aplicadas, em cada animal, mais de três marcas a fogo (ferro, numero de ordem e era), cada uma das quais não poderá exceder a área definida por um quadrado de 15 cm de lado.

A parte final do diploma contém as multas a aplicar aos infractores.

Cinemas

BARREIRO — *Ginásio* — A's 21 e 30: «Sete noivas para sete irmãos» (12 anos).

COVA DA PIEDADE — *Clube Recreativo* — A's 21 e 15: «O cavaleiro solitário» e «O pombo que libertou Roma» (17 anos); *União Artística* — A's 21 e 15: «Nem Sansão nem Dalila» e «O diário de minha mãe» (17 anos).

ALMADA — *Academia* — A's 21 e 30: «Julgamento á porta fechada» (17 anos).

TRAFARIA — *Pavilhão Jardim* — A's 21 e 15: «O mundo no seu bolso» e «Bígamo» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — *Gameiro* - Largo António dos Santos Jorge, 15 (Tel 234100)

ALMADA — *Central* — Rua de Olivença, 11-B (Tel. 270504).

BARREIRO — *Higiénica* — Rua D. Manuel I, 176 (Tel 2273217).

COVA DA PIEDADE — *Cerqueira Afonso* — P. 5 de Outubro, 18 (Tel. 270254).

MOITA — *Silva Rocha* — Praça da Republica, 16 (Tel 239029).

MONTIJO — *Giraldes* — R. Almirante Reis, 45 (Tel. 230008).

SESIMBRA — *Leão* — Av. Salazar (Tel 229025).

SETÚBAL — *Rosado Pinto* — P. do Bocage (Tel. 22484); *Nova* — Rua General Gomes Freire (Telef. 22052).

ALHOS VEDROS — *Gusmão* — R. Candido dos Reis, 30 (T. 224020).

SEIXAL — *Godinho* — Largo da Igreja, 51 (Tel 2218580).

PENHORES ALMADA

Cruzamento D. Nuno-O Salazar

PARAGENS: PANCAO E AQUARIO

EM 3 LINHAS

A Casa da Moeda foi autorizada a celebrar contrato para o fornecimento de uma máquina de impressão, tipo *offset* seco, pela importancia de 5 862 131$50.

///

A Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais foi autorizada a celebrar contrato para a execução da empreitada de construção do edifício da Administração Florestal da Ribeira Brava, na ilha da Madeira, pela importancia de 742 354$90.

///

O capitão-tenente Alberto Lopes Praça foi nomeado comandante do navio-patrulha «Santa Luzia».

///

Foi exonerado, a seu pedido, do cargo de vice-consul de Portugal em Bastia, o sr. Jean Marie Xavier Lançon.

///

Os drs. Joaquim Galvão de Figueiredo e António da Costa Peça foram exonerados, a seu pedido, dos cargos de presidente e vice-presidente, respectivamente, das Camaras Municipais da Golegã e de Leiria.

///

A Estalagem do Pinhal, em Ofir, foi declarada de utilidade publica.

AS JORNADAS LEITEIRAS

(Continuação da página central)

presentante da cooperativa agrícola de Oliveira de Azeméis, ter afirmado que a industria de lacticínios, *naquele concelho*, comprou durante o ano de 1961, á lavoura, 150 000 contos de leite, dos quais arrecadou 70 000 contos líquidos, o que — no seu dizer — era exemplo flagrante da acção funesta e abusiva tomada pela industria, em detrimento dos lavradores. Ora, a verdade, é que a importancia do leite comprado não atingiu 20 000 contos, sendo evidentemente absurdo afirmar que permitiu 70 000 contos de lucro! A dimensão do exagero é tão grande que dispensa comentários;

f) — A industria, nas regiões onde adquire leite directamente aos produtores, paga-o por preço nunca inferior ao das cooperativas e, muitas vezes, por preço superior ao mínimo fixado na tabela oficial.

Esclarece-se que o preço triplicou desde o ano de 1940, reduzindo-se progressivamente as margens dos industriais, e têm fomentado a produção, de sorte que o leite laborado pelas fábricas evolucionou como segue, numeros redondos:

	1940 (milhões de litros)	1962 (milhões de litros)
Continente	58,5	104,7
Açores	22,7	80,5
Madeira	17,7	14,2
Total	98,9	199,4

No mesmo espaço de tempo o fabrico de lacticínios atin- giu, em resumo:

	Ano de 1940 (toneladas)				Ano de 1962 (toneladas)			
	Cont.	Açores	Mad.	Totais	Cont.	Açores	Mad.	Totais
Manteiga	2.186	744	857	3.787	2.350	2.834	704	5.888
Queijo	377	382	17	776	3.600	1.154	0.6	4.754,6
Leite em pó	33	—	—	33	2.835	1.839	—	4.674
Leite condensado	—	—	—	—	386	—	—	386
Dietéticos	171	—	—	171	1.597	—	—	1.597
Caseína	89	—	—	89	150	237	—	387
Iogurte	—	—	—	—	524	—	—	524
Totais	2.856	1.126	874	4.856	11.442	6.064	704,6	18.210,6

g) — Enquanto a Lavoura pede privilégios, exclusivos e discriminações que provocarão, a prazo, o *extermínio da industria*, esta, propõe simplesmente uma concorrência salutar, em regime de liberdade condicionada, que permita ás organizações de ambos sectores, disciplinados corporativamente, trabalharem em idênticas condições para estímulo das virtudes da iniciativa privada e desenvolvimento harmónico das várias regiões do País.

Assim, a industria pretende, através duma organização apropriada, adquirir leite com características que lhe permitam não só fabricar produtos de qualidade, como pagar melhor aos produtores, e satisfazer as normas a estabelecer para o abastecimento dos centros urbanos que servirão, simultaneamente, de apoio ao fabrico de lacticínios, á semelhança do que acontece nos países cuja competição terão de enfrentar. Esta pretensão é tanto mais justa quanto o fabrico de lacticínios e o tratamento do leite para consumo constituem, internacionalmente, um todo ou uma só industria;

h) — Se o litoral do País, sobretudo ao Norte do Mondego, onde se encontra instalada a maior parte da industria de lacticínios, possui condições favoráveis á produção lactícola, importa intensificá-la para que os agricultores possam aumentar o numero de vacas e interessar-se pela quantidade e qualidade do leite indispensáveis á sua melhor valorização.

Dispondo-se aqui de meios para se obter leite que permita o conveniente abastecimento dos centros urbanos não se entende que a industria disciplinada seja impedida de o fazer, em nome duma suposta defesa da lavoura.

Na realidade trata-se de defender os produtores situados ao redor desses mesmos centros, em prejuízo dos de outras regiões mais distantes, ou da industria local a quem se requisita o leite nas épocas de escassez para suprir as faltas;

i) — Efectivamente, não se justificam soluções que obrigam os produtores duma região a venderem o leite a 1$44 cada litro quando os de outras relativamente próximas, recebem por um produto da mesma categoria de 1$60 a 2$20, ao mesmo tempo que os das cooperativas da zona abastecedora de Lisboa já pretendem que, ali, o custo da produção é de 3$10 para 95 % dos respectivos produtores.

Em suma, julgamos ter dito o suficiente para se sentir a delicadeza das questões focadas e apreciar os pontos que justificam as nossas divergências: não compreendemos que a lavoura pretenda exercer uma função mista de abastecedora e industrial e queira impedir os nossos agremiados de exercerem a sua industria em pé de igualdade, com vantagem para os seus fornecedores de leite e para o publico consumidor. — O PRESIDENTE DA DIRECÇÃO — *A. F. de Mendonça.*

PREJUÍZOS na agricultura

PEDRÓGÃO GRANDE, 27 — Fortes trovoadas e muita chuva têm prejudicado a agricultura desta região, muito em especial as vinhas e as oliveiras, que apresentavam já bom aspecto vegetativo. Os danos são importantes.

VISTA COM DISTINÇÃO E ELEGÂNCIA

COMPRE COM A GARANTIA QUE LHE OFERECE A ALFAIATARIA

AMÉRICO MOREIRA, L.da

O SEU FATO PRONTO A VESTIR OU MANDE CONFECCIONAR PELO SISTEMA DE MEDIDA INDUSTRIAL SEM PROVAS

ECONOMIZE TEMPO E DINHEIRO

Américo Moreira, L.da

Rua Augusta, 229-231 (junto ao Rossio) - LISBOA
Telef. 322593

PRÉDIO — VENDE-SE

pela melhor oferta para efeito partilhas, em virtude falecimento dois co-proprietários, 6 pisos esplêndida construção, melhor local Lisboa, devoluto, acabado construir. Trata o próprio. Carta ao n.º 143, R. Nova Almada, 68.

PENICHE

MANUEL MAMEDE CARDOSO JÚNIOR

FALECEU

Maria Joana Marques Silva Mamede, José Maria Mamede e sua mulher Fernanda Miranda Mamede, António da Conceição Mamede e sua mulher Maria Filomena Henriques Mamede, Natália da Conceição Mamede Parracho e seu marido Humberto José Parracho, Eugénia da Conceição Mamede, Francisco Mamede Cardoso Júnior, Joaquim Mamede Cardoso Júnior, Floriano Mamede Cardoso, Rosa da Assunção Mamede e mais familia, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido marido, pai, sogro, irmão e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, após missa de corpo presente que será rezada na Igreja de S. Pedro, ás 10,30, para o cemitério local.

PENICHE

MANUEL MAMEDE CARDOSO JÚNIOR

FALECEU

MANUEL MAMEDE & IRMÃO, LDA., participam aos seus clientes, amigos e fornecedores o falecimento do seu estimado sócio, e que o seu funeral se realiza amanhã, após missa de corpo presente que será rezada na Igreja de S. Pedro, ás 10,30, para o cemitério local.

PENICHE

MANUEL MAMEDE CARDOSO JÚNIOR

FALECEU

MAMEDES, LDA., participam aos seus clientes, amigos e fornecedores, o falecimento do seu estimado sócio, e que o seu funeral se realiza amanhã, após missa de corpo presente que será rezada na Igreja de S. Pedro, ás 10,30, para o cemitério local.

PENICHE

MANUEL MAMEDE CARDOSO JÚNIOR

FALECEU

ANTÓNIO JOSÉ SANTANA & OUTROS, participam o falecimento do seu estimado sócio e amigo, e que o seu funeral se realiza amanhã, após missa de corpo presente que será rezada na Igreja de S. Pedro, ás 10,30, para o cemitério local.

PENICHE

MANUEL MAMEDE CARDOSO JÚNIOR

FALECEU

SOCIEDADE DE PESCA RELÍQUIA, LDA., participam a todos os seus amigos o falecimento do pai dos seus sócios srs. José Maria Mamede e António da Conceição Mamede e que o seu funeral se realiza amanhã, após missa de corpo presente que será rezada na Igreja de S. Pedro, ás 10,30, para o cemitério local.

A linha de Sintra só poderá ficar totalmente desobstruída amanhã ou no sábado

Ainda não está normalizado o tráfego ferroviário na linha de Sintra, em consequência do trágico desastre ocorrido anteontem no apeadeiro de S. Domingos de Benfica, no qual perderam a vida três pessoas e ficaram feridas quarenta e cinco.

Com efeito, não foi ainda possível desobstruir por completo a via ascendente, no local do desastre, apesar do pessoal da C. P. ter trabalhado ali, durante a noite, na remoção dos destroços.

Espera-se, porém, que a linha fique completamente desobstruída a partir das 5 horas de amanhã. Caso não se consiga retirar do local, durante a próxima madrugada, as duas carruagens que se voltaram e ainda ali se encontram, esses trabalhos ficarão concluídos na madrugada de sábado, pelo que a circulação de comboios, entre Campolide e Benfica, só se poderá fazer normalmente a partir de depois de amanhã.

Entretanto, os comboios estão a circular com atrasos, causando muitos transtornos aos utentes. No período da meia-noite ás 5 horas, período em que se fazem agora os trabalhos de desobstrução, o transporte de passageiros é ainda feito, entre Lisboa e Sintra, por alguns autocarros da Carris, mas durante o dia ainda era conveniente utilizar também alguns desses veículos.

Os trabalhos de desobstrução

Pouco antes das 5 horas de hoje, retirou do apeadeiro de S. Domingos de Benfica, o «comboio-socorro» que, cerca da meia-noite de ontem, se havia dirigido para o local do desastre, com pessoal técnico e trabalhadores de via da C. P., e, ainda, com o material necessário para os trabalhos de desobstrução, constituido por um guindaste, potentes «macacos» hidráulicos etc.

Os trabalhos iniciaram-se após a passagem do ultimo comboio que saíra da estação do Rossio, ás 23 e 15, com destino a Sintra.

Até ás 5 horas, foi retirado para um comboio, que se encontra agora na estação de Benfica grande quantidade de material disperso, bem como a «motora» do comboio que chocou com a composição de mercadorias, a qual teve de ser içada pelo guindaste. Durante a noite, foi igualmente carrilada uma das carruagens que haviam descarrilado, a qual foi conduzida para a estação de Campolide. No local do acidente encontram-se agora, apenas, as duas carruagens que se voltaram.

Os trabalhos da comissão de inquérito

A comissão de inquérito, nomeada pelo sr. ministro das Comunicações para proceder ao apuramento das causas do desastre, passou a manhã de hoje na zona onde se deu o choque dos comboios, junto das carruagens que se voltaram, recolhendo elementos par o relatório. Depois de terem observado o material que se encontra na estação de Benfica, os membros da comissão seguiram para o apeadeiro da Cruz da Pedra, onde, na residência do respectivo chefe, tiveram uma reunião com vários técnicos da C. P. Espera-se que o relatório fique concluído ainda hoje ou amanhã, pois os seus trabalhos estão práticamente concluídos, faltando apenas interrogar o maquinista do comboio, internado no Hospital de Santa Maria, o qual deverá ser ouvido ainda esta tarde.

Os funerais das vítimas

Do Instituto de Medicina Legal, onde os corpos foram ontem autopsiados, para os cemitérios das suas naturalidades, efectuaram-se hoje, de manhã e de tarde, os funerais das vítimas do desastre.

Às 9 horas, com destino a Alvega (Abrantes), saiu o funeral do sr. Manuel Dias Branco de 37 anos, guarda-freio de 2.ª classe da C. P., cujo corpo foi retirado da câmara-ardente para um auto-funebre que o transportou ao cais da estação de Santa Apolónia, onde foi colocado num vagão armado em câmara-ardente. No préstito, incorporaram-se, além da família do inditoso guarda-freio, muitos funcionários de várias categorias da C. P., cuja Direcção-Geral se fez representar. Os serviços fúnebres estiveram a cargo da Agência Salgado, da Rua da Rosa.

Mais tarde, pelas 11 horas, e para o cemitério da Ajuda, efectuou-se o funeral do sr. Nicolau Fernandes Cortês, de 58 anos, sapateiro, natural de Lisboa. O préstico foi muito concorrido.

Também do Instituto de Medicina Legal, saiu, pelas 16 e 15, o funeral do sr. Carlos Geirinhas Ramalho, de 42 anos, guarda-freio de 1.ª classe da C. P., natural de Oledo (Idanha-a-Nova), com destino ao cemitério da Póvoa de Santa Iria. No préstito incorporaram-se muitos funcionários da C. P.

O ministro das Comunicações recebeu o presidente da comissão

O sr. eng.º Carlos Ribeiro, ministro das Comunicações, recebeu hoje, no seu gabinete, o presidente da comissão de inquérito ás causas do desastre ocorrido na linha de Sintra, sr. eng.º Dias Trigo, que lhe deu conta dos trabalhos já efectuados pela comissão, os quais se encontram práticamente concluídos, faltando apenas ouvir agora, o maquinista do comboio, para se ultimar o relatório.

VIDA POLÍTICA

Presidência do Conselho

Com o sr. prof. dr. Oliveira Salazar trabalharam, esta manhã, os srs. ministro de Estado adjunto do Presidente do Conselho e ministros das Finanças e do Ultramar.

● Ministro do Interior

O titular da pasta do Interior re recebeu, esta tarde, o governador civil de Faro, com o qual apreciou vários assuntos que interessam àquele distrito.

—— O sr. dr. Santos Junior iniciará, no próximo dia 23 de Julho, a sua visita oficial aos três distritos autónomos dos Açores, fazendo-se acompanhar dos seus secretários, sr.ª D. Maria Isabel Newton dos Santos e sr. dr. Mário Gouveia.

● Ministro da Marinha

O sr. almirante Fernando de Quintanilha, ministro da Marinha, recebeu hoje o advogado sr. dr. Vasco Taborda Ferreira e o sr. dr. Correia de Barros, presidente do conselho de administração da Companhia Nacional de Navegação.

● Ministro do Ultramar

O sr. comandante Peixoto Correia, titular da pasta do Ultramar, recebeu esta tarde o jornalista brasileiro sr. dr. Caio Júlio César Vieira, do «Diário Carioca», do Rio de Janeiro, que recentemente visitou Angola e Moçambique.

● Ministro da Saúde

O sr. prof. Pedro Soares Martinez, ministro da Saúde e Assistência, visitou esta tarde, na companhia do sr. dr. Osório Vaz, governador civil de Lisboa, as instalações da futura casa de repouso «Pousal», nos arredores da Malveira, e do internato para crianças «Alvor», em Rio de Mouro, obras sociais da União de Freguesias do Concelho de Lisboa.

FORÇAS ARMADAS

Exercícios finais duma escola de recrutas

CHAVES, 27. — Prosseguiram hoje, numa vasta zona que abrange as serras de Padrela, do Alvão e de Barroso, os exercícios finais da primeira escola de recrutas deste ano, em que tomam parte cerca de 1200 homens.

Amanhã, as seis companhias de Caçadores atingem o objectivo final, localizado na serra do Alvão, onde com a colaboração da força aérea, actuarão, em conjunto contra o ultimo reduto «inimigo».

A CIDADE

Pelos hospitais

CADÁVER A BOIAR NO TEJO— Junto ao Entreposto de Santos, apareceu a boiar o cadáver de Manuel Alves Eira, de 31 anos, ajudante de motorista, que residia na Rua de Eliodoro Salgado, 36-A e havia caído ao Tejo na passada sexta-feira. Foi removido para o necrotério.

ACIDENTES COM MOTORETAS — Recolheram á sala de observações do Hospital de S. José, Jorge Mateus Fernandes, de 37 anos, canalizador, residente na Rua de S. Luís, 51, Faro, que, ao passar na sua motoreta no lugar de Boliqueime, chocou com uma carroça, sofrendo contusões pelo corpo; e José dos Santos Costa, de 46 anos, jornaleiro, de Lagos, que ao passar próximo da Vila do Bispo na sua motoreta chocou com uma furgoneta, pelo que sofreu ferimentos na cabeça e contusões pelo corpo.

OPERÁRIO QUEIMADO — Esta manhã, o polidor de móveis José Rodrigues, de 67 anos, residente na Rua de S. Pedro Mártir, 66, 1.º, esquerdo, quando preparava cera na Rua das Portas de Santo Antão, 118, ficou gravemente queimado, por se ter incendiado a aguarrás que utilizava na preparação. Foi conduzido ao Hospital de S. José, onde ficou internado na sala de observações.

O incêndio provocado pelo acidente foi rápidamente extinto pelo Batalhão de Sapadores Bombeiros.

Quem perdeu?

Relação dos objectos e artigos achados em 26 do corrente e entregues na P. S. P. de Lisboa: um garrafão com vinho, um saco com feijão, um tampão para roda de automóvel, uma nota do Banco de Portugal, uma carteira com documentos, em nome de Arlindo Baptista Gomes; uma pulseira de prata dourada, um bilhete de identidade, em nome de Carlos Luís Marques, uma sombrinha, dois pares de óculos graduados, um aro para roda de automóvel, uma manete para porta de automóvel, uma chapa de ferro com a palavra Bedford e 3 Stop,; um livrete de circulação n.º MBA-12-13, em nome de António Tavares e diversas argolas com chaves.

DOIS FERIDOS num desastre de viação em Alter do Chão

ALTER DO CHÃO, 27 — Na estrada entre esta vila e Fronteira, no sítio da Tapada dos Foros, verificou-se uma grave acidente de viação, do que resultou ferimentos em duas pessoas, o cantoneiro José Maria Heitor e o jornaleiro José Calado Palmeiro.

Foi o caso que o quinquilheiro António Joaquim Correia, natural de Portalegre e domiciliado no Gavião, que se dirigia para a Feira de São Pedro, em Fronteira numa furgoneta que conduzia, ao cruzar-se com o autocarro da carreira, desviou o seu veículo e foi embater num carro-de-mão, carregado de lenha, da Junta Autónoma de Estradas, e, em seguida, colheu os dois referidos trabalhadores, que se ocupavam na reparação daquela estrada.

As vítimas foram prontamente transportadas, no citado autocarro, ao hospital da Misericórdia local, onde ficaram internados, o cantoneiro com várias escoriações e o jornaleiro com fractura do cranio e também com escoriações Mais tarde, devido á gravidade do seu estado, foram transferidos para o hospital de Portalegre. A G.N.R. tomou conta da ocorrência.

VIDA SOCIAL

DR. HUMBERTO FERREIRA DA COSTA

O sr. dr. Humberto Ferreira da Costa, foi convidado pelos médicos de Barcelona a tomar parte nas cerimónias que ali se efectuam para festejar o 50.º aniversário do Serviço de Estomatologia do Hospital de Santa Cruz, a cujo fundador, o prof. Carol Monfort, será prestada amanhã homenagem.

Mais de mil hoteis...

GERONA (Espanha), 27. — Passa de um milhar, o numero de hotéis e pensões que existem actualmente na província de Gerona, dos quais 279 estão situados na Costa Brava.

Entre os estabelecimentos classificados contam-se 346 hotéis e 574 pensões, os primeiros com 11 851 quartos e as segundas com 5596, o que dá um total de 17 447. — (A. N. I.).

Prossegue no cível o julgamento da queixa contra uma caixa de previdência

Sob a presidência do sr. corregedor Aníbal Aquilino Ribeiro, reuniu-se novamente hoje o colectivo auxiliar das varas cíveis para continuar a discussão do complicadíssimo pleito entre a Caixa Sindical de Previdência dos Profissionais do Comércio e a Empresa de Construções Ruy Miller, de Lisboa, em que ambas as partes pedem determinadas verbas avultadas por causa da edificação de onze prédios mandados construir na Praça Pasteur, no Areeiro, por aquele organismo corporativo, edificação que foi adjudicada á referida empresa, a qual figura como autora da acção contra aquela caixa sindical.

É de uma grande complexidade a apreciação desta causa. Sobre a tribuna dos magistrados que são, além do presidente, os srs. corregedores Alberto Alves Pinto e Manuel Flamino dos Santos, vêem-se numerosos livros, códigos de todo o género, volumes do «Diário do Governo», etc. As consultas são constantes. O próprio juiz-corregedor Aquilino Ribeiro, ao serem ditados para a acta os mais variados requerimentos das partes em litígio, anota todos os elementos indicados e as citações das leis. Percebe-se nítidamente, perante o publico que assiste, a preocupação dos magistrados em esclarecer, com exactidão, a verdade dos factos.

O sr. dr. Alfredo Pimenta, que defende os interesses da Caixa de Previdência, ao abrigo de um artigo do Código Civil que permite ao devedor de um crédito litigioso que haja sido cedido, libertar-se da obrigação mediante o pagamento da importancia da cessão e respectivos encargos, declarou num extenso documento que a Caixa de Previdência que representa desejava pagar ao sr. José Joaquim da Silva e Costa a quantia de 110 100$, pela qual aquele senhor adquirira o crédito da Empresa de Construções Ruy Miller, pelo que requeria, portanto, que o pagamento fosse logo efectuado por termo, no processo, para o depósito da importancia oferecida, na Caixa Geral dos Depósitos, Crédito e Previdência.

O sr. dr. José Bogarim Correia Guedes, advogado do sr. Silva e Costa, opondo-se ao requerido, fez várias considerações sobre o mesmo, dizendo que a Caixa de Previdência visava prejudicar um Banco que prestara oportunamente garantia bancária a favor da empresa construtora, como o adquirente do crédito, seu actual constituinte. Por sua vez, o sr. dr. Manuel João da Palma Carlos, patrono da empresa empreiteira, em resposta de conteudo exclusivamente jurídico, procurou demonstrar que os artigos da lei invocados pelo sr. dr. Alfredo Pimenta, não tinham aplicação á hipótese, concluindo por pedir o indeferimento do pedido formulado pela Caixa de Previdência, no que foi acompanhado pelo seu colega dr. Correia Guedes.

O colectivo reunido em conferência, aliás demoradamente, deliberou indeferir o requerimento do representante da Caixa de Previdência, ditando para a acta um extenso despacho, em que diz não serem aplicáveis no caso concreto os artigos legais citados pelo sr. dr. Alfredo Pimenta, e ordenando que o julgamento prosseguisse até final. Passou-se á continuação da inquirição das testemunhas indicadas pela Caixa de Previdência, entre as quais, os srs. dr. Armando António Gomes Sequeira, que foi chefe dos serviços de propriedades do referido organismo de previdência, ao tempo em que se concluíram os prédios na Praça Pasteur; Henrique Maria Coelho, contínuo e ainda o sr. eng. Rui António Marinho de Sampayo e Mello, antigo consultor técnico da Caixa Sindical de Previdência dos Profissionais do Comércio, e actualmente director do aeroporto de Lisboa.

É possível que ainda hoje comece o depoimento dos peritos que fizeram as vistorias aos prédios, os srs. engs. Fernando Augusto Sobral Cid, António Costa Macedo, Afonso de Magalhães de Almeida Fernandes, Julio José dos Santos, José Chedas Bogarim, José Eugénio Duarte Ferreira e Duarte de Carvalho Freitas do Amaral. Figuram também como peritos que examinaram a escrita os srs. drs. António José Ramalho, Domingos Alvarez e Domingos Eugénio da Costa. No final desta inquirição será marcado o período das alegações orais, findas as quais se seguirá a leitura dos quesitos. Nessa altura saber-se-á se também haverá alegações por escrito, isto é, antes da elaboração do acórdão.

Julgamento de dois acusados de actividades subversivas

Sob a presidência do sr. desembargador Silva Caldeira, e tendo como ajudante do procurador-geral da Republica o sr. dr. Lopes de Melo, começou hoje o julgamento do sr. António Dias Lourenço Silva, de 47 anos, divorciado, torneiro mecanico, e da sr.ª D. Colélia Maria Alves Fernandes, de 34 anos, solteira, de S. João da Talha, concelho de Loures, incriminados por actividades subversivas.

Segundo o despacho de pronuncia, os acusados reingressaram no partido comunista português em 1954, o primeiro logo após a sua evasão do Forte de Peniche, e a segunda depois de haver cumprido a pena em que fora condenada por actividades da mesma natureza.

O sr. Lourenço Silva — afirma o acusador publico — retomou a sua posição de membro dirigente, ascendendo ao «Secretariado», escalão máximo dessa organização ilegal, controlava e dirigia a imprensa clandestina e a administração de fundos do partido. Adoptou o pseudónimo de «João» e usava os falsos nomes de André Rodrigues Alves de Sousa, Francisco Valença e Jaime Martins de Carvalho, nome este com que abriu sinal no cartório notarial de Oeiras, trazendo consigo três bilhetes de identidade falsos, com diferentes identidades, mas com a sua fotografia. Possuía carta de condução automóvel, viciada, com o nome de André Rodrigues Alves de Sousa, e ainda outros registos de velocípedes com os mesmos elementos falsos.

No processo consta que o sr. Lourenço Silva escrevia artigos subversivos, com pseudónimo, que tomou parte no 5.º Congresso do partido ilegal em 15 de Setembro de 1957, no qual foi reeleito membro efectivo da sua direcção Em Abril de 1959 mantinha contactos partidários com o membro Augusto Gil; procedeu á abertura da VI reunião do partido, realizada em Setembro de 1955; dirigiu e orientou toda a agitação de 1 e 8 de Maio, em Lisboa, e em 31 de Janeiro, no Porto, através de vários organismos subsidiários do partido, como as juntas patrióticas. Dirigiu e orientou ainda a agitação estudantil universitária, no ultimo ano lectivo e controlava reuniões da comissão de imprensa clandestina.

O despacho de pronuncia da sr.ª D. Colélia Fernandes, alude a que desenvolveu actividade ilegal usando o nome suposto de Maria Reis Silva Valença, e diz que, na sua qualidade de membro e funcionária do partido, tinha a seu cargo «a defesa das casas ilegais que habitava na clandestinidade». Elaborou artigos de natureza conspiratória, colaborando nos panfletos «3 Páginas» e «Voz dos Camaradas» e procedeu á coordenação e compilação de artigos publicados na imprensa diária e em outras de natureza partidária. Finalmente — acrescenta o documento jurídico — ambos os réus recebiam e distribuíam a correspondência trocada com membros do partido, davam instruções aos funcionários e enviavam circulares destinadas á agitação de Maio do ano findo

Figuram no processo seis testemunhas de acusação e três de defesa da ré. São patronos dos acusados, respectivamente, como oficioso, o sr. dr. Mário Reis, e como constituído, o sr. dr. Luís Saias.

A audiência não termina hoje.

OS VENCIMENTOS DOS MILITARES

em serviço nas províncias ultramarinas

Um decreto publicado hoje na folha oficial torna extensiva a todos os militares das forças armadas em serviço militar nas províncias ultramarinas a percentagem de aumento de 20 por cento indicada na alínea *d*) do § 1.º do artigo 6.º do Decreto-Lei n.º 28 404, de 31 de Dezembro de 1937, e na alínea *e*) do § 1.º do artigo 6.º do Decreto-Lei n.º 30 250, de 30 de Dezembro de 1939 com a redacção que lhe foi dada pelo Decreto-Lei n.º 38 117, de 29 de Dezembro de 1950, quando a esses militares não corresponda percentagem de aumento mais elevada, nos termos da legislação em vigor.

O Governo brasileiro

vai lançar uma campanha a favor das reformas de que o país carece

(Continuação da 1.ª página)

de futuro os contratos da «Aliança para o Progresso» passam a ser feitos e regulados pelo Governo federal.

Arraes tem pedido que sejam anulados os contratos feitos directamente pelas autoridades estaduais com a «Aliança para o Progresso», e Jurema declarou aos jornalistas que o Governo federal vai estudar a recomendação presidencial de que «sejam revistos os acordos feitos pelos governos estaduais com países estrangeiros».

O ministro da Justiça salientou, porém, que esta decisão não se aplica ao Estado da Guanabara, porque «o governador Carlos Lacerda é o único que tem apresentado os contratos de auxílio estrangeiro á aprovação do Senado federal». — (A. N. I.).

REFORMAS URGENTES

RIO DE JANEIRO, 27.—O Governo federal vai lançar, a partir desta semana, uma intensa campanha publicitária a favor das reformas de estruturas de que o país carece urgentemente, nomeadamente, da reforma agrária — foi hoje anunciado por fonte fidedigna.

Informa essa fonte que diversas cadeias de rádio e de televisão serão mobilizadas para esta campanha. A finalidade do Governo é desencadear um grande movimento de opinião, a fim de exercer pressão sobre o Congresso para que este vote as reformas.

Sobre a reforma agrária prevê-se uma série de exposições e de colóquios em todos os grandes centros urbanos do país, para revelar ao publico o estado de miséria e de abandono em que vivem actualmente as massas camponesas.

Todos os membros do novo Ministério se compometeram já a «descer á liça» para tomar parte efectiva na campanha.—(F. P.).

COMENTÁRIOS DE ADVERSÁRIOS DE GOULART Á VIAGEM DO PRESIDENTE A ROMA

BRASÍLIA, 27.—A proxima viagem do presidente João Goulart a Roma, onde deve assistir ás cerimónias da coroação do Papa Paulo VI, provocou viva oposição da parte de alguns deputados, adversários do presidente na Camara federal. O *leader* da oposição, Otavio Bilac Pinto, da União Democrática Nacional, condenou a viagem presidencial por *inoportuna*, enquanto outro udenista, o deputado Adauto Cardoso, pretendia convencer a Camara de que o presidente Goulart apenas desejava encontrar um pretexto para efectuar despesas elevadas que, no estado actual das finanças do Brasil, eram criminosas.

Um representante do Partido Social Democrático, o deputado Nelson Carneiro, preferiu a ironia: «Subita crise de misticismo do presidente Goulart». «Eu sabia que o presidente Goulart era um fiel devoto de Santo António, mas não compreendo o que o atrai na casa de S. Pedro». O deputado concluiu: «Talvez o presidente se tenha deixado atrair pelos prazeres de Roma, visto que na sua mensagem não pede autorização á Camara para ir á Cidade do Vaticano, mas á capital da Itália».

Estes comentários não impediram, contudo, que o presidente fosse autorizado a ausentar-se do país pelo prazo de oito dias.—(F. P.).

Milão oferece

ao Papa Paulo VI a tiara pontifícia que servirá na coroação

MILAO, 27. — Parte desta cidade para Roma, no sábado, uma peregrinação que vai levar a Sua Santidade dois presentes de elevado valor: a tiara pontifícia, que servirá nas cerimónias da coroação, e os planos para a construção de uma nova igreja.

A tiara — coroa tríplice, de prata e oiro, adornada com flores de lis e cravejada de pedras preciosas — é uma obra das oficinas da Escola de Ourives do Beato Angélico de Milão. O seu desenho foi apresentado ao Papa na segunda-feira, para ser aprovado.

Os planos da igreja, a construir nos arredores da cidade, já foram submetidos á apreciação do Papa Paulo VI há alguns meses, quando ele, então cardeal, dirigia a diocese de Milão. — (A. N. I.).

Godber foi nomeado

ministro da Guerra inglês em substituição de Profumo

LONDRES, 27. — Anuncia-se hoje que foi nomeado ministro da Guerra, Joseph Godber, antigo secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, em substituição de John Profumo.

Godber conta 49 anos. Quando entrou na arena política, em 1951, só muito localmente era conhecido, na região de Bedford, onde a família tem grandes interesses industriais e onde, a partir de 1946, se interessou activamente pelos problemas municipais.

Quando foi eleito deputado, dedicou-se especialmente ás questões da lavoura. Fez «digressões hortícolas» em França, na Bélgica e na Alemanha Ocidental, na previsão da eventual adesão da Grã-Bretanha á comunidade económica europeia. Os mesmos problemas agrícolas levaram-no a visitar o Canadá e os Estados Unidos. Durante a ausência do marido, a sr.ª Godber empreendeu, a cavalo, uma vasta campanha eleitoral nas cem aldeias da sua circunscrição, caso que levantou grande celeuma.

Godber era ministro de Estado do Foreign Office na qualidade de principal delegado britanico á Conferência de Genebra sobre a cessação das experiências nucleares, situação que, a partir de 1961, o tornou conhecido do publico. — (F. P. e R.).

Mantêm-se

as dificuldades na formação do Governo holandês

HAIA, 27. — A rainha Juliana recomeçou hoje, nesta capital, conversações com chefes parlamentares, a seguir ao malogro de ontem do dr. Willem de Kort, «leader» do partido católico na Camara Baixa, em constituir um Governo, após as eleições do mês passado. — (R.).

MUITO MOVIMENTO

na Feira de S. João em Évora

ÉVORA, 27 — Apesar do tempo não ter favorecido a imponente feira deste ano, nesta cidade, nem assim o recinto do Rossio de São Brás tem deixado de registar um grande movimento de visitantes, até mesmo de forasteiros, que ali se deslocam em simples passeio ou em viagem de negócios. O certame encontra-se vistosamente engalanado e servido por profusa iluminação.

Também as duas exposições ali patentes — do 25.º aniversário da Estação Agronómica Nacional e a II Bienal de Arte Fotográfica — têm registado elevado numero de observadores. No dia 29, a feira vai contar com um categorizado visitante, o ministro da Justiça, que se desloca a esta capital para presidir ao acto inaugural do Palácio da Justiça. Aquele membro do Governo assistirá, ainda, ás solenidades em honra de São Pedro e á tradicional corrida de toiros e, á noite, visitará o recinto das festas.

O poeta Silva Tavares

foi homenageado na Emissora Nacional

Por ter atingido o limite de idade, o poeta João da Silva Tavares deixa hoje o cargo de chefe da repartição da Direcção de Programas da Emissora Nacional, onde era funcionário há 29 anos Gozando de particular prestigio e tendo conquistado amizades e geral estima, Silva Tavares foi esta tarde homenageado nos estudios do Quelhas, com uma festa de despedida organizada pelos funcionários da Emissora, a que se associou a respectiva direcção.

A' hora a que o nosso jornal começa a circular, está a decorrer a cerimónia, simples mas expressiva, devendo usar da palavra os srs. eng.º Manuel Bivar, pela Direcção da E. N., e o nosso prezado colega D. João da Camara, na qualidade de locutor mais antigo, em nome do pessoal.

A Silva Tavares, distinto numismata, será oferecida, como lembrança, uma colecção de moedas antigas.

Libelo contra a aplicação da pena de morte na União Soviética em delitos antieconómicos

LONDRES, 27 — «Em toda a minha vida, nunca pratiquei fosse que religião fosse. Sempre combati a superstição. No entanto, creio que a liberdade de culto deveria ser reconhecida aos judeus da U. R. S. S. como é reconhecida aos fiéis das outras confissões» — escreve, nomeadamente, «lord» Bertrand Russell numa carta ao «Izvestia».

O filósofo britanico deu agora publicidade a esta carta, depois de ter esperado baldadamente mais de dois meses que fosse publicada naquele jornal soviético

«Sou amigo da União Soviética e do seu povo», afirma o articulista. «Faço campanha incansável pelo estabelecimento de relações de cooperação íntima e sincera entre os povos e os Governos dos países ocidentais e os da U. R S. S.... Mas um dos testes da verdadeira amizade é a possibilidade de falar francamente».

Depois deste preambulo, o conhecido pacifista britanico que, a propósito dos judeus soviéticos, já trocou correspondência com Nikita Kruschtchev, declara-se «extremamente apoquentado» com a circunstancia «dos jornais de numerosas Republicas soviéticas publicarem artigos que exprimem uma certa hostilidade aos judeus nesta qualidade». Por outro lado, afirma-se pouco satisfeito com as explicações recebidas de Kruschtchev a propósito das condenações á morte por delitos económicos, de que foram objecto muitíssimos judeus soviéticos.

«Penso que a aplicação da pena de morte a cidadãos soviéticos, acusados desses delitos, prejudica a União Soviética e permite que os seus adversários a caluniem. Pessoalmente, considero deveras inquietante o facto de 60 por cento dos executados serem judeus».

Em conclusão, o filósofo britanico patenteia a esperança de que, de futuro, a pena máxima deixará de ser aplicada na U R. S. S. aos culpados de delitos económicos, fazendo-se, pelo contrário, um esforço a bem da sua reeducação. —(F. P.).

SETE MARÍTIMOS PORTUGUESES

expulsos da Austrália por imigração clandestina

DARWIN, 27. — Sete marítimos que, a semana passada, abandonaram o navio «índia» e tentaram ficar clandestinamente na Austrália, seguiram ontem de avião para Timor.

Os sete homens entregaram-se voluntàriamente ás autoridades, mas um outro tripulante do navio continua escondido em Darwin e a Polícia australiana vai diligenciar encontrá-lo.

Os sete marítimos que seguiram para Timor são: João Pereira, José Mimosa, Avelino Neves, José Manuel Gomes, Manuel de Oliveira Lopes, Gomes de Brito e Julio Pereira.

Antes de embarcar no avião, Gomes de Brito declarou aos jornalistas:

«Estamos dispostos a aceitar as consequências do nosso acto, mas logo que nos seja possível tentaremos emigrar legalmente para a Austrália». — (A. N. I.).

Há quem considere

o assassínio de um judeu como um delito menor

VIENA, 27. — Exibindo no peito a estrela amarela com a inscrição «Judeu», um grupo de jovens vienenses — nenhum deles israelita — manifestou-se, ontem, em Viena, para protestar contra a absolvição pelo tribunal de Graz, do agricultor Franz Murer, antigo chefe do «Ghetto» de Graz.

Os manifestantes distribuiram um manifesto no qual, depois de afirmarem que «o julgamento de Murer criou um mal-estar», concluem dizendo que «voltou a verificar-se um facto terrível: Muitas pessoas consideram o assassínio de um judeu como um delito menor, mais ou menos como um simples acidente de circulação». — (F. P.).

Passeio à barra

A Casa da Comarca da Sertã promove amanhã, á noite, um passeio fluvial á barra, a bordo do vapor «Rio Tejo», que largará, do Cais da Ribeira, ás 21 horas. A bordo, haverá baile e variedades.

NOVO ESTRADÃO

no lugar de Frende no concelho de Baião

BARQUEIROS (Douro), 27 — Os povos do lugar de Frende, Baião, festejaram a inauguração de um estradão que liga á residência paroquial e a outros lugares daquela importante e populosa zona. Deslocaram-se áquela localidade os componentes da Camara Municipal de Baião e outras individualidades, que participaram, depois, numa sessão solene comemorativa, que se efectuou no salão paroquial. Falaram diversos oradores e foram postos em relevo os diversos problemas que, ainda, afectam as populações locais, designadamente o abastecimento de água, os lavadouros publicos e um outro estradão para o lugar do Castelo. Também a necessidade de uma estrada para a estação de caminho de ferro de Porto de Rei foi outra das aspirações vinculadas.

A visita do Chefe do Estado a Angola

(Continuação da 1.ª página)

rante Américo Thomaz a diversos pontos do Norte de Angola.

Por outro lado, tem-se como certo que o Chefe do Estado visitará Benguela, Lobito, Moçamedes, Sá da Bandeira e Nova Lisboa, cidades onde reina já o maior entusiasmo pela próxima presença do Presidente da Republica. — (L.).

*

N. da R. — *O Chefe do Estado fará a viagem a bordo de um paquete e, durante a sua estadia em Angola, visitará os sectores militares do Norte de Angola, incluindo a Frente Marítima do Zaire.*

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu apresentava-se na generalidade muito nublado, o vento era fraco a moderado de noroeste; nalguns locais havia nevoeiro em dissipação.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS: Porto, 17°; Portalegre, 15°; Penhas Douradas, 13°; Coimbra, 17°; Lisboa, 17°; Faro, 19°.; Ponta Delegada, 19°; Sagres, 16°; Funchal, 20°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 10 HORAS NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 19°,2; na água do mar, 16°

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 16 HORAS: máxima, 23°,4; mínima, 16°. No mesmo dia do ano passado: máxima, 23°; mínima, 17°,6.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ — Períodos de céu muito nublado nas regiões do interior e na costa algarvia, com céu pouco nublado junto ao litoral oeste. Vento fraco a moderado de noroeste com nortada fresca durante a tarde junto á costa ocidental. Nevoeiros locais pela madrugada e possibilidade de trovoadas dispersas com aguaceiros nas regiões do interior.

DO ESTRANGEIRO EM POUCAS LINHAS

● Governo grego

ATENAS, 27. — O Governo provisório de Panayotis Pipinelis obteve no Parlamento um voto de confiança, por 172 votos contra 14. — (A. N. I.).

● Rusgas na Argentina

BUENOS AIRES, 27.—Circulos bem informados ligados ao Governo deixaram transpirar que a Polícia Federal está a efectuar rusgas nas residências de alguns oficiais que conspiravam para fazer novo golpe militar na próxima semana, a fim de impedirem a realização das eleições. — (A. N. I.).

● O incidente no Iemen

CAIRO, 27. — Os soldados britanicos feitos prisioneiros no Iemen serão julgados em tribunal, acusados de espionagem — noticiou hoje a Rádio-Cairo. — (A. N. I.).

REUMATISMO
CALDAS DE VIZELA
FLEBITES

RESTAURANTE
CORPO SANTO
TRAV. CORPO SANTO, 27
AMBIENTE
E
SERVIÇO
INDISCUTIVELMENTE
«FIRST CLASS»

AMANHÃ ANDA A RODA
CAMPIÃO
SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

Vida literária e artístico

NÚMERO 256
27-JUNHO-1963

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA»

Jorge Sena

Uma história da literatura inglesa por Jorge de Sena

Ausente no Brasil, onde pôde finalmente realizar em plenitude a sua vocação de professor e escritor, Jorge de Sena faz-nos chegar periódicamente a mensagem de uma actividade intelectual criadora em

(Continua na página central)

Alguns problemas do Realismo

Ao José Fernandes Fafe

por Gastão Cruz

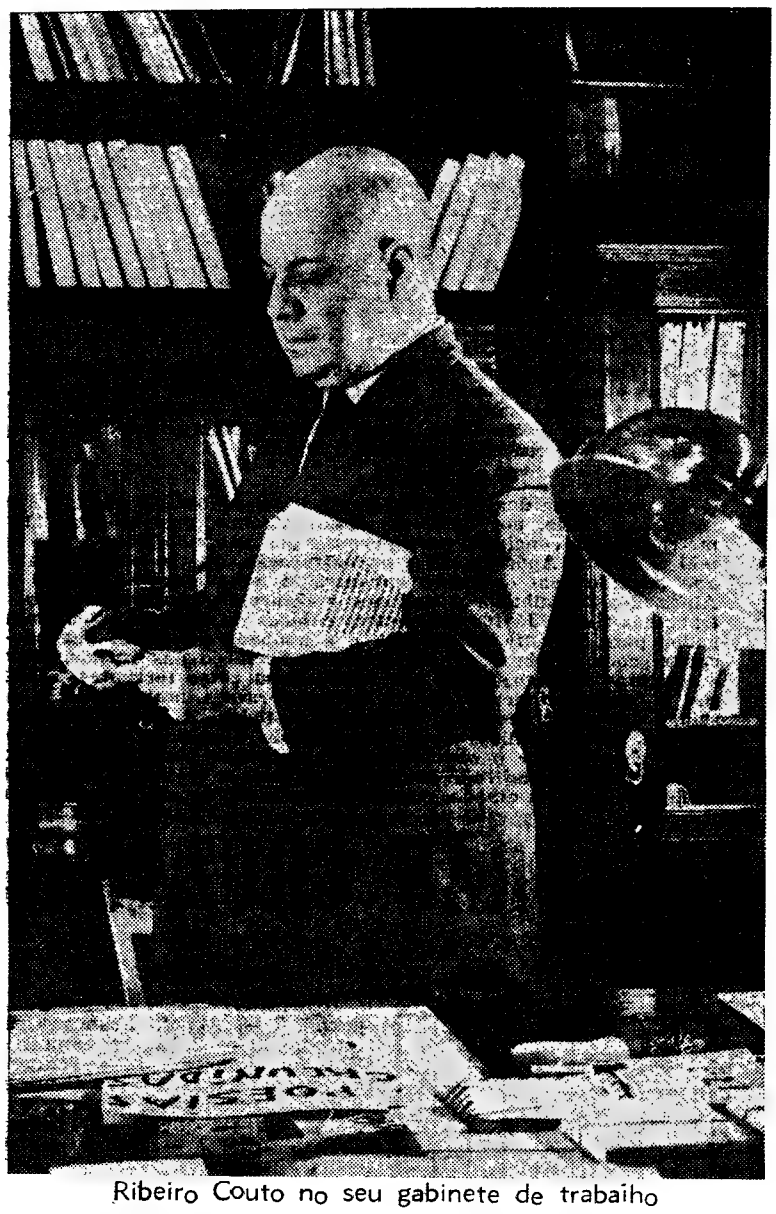
O realismo tornou-se, compreensívelmente, a questão central da estética contemporanea. E particularmente compreensível é que o debate da referida questão se tenha avivado, entre nós, nos ultimos tempos, com um ardor de que só devemos regozijar-nos. Significa isso que é cada vez mais profunda a consciência de que o realismo pode desempenhar uma função importante no meio em que vivemos. E a adesão de alguns jovens escritores portugueses a concepções realistas confirma, práticamente, a convicção de que, numa realidade a transformar, a literatura pode grandemente concorrer para apressar o aparecimento das condições — pela formação de uma mentalidade propícia, tão generalizada quanto possível — dessa transformação.

Parece-me, todavia, indispensável que se tome em conta a especificidade da contribuição, conforme a arte que a fornece. A musica, a pintura, a poesia, o romance, por exemplo, não podem ser encarados de um modo invariável, segundo uma perspectiva realista.

Que pode significar realismo, em musica? Seria primário pretender identificá-lo com descritivismo, com *programa*, embora por vezes se tenda para isso. Julgo que a contribuição mais fecunda que a musica poderá dar para o progresso dos homens (e poder-se-ia definir *realismo* como *contribuição para o progresso dos homens*) é afinar-lhes a sensibilidade, o gosto, o que corresponde a torná-los *mais humanos*.

A pintura tem, evidentemente, possibilidades diferentes. A figurativa possui uma capacidade de alusão, pelo menos, que falta á abstracta. Mas é preciso não confundir *realismo* com *reprodução da realidade;* realismo é humanização, é luta pelo progresso. Cito as seguintes justas observações do poeta E. Evtuchenko (1), a propósito da posição da pintura figurativa e da pintura abstracta, em face do problema do realismo: *(...) O realismo, para mim, pode ter centenas, se não milhares, de formas diferentes e pode ser tanto figurativo como não figurativo. Considero como realista qualquer obra de arte que toque a alma humana, mesmo que ela não represente casas, homens ou árvores. Por outro lado, os quadros em que se vêem árvores e homens são, para mim, abstractos se não têm vida nem nos produzem qualquer emoção.*

(Continua na 24.ª página)



Ribeiro Couto no seu gabinete de trabalho

Saudação a Ribeiro Couto

por JOAQUIM PAÇO D'ARCOS

A morte de Ribeiro Couto trouxe-nos, com a recordação da obra multiforme e tão rica do escritor e do poeta, a lembrança dos anos breves em que o diplomata residiu entre nós. Foi nessa temporada, no final da guerra, que tiveram início e se consolidaram algumas das amizades lusitanas que acompanhariam Ribeiro Couto até ao final da sua vida.

Numa homenagem que então lhe foi prestada por camaradas das letras o escritor Joaquim Paço d'Arcos proferiu uma saudação que arrancamos hoje á poeira de velhos jornais, como preito renovado a quem já não pode voltar a escutá-lo:

MEU caro Ribeiro Couto—É-me extremamente grato poder saudá-lo em nome deste grupo de admiradores que de tão honrosa missão me incumbiu. Esforçar-me-ei por ser breve, porque não ignoro quão áspera é a ressonância da minha voz e de que forma é vã a ressonância dos longos discursos.

Veio Você de muito longe sentar-se á mesa deste Cenáculo. que nós, alguns dos que a ela também se sentam, nos forçamos por tornar despretenciosa, fiel quanto possível, nestes dias de racionamento, á boa culinária, hostil quanto possível, nestes tempos de vida cem por cento vivida, a essas falsas flores de papel da literatura, que estão para a Arte, com A grande, como os versos da «Paquita» estavam para a caldeirada á Bulhão Pato.

Portanto, neste grupo eu pertenço á falange, talvez minoria, dos «antidiscursos». Já vê quão mal escolhido fui para pronunciar um discurso...

Todavia, nem sempre as circunstancias facultam a um escritor português esta feliz oportunidade de se curvar, em admiração e afecto, perante a obra e a personalidade de um camarada de além-Atlântico — com o nome de Ribeiro Couto. Essa rara oportunidade não a devia, nem podia perder.

Pessoalmente, conhecemo-nos há poucos meses. Estivemos muito perto um do outro — ainda há dias, na sua hospitaleira casa, o verificámos — numa tarde de há doze anos no Rio de Janeiro, tarde de revolta e de sofrimento na sua pátria inquieta. Em edifícios fronteiros; separavam-nos os vinte metros de largura da Avenida Rio Branco. A esse tempo, pouco mais era eu do que um emigrante. Mas já todo o Brasil decorava os seus versos e já eu os podia recitar para comigo, na nostalgia dos exílios:

«O dia está cinzento e longo..
Um longo dia! / Tem-se a vaga
impressão de que o dia demora... / E a chuva fina continua, fina e fria, / Continua a cair pela tarde lá fora.»

(Continua na 19.ª página)

Ouvindo Jorge Reis num encontro em Paris

por MARIA LAMAS

Já não era Paris, apesar da Notre-Dame, do Sena e dos *bouquinistes*, ali mesmo na nossa frente, sob os plátanos do Cais de *la Tournelle*. Era Portugal, pela magia da saudade que nos corre no sangue e nos torna mais vivo o ritmo do coração.

Sucede isto sempre que conversamos, Jorge Reis, e eu, na *terrasse* de um café ou em longos e lentos passeios, ao acaso, pelo velho Paris, cenário maravilhoso e real das nossas portuguesíssimas divagações e evocações.

Matai-vos uns aos outros — o primeiro romance de Jorge Reis que lhe deu o Prémio Camilo Castelo Branco, o mais cobiçado prémio literário português, e o trouxe, de subito, ao primeiro plano da nossa ficção contemporanea — esboçou-se, tomou vulto, nesse discorrer através da cidade-mundo e dos nossos próprios pensamentos: o seu autor hesitava em acreditar em si próprio, mas, á medida que me expunha a sua ideia, eu tinha a certeza de que ela se lhe ia definindo e tomava tal domínio que não mais o deixaria em sossego enquanto ele a não concretizasse num livro.

Encontro de dois escritores: Maria Lamas conversando com Jorge Reis num «boulevard» de Paris

Ouvindo Jorge Reis, pressentindo a sua íntima comoção, contida mas não dominada a ponto de impedir que ela lhe transpareça no olhar, na amorosa insistência das suas «considerações portuguesas» e

(Continua na 19.ª página)

Homenagem a José Régio e a Jorge Reis

Promovido pela Sociedade Portuguesa de Escritores realiza-se amanhã, pelas 13 horas, no Hotel Flórida, o almoço para entrega do Grande Prémio de Novelística a José Régio e do Prémio Camilo Castelo Branco a Jorge Reis. O primeiro, instituído pela Sociedade com o patrocínio da Fundação Gulbenkian, no valor de 50 contos, será entregue pesosalmente a José Régio. O segundo, patrocinado pelo Grémio Nacional dos Editores e Livreiros e da mesma importancia, será entregue ao editor do romance «Matai-vos uns aos outros», em representação do escritor Jorge Reis, ausente em Paris.

Devem usar da palavra no almoço, em nome da Sociedade Portuguesa de Escritores o presidente da assembleia geral, sr. dr. Nuno Simões; pela Fundação Gulbenkian o sr. dr. José de Azeredo Perdigão; pelo Grémio dos Editores, o sr. dr. Luís Borges de Castro; em representação do juri do Prémio Camilo Castelo Branco o sr. dr. Coimbra Martins; e em representação do juri do Grande Prémio de Novelística o sr. dr. Augusto Abelaira. Serão lidas as palavras de agradecimento de Jorge Reis e José Régio dará, igualmente, o seu testemunho de premiado.

Para este almoço, que constituirá relevante homenagem a dois grandes valores da literatura portuguesa, estão inscritos numerosos escritores.

PEQUENO MAGAZINE

PEQUENO MAGAZINE - DIBOA
especial * especial * es

ARQUITECTOS BRASILEIROS

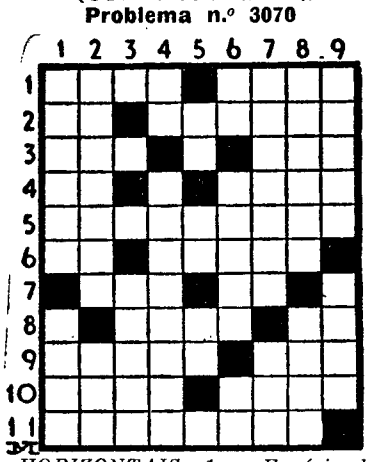
★ **O «Times» escreve que os artistas e pintores do Brasil nunca foram tão bons e que os arquitectos «há alguns anos formaram uma élite da qual o seu país justificadamente se orgulha». Assegura o jornal que arquitectos brasileiros como Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Afonso Reidy e Henrique Mindlin são hoje conhecidos em todo o Mundo.**

TÚNEL DO MONTE BRANCO

★ **Espera-se que dentro de um ano o túnel rodoviário entre a França e a Itália, por baixo do Monte Branco, com os seus 11 600 metros, esteja concluído para permitir aos automobilistas a sua normal travessia. Após as obras de perfuração, que se completaram o ano passado com o festivo encontro, a meio caminho abaixo dos Alpes, dos trabalhadores italianos e franceses, continuam agora os trabalhos finais. Já 100 mil metros cúbicos de cimento estão empregados para revestir as paredes e a abóbada do túnel, devendo-se contar com as obras de pavimentação, reforço das rochas, desvio e condutas das águas que, por vezes, caem como torrentes, ventilação e condicionamento do ar, de temperatura muito diversa nas saídas das duas encostas, iluminação e todos os outros trabalhos. No fim, esta grandiosa obra terá custado 6 anos de contínuo trabalho para vencer o obstáculo dos Alpes nas comunicações entre os dois lados, permitindo aos automobilistas a travessia numa galeria limpa, bem iluminada, como o subterraneo de um metropolitano.**

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)
Problema n.º 3070



HORIZONTAIS: 1 — Espécie de guindaste. Reparavam. 2 — Prefixo que designa repetição. Dilatado. 3 — Actua. Colorido. 4 — Símbolo químico do níquel. Proferirá. 5 — Que têm dez pés. 6 — Eu (antigo). Casas. 7 — Preposição. Prefixo de negação. 8 — Espaço de tempo. Aqui. 9 — Relativo á Itália. Ofertai. 10 — Compositor musical alemão do séc. XVIII. Asneira (pop.). 11 — Intimidara.

VERTICAIS: 1 — Enorme. Margem elevada de um rio. 2 — Governáveis. Tão (ant.). 3 — Devorador. 4 — Símbolo químico da prata. Percorre a pé. 5 — Acusada. Utensílio de padejar. Preposição e artigo. 6 — Siga. Pequenas embarcações para a pesca do bacalhau. Símbolo químico do bário. 7 — Caem. Sofrimento. 8 — Veneres. Procura. 9 — Simples. Apupo.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 3069

HORIZONTAIS: 1 — Dar. Adita. 2 — Ed. QUEM. 3 — Sutura. Si. 4 — Arria. Ais. 5 — AS. ARMA. 6 — Moita. 7 — Ensopear. 8 — Tunes. 9 — Tampo. QUE. 10 — AS. Puni. 11 — Riria. Eis.

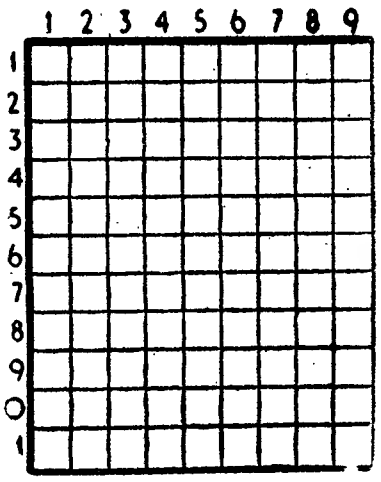
VERTICAIS: 1 — DESARME. Ter. 2 — Adur. Onda. 3 — Trais. Mar. 4 — Quisto. Psi. 5 — Aura. Apto. 6 — Dea. Eu. 7 — Im. Arranque. 8 — Sim. Reuni. 9 — Avisar. Seis.

(Provérbio: QUEM AS ARMA QUE AS DESARME).

(NOVA MODALIDADE)
Problema n.º 6015

HORIZONTAIS: 1 — Ergues. Lágrima. 2 — Rio da França. Chefe etíope. 3 — Cidade e capital da Ilha da Madeira. 4 — Pequenos barcos de recreio. 5 — Vi. Caminha. Símbolo químico da platina. 6 — Adega ou frasqueira subterrânea. Transpiração. 7 — Sufixo que designa abundancia. Cólera. 8 — Cidade de França. 9 — Espírito. Habita. 10 — Aqui. Artéria. Caminhar. 11 — Queime. Resumo.

VERTICAIS: 1 — Seguia. Vila e sede de concelho (Leiria). 2 — Preço da mercadoria incluindo transporte e seguro. Seguias. Pátria. 3 — Consenti. Futil. 4 — Templo. Um dos Estados do Brasil. 5 — Registo de sessão. Em partes iguais. 6 — Tens. Certas. 7 — Rezas. Interjeição de dor. 8 — Bigorna de ourives. Preposição. Víscera dupla. 9 — Artigo definido. Encostara um barco a outro.



Solução do problema n.º 6014

HORIZONTAIS: 1 — Tara. Seia. 2 — Ela. Lar. 3 — Sertã. 4 — As. Mãe. Ag. 5—Soca. Roda. 6—Mal. Rio. 7 — Teia. Arre. 8 — Rir. Aal. 9 — Is. Sai. Ri. 10 — Pulei. 11 — Sardinhas.

VERTICAIS: 1 — Tebas. Trias. 2 — Al. Someis. 3 — Ras. Cair. Pr. 4 — Emala. Sud. 5 — Ora. Bali. 6 — Terra. Ien. 7 — Ela. Oira. Ih. 8 — Ia. Adorar. 9 — Arega. Elias.

DIZ QUEM SABE...

- **A infelicidade das pessoas sonhadoras está em que a força dos seus pensamentos aumenta com a cegueira do espírito — MÁXIMO GORKI.**
- **Uma alegria tumultuosa anuncia uma felicidade medíocre e breve. — PLUTARCO.**
- **As coisas vos parecerão aquilo que quiserdes que elas sejam. — ANAXÁGORA.**

FORAL ANTIGO

Dos forais antigos arquivados na Torre do Tombo, consta um, datado de 1195, em que D. Sancho I concede privilégios aos moradores de Pena do Dono, sobre as searas e vinhas de el-rei, bem como sobre portagens de pão e de vinho. Este foral foi confirmado por D. Afonso II, em Outubro de 1217. Fica assim atestada a produção de vinho no concelho de Penedono, no século XII.

VAI INSTALAR-SE em Lisboa

um lar de estudantes goeses

Foi atribuído á Comissão Central de Goeses, Damanenses e Diuenses, com sede em Lisboa, por conta das disponibilidades existentes na conta de depósito do Estado da Índia, referida no artigo 1.º do Decreto n.º 44 142, de 30 de Dezembro de 1961, um subsídio anual de 168 000$00, destinado á manutenção de um lar para estudantes do ensino secundário.

No corrente ano, além do subsídio mencionado no corpo do artigo, será concedido á mesma Comissão um subsídio extraordinário de 55 000$00 para ocorrer ás despesas de instalação do referido lar.

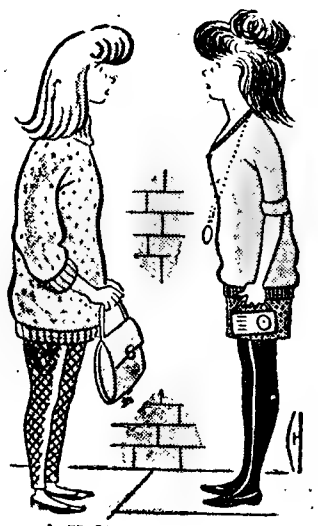
FOI DISSOLVIDA

a «Empresa Diário Ilustrado»

Publica-se hoje na 3.ª série do «Diário do Governo» a escritura de dissolução da «Empresa «Diário Ilustrado», documento no qual se lê que todo o activo da dissolvida sociedade, no qual não se compreendem quaisquer bens ou direitos imobiliários, nem direitos locativos, fica a pertencer á ex-accionista Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca, bem como a obrigação e responsabilidade de todo o passivo.

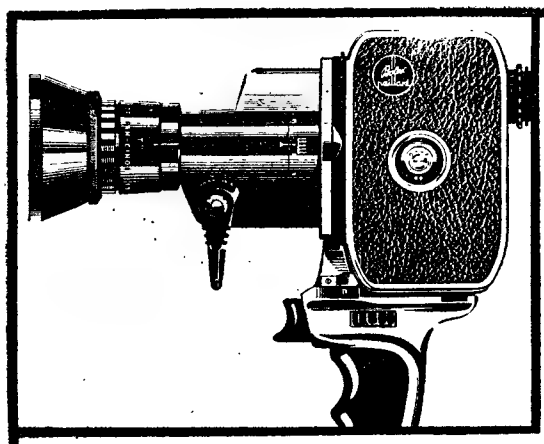
Oitocentos leitos para o Verão

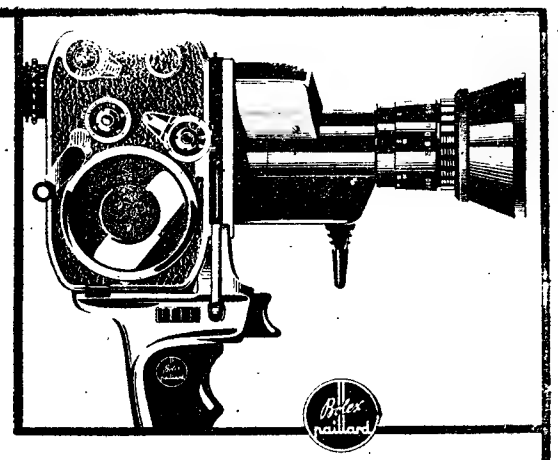
A cidade de Amsterdam tem novo hotel. E' um edifício ultra-moderno; sua alta estrutura de 11 pavimentos, abriga 800 leitos, fazendo dele o maior hotel da Holanda. Isso não seria notícia sensacional, se não se destinasse a acomodar viajantes apenas durante os meses de Verão. Durante o resto do ano, destina-se á hospedagem de estudantes universitários. Daí seu nome: Casa Académica.



— **Voltaste a usar saias? Eu acho que isso dá muito nas vistas...**

FRIGORÍFICOS
GENERAL ELECTRIC
e
FRIGÉCO
as marcas que mais se vendem em todo o mundo
todos os modelos em exposição e venda na
CASA
M. L. FERREIRA
R. D. Estefânia, n.º 48-1.º
(Junto ao Largo)





A DUPLA PERSONALIDADE DA BOLEX ZOOM REFLEX
Uma, simples como uma brincadeira de criança. Mesmo um principiante, sem qualquer dificuldade, pode fazer desde logo filmes espantosamente nítidos e perfeitos!
E a outra, à medida que for progredindo na arte do cineasta, descobrirá novas possibilidades que farão de si um «virtuose» graças à incomparável BOLEX ZOOM REFLEX
BOLEX ZOOM REFLEX UM PRODUTO PAILLARD
À VENDA SÒMENTE NAS CASAS DA ESPECIALIDADE
Distribuidores: SOCIEDADE DE REPRESENTAÇÕES M. SIMÕES JR. LDA. • Rua da Conceição, 46-1.º Tel. 31545 (4 linhas) LISBOA

MARLO

O HOMEM DO ESPAÇO
Por PHIL EVANS e TOM COOKE
sob a orientação científica
do dr. I. M. LEVITT

531

Ouvindo Jorge Reis

(Continuação da 17.ª página)

até nos silêncios nostálgicos em que tantas vezes se lhe suspende a natural expansibilidade lusitana compreende-se melhor o seu apego á terra que deu seiva ás suas raízes, a sua personalidade e, até, o estilo da sua prosa. O portuguesismo deste escritor transplantado aos vinte anos para clima estrangeiro — um portuguesismo vibrante, lucido e, ao mesmo tempo, romantico como é próprio de um Ribatejano que se preza — sobrepõe-se a todas as influências, sejam embora fascinantes e enriquecedoras, como as desta «capital do espírito» que é Paris. Jorge Reis bem o sabe e tem orgulho nisso — um orgulho que é ainda uma expressão de amor pelo torrão onde nasceu e um culto fervoroso pela língua materna, pura, rica, clássica e sempre actual, tal como ele a escreve.

Quando ele diz, com o seu jeito um tanto *gavroche*, mas autênticamente da borda-d'água: «Sou português de Vila Franca de Xira!» — é como se dissesse: «Nem quinze anos de França, nem o meu enraizamento neste grande país que admiro, nem o meu francês impecável poderão nunca levar de vencida a minha índole de origem, o meu bem-querer a Portugal, a minha fidelidade á língua portuguesa».

É curioso como um livro, uma obra de arte, qualquer realização criadora, depois de concluída, aparece muitas vezes ao seu autor como um acto a que ele próprio foi estranho ou, pelo menos, em que agiu movido por uma força, um imperativo, um anseio de comunicação de que nunca havia suspeitado ou que apenas pressentia, vagamente, adormecido em si. Em dado momento, sem ele saber como, esse anseio, essa força, instala-se despóticamente no seu EU e deixa-o sem tranquilidade enquanto não consegue libertar-se daquele aguilhão. Libertar-se, neste caso, quer dizer: realizar a Obra.

Foi este o ponto de partida do nosso diálogo naquele dia. A bem dizer, um diálogo em que, deliberadamente, apenas intervim com breves perguntas:

— Para além das nossas conversas a propósito do seu livro, quando ele ainda não era mais do que um tema de meditação, um sonho vindo de muito longe, a avançar ao seu encontro, qual teria sido, Jorge, a origem mais profunda deste romance?

— Para lhe falar com franqueza, não sei... A ideia de «Matai-vos...» deve ter-me ocorrido no decurso desse peregrinar sem meta a que me abandonava pelos cais do Sena... Não sei... O que sei é que «quem não pode regalar-se com perdizes, petisca pardais». Foi o que fiz: cerceado da minha terra, fui obrigado a recriá-la cá dentro... para não cair na fraqueza. Tenho levado anos a contar-me historietas...

— E porque as não passava para o papel?

— Tentei, lá isso tentei. Mas depressa comprendi que ainda tinha que rilhar muita côdea para fazer trabalho asseado. E o que era confrangedor é que á medida que o tempo passava, menos eu sabia como concretizar essa ambição: a língua ia-se-me á vela! Ainda por cima, ninguém acreditava em mim: eu podia ter sido o mais genial escrevinhador de histórias — tanto montava, porque fora condenado sem remissa! Porquê? Fruta dos tempos... Vivi anos emparedado nesse lazareto, até o dia em que me estendeu essa mão amiga por que tanto esperava: restituiu-me a confiança, mostrou-me que, sim senhor, aquilo que eu tinha para dizer era susceptível de ressonancia... Jamais, Maria Lamas, lhe agradecerei bastante as palavras que me disse e que só a amizade dita.

— Mas porque escreveu este livro e não outro?

— Porque me permitiu matar vários coelhos de uma cajadada: tantar resolver certos problemas de estética literária e narrar uma história verosímil, ocorrida num meio verosímil, com personagens verosímeis. No fundo, foi uma obra que me permitiu expandir saudades e adestrar a mão...

— Pergunto várias vezes a mim própria se o facto de o Jorge Reis estar longe influiu na revelação da sua vocação de escritor. O que me diz?

Jorge Reis sorri:

— Pode ser que sim e pode ser que não, como respondem os normandos que são gente que não corre a foguetes. O que me parece é que, como a rapaziada da pequena burguesia lá das berças, fui sempre um tanto ou quanto lítera e, creio que se tivesse continuado na Pátria, já teria atrás de mim *obra de vulto:* um livrito de poemas, dois ou três volumes de contos e — porque não? — meia duzia de romances... Quem sabe? Ou talvez estivesse agora a fazer colheres. O que sei é que, sem o nosso encontro em Paris, sem a sua amizade, jamais teria passado de um Baltasar Moscoso. Lembra-se? Esse patarata enfatuado, retratado por Raul Brandão, que aspira pelo seguinte epitáfio: «Aqui jaz um homem de génio que não teve tempo de se revelar»?

— Estou ansiosa por ler algumas páginas do seu novo livro. Pressinto que será escrito no mesmo clima íntimo de português enraizado na Pátria apesar da distancia. Engano-me?

— Não, não se engana. Os pilriteiros só dão pilritos e não maçãs. Assim sou eu... A matéria do livro que tenho em mãos é bastante diferente da que me serviu para «Matai-vos...», mas o *clima*, ou melhor a *óptica*, é a mesma.

— Na sua opinião, um livro focando um problema intrinsecamente português é compatível com um sentido universal?

— Porque não? Não serão os nossos problemas humanos os problemas de todos os homens, não obstante as nossas particularidades? A questão que se pode pôr é saber se a nossa literatura pode pretender a um auditório universal. Pessoalmente, acho que pode: na medida em que a nossa literatura é profundamente nacional, é insubstituível no concerto mundial das letras. Evidentemente, há povos que concorrem com instrumentos nobres: violinos, pianos ou harpas; nós comparecemos porventura com gaitas-de-foles, cavaquinhos, berimbaus. Adiante, cada qual dá o que tem! Simplesmente, hoje em dia, segundo me parece, há pessoas que confundem literatura com futebol (o que é naturalíssimo entre «campeões da Europa»...) e, em vez de porem o problema em termos de «literatura comparada», põem-no em termos de totobola: «se um escritor francês, inglês ou abexim trata de dada maneira certos problemas «transcendentes» e de «categoria internacional», o escritor português, para não passar por labrego, deve fazer o mesmo». E tal como as equipas de futebol são constituídas por jogadores arrebanhados em todos os horizontes, as letras portuguesas «internacionalizam-se», cosmopolitizam-se. É talvez muito bonito, muito chique, não digo o contrário... Cá para mim, penso que vale mais *tocar* bem gaita-de-foles ou berimbau de marca portuguesa do que fazer fífias num piano ou numa rabeca de fábrica estrangeira. E tocar bem gaita-de-foles, para mim, será tanger a nossa musica — tratar á nossa maneira os nossos problemas de portugueses, de homens, portanto. O que acabo de dizer é capaz de ser uma «vista do espírito», mas, enfim, é o que penso da questão.

— O Jorge costuma dizer que a sua grande ambição seria poder sentar-se á mesa 8 horas por dia. Acha que um escritor pode escrever com um ritmo de emprego diário?

— É o que eu gostaria de fazer... Não digo que me entregasse diáriamente á factura de romances. Penso, porém, que um escritor deve trabalhar no seu ofício — aguçando a ferramenta e manipulando a matéria-prima — com a assiduidade do operário. Aborreço o amadorismo. Repito: é esse o meu sonho.

— Que exige determinadas condições...

— ...e as minhas são péssimas. Com encargos de família, sou obrigado a consagrar a maior parte do tempo ao seu sustento. Volto para casa ás 9 e meia da noite, como sabe, e como, por motivos profissionais, venho lastrado de «actualidade», sou obrigado a «esvaziar-me» a fazer uma espécie de «yoga»: mal despacho o jantar, vou dar uma volta por aí, ao deus-dará, para captar a roga de personagens que tenho no estaleiro. Volto para casa á meia-noite e ponho-me a pianotar á máquina até ás seis da manhã. Como a casa é pequena e os vizinhos refilam, tive mesmo que fabricar uma caixa de material de insonorização para trabalhar á vontade... Resultado disso tudo: ando com anos de sono atrasados!

— Porque é neo-realista, Jorge Reis?

— Respondo por uma *boutade:* porque sou de Vila Franca de Xira. Sou neo-realista porque considero o neo-realismo como a corrente literária mais condicente com a realidade do nosso País — o que de modo algum significa que as outras correntes, mesmo aquelas que açacalam armas no campo adverso, não tenham a sua palavra a dizer no tavolado das letras portuguesas. Sou neo-realista porque o neo-realismo me abre grandes perspectivas estéticas; porque é a corrente em que, para além de me facultar uma visão mais aguda e pertinente da matéria a tratar, cabem — não de maneira gratuita, decerto — todas as buscas e enriquecimentos formais; porque não é um esquema, pelo contrário: o neo-realismo é o herdeiro e o continuador de tudo o que a literatura portuguesa deu de válido, de tudo o que a peneira do tempo decantou nas suas malhas. Enfim, por milhentas razões.

MARIA LAMAS

Galeria de Artes e Letras nas Caldas da Rainha

Por iniciativa da Livraria Silvérios & Silva, das Caldas da Rainha, foi aberta ao publico nesta cidade uma Galeria de Artes e Letras, que se propõe constituir um centro de divulgação e de convivência em torno de interesses culturais do mais largo ambito. A Galeria reunirá secções de livros, obras de artes plásticas e discos, promoverá exposições e encontros literários e facilitará reuniões de intelectuais. A acção que a Galeria se propõe realizar, com independência e dinamismo, vai abrir ao publico mais largo e ecléctico uma convivência activa com os interesses primaciais da cultura contemporanea. O empreendimento merece, sem duvida, a mais aberta simpatia e terá neste Suplemento o apoio que lhe é devido.

Colecção AUTORES PORTUGUESES

acaba de sair um novo romance de

ALICE SAMPAIO

O AQUÁRIO

Com uma arte sugestiva, coloridissima, a raiar pelo visionário, a Autora constrói um mundo de paisagens e seres inconcebíveis, cheio de cidades minerais e vidas subterraneas, palpitantes, evocado numa espécie de poema do estranho, profundamente perturbante

Esc. 30$00

LIVRARIA BERTRAND

NO PORTO

O «Diário de Lisboa» no PORTO encontra-se á venda, a partir das 21 horas, nas tabacarias de MATOSINHOS, FOZ, AVENIDA DA BOA VISTA, ROTUNDA DA BOA VISTA, CARVALHOSA, PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL, RUA DE COSTA CABRAL, CONSTITUIÇÃO, PRAÇA DA REPUBLICA e BONFIM

Saudação a Ribeiro Couto

(Continuação da 17.ª página)

Depois, dez anos decorridos, voltámos a estar tão perto um do outro, noutra latitude e noutras circunstâncias. Fizémos, outro dia, igual verificação. Naquela manhã de 7 de Dezembro em que os Estados Unidos despertaram para a guerra, cruzámos ambos a porta larga do Rockefeller Center, misturados na multidão e sem que nos conhecessemos. Nessa Nova York que você cantou:

«Os buildings, á noite, são altos de morro, / Janelas sem sono de nações perdidas, / Queimando exiladas nas negras alturas.

Sirenas do Hudson pedindo socorro, / Adeuses de trens, choro, despedidas, / Misturam-se a todas as vozes impuras.»

Mas foi aqui nesta «Lisboa das naus cheia de glória», que me foi dado conhecer pessoalmente o poeta do «Noroeste» e do «Jardim das Confidências», o romancista excelso da «Cabocla», o contista da «Baianinha e outras mulheres», mestre de contistas. E, neste instante, temo-lo junto de nós, com seus óculos carregados, sua exuberância, sua alegria, máscara da inquietação. Mas não temos sómente a sua figura física, solidária com as nossas nesta fidelidade da literatura ás tradições culinárias. Por detrás de si está a sua obra inteira, que se confunde estranhamente com a sua personalidade. A ponto de que, quando o ouvimos narrar, com tão funda sinceridade, os começos da sua vida, parece-nos que estamos a reler páginas de romances seus e que foi você, numa boa acção, quem restituiu á pureza da terra natal aquela figura alada da Prima Bélinha que se perdera nas vielas do Rio.

Por detrás de si está a sua obra inteira e que imensa responsabilidade recai sobre mim ao defrontá-la. O encargo de o saudar a esta mesa, dado o seu grande nome e o que ele representa para nós, caberia, com inexcedível autoridade, a um João de Barros, que da sua obra poética escreveu: «Para este poeta de livre e ampla inspiração, toda a realidade é poesia, se transforma e transfigura e condensa em poesia — a realidade do seu próprio espírito e a realidade do universo, a realidade de outrora, e a realidade quotidiana — alimento, alicerce e estímulo de lirismo sempre tocado de imarcescível candura de alma». Caberia com acerto a José Osório de Oliveira, também devotado arauto da vossa admirável literatura, que colocou a «Cabocla», esse «romance matinal de tão grande frescura e de tão simples mas clara beleza», entre os primeiros romances brasileiros. Caberia, com propriedade, a Adolfo Casais Monteiro, que no seu ensaio, «A poesia de Ribeiro Couto», tem um breve mas luminoso estudo da trajectória seguida pelo estro deste poeta desde o «Jardim das Confidências» até á «Província», desde os dias em que segredava:

«Minha poesia é toda mansa, Tem o pudor de falar alto...»

até ao momento, bastantes anos decorridos, em que, forte de uma experiência adquirida nos grandes caminhos do mundo e nas horas intensas da vida, se rebela com ímpeto:

«Ó poetas de gabinete / Que da vida sabeis apenas a lição dos livros, / Como eu vos lamento! / Vossa poesia é toda feita de habilidades de estilo, / Sem a marca um pouco suja das cousas vividas, / Para vós a poesia é um jogo de palavras. / Para vós não existe a vida: existem os temas poéticos.»

Mas, afinal, o encargo veio a recair sobre mim. Daí a insuficiência desta saudação. Eu não poderei fazer o merecido estudo da sua obra, porque nem para tal tenho os recursos nem o local se prestaria.

Por conseguinte limito-me a dizer-lhe, neste instante em que o tenho presente, que no silêncio das horas recolhidas muitas vezes li e reli o seu «Cancioneiro do Ausente». Assim, Ribeiro Couto, os artistas estão sempre junto dos seus fieis, mesmo quando as veredas do mundo os separam. Terras que eu também percorri e que vim encontrar, esculpidas em beleza, nos seus versos ou no seu roteiro de viajante; essa vasta Chicago, que atravessei em anos de mocidade e que tornei a encontrar no seu Cancioneiro:

«Na verde campina dos peles-vermelhas / Agora é o reino do fogo e do aço; / Fornos, forjas e grelhas / Atrás de fumarentos muros. / Na Primavera do ano que vem / Será impossível achar uma flor / Na antiga campinha dos peles-vermelhas / Onde eu próprio não acho o olhar do meu bem.»

...Essa doce cidade de Pau, á beira do Gave, onde convalesci de longa doença, e que fui reencontrar nas páginas originalíssimas, de prosa pujante, transbordante, mais do que rica, úbere, desse seu livro delicioso «Chão de França»:

«Ao desembarcar na gare do Midi, no vale do Gave, olhei lá em cima, na cidade alta, os tristonhos telhados entre verdes retalhos de bosques e jardins. A torre quadrada do castelo, com suas ameias denteadas, apontava para o céu e vigiava os horizontes. Longe, do lado oposto, ondulavam os Pirenéus...».

Portanto, como vê, embora seja recente o nosso conhecimento pessoal, muita vez nos temos encontrado. Daí resulta que ao dirigir-lhe, hoje, aqui, a palavra, o faço como a velho e querido amigo. Condão seu, da sua obra de raro poder de comunicabilidade, da sua pessoa, amalgamada á obra e nela fundida a ponto de ambas reflectirem igualmente aquela «irradiação magnética e simpatia humana» de que, a seu respeito, Ribeiro Couto, nos fala o insígne Manuel Bandeira.

Desde o dia em que partiu da sua cidade natal, ali á sombra do planalto de S. Paulo, á beirinha do Atlântico, desde esse dia —

«Sou bem teu filho, ó cidade marítima, / Tenho no sangue o instinto da partida, / O amor dos estrangeiros e das nações.»

— desde esse dia, tem sido variado o seu caminho e rico de experiência humana. Nesta altura da caminhada já é portador de uma mensagem literária que o coloca num dos primeiros lugares dos contistas brasileiros, pela crítica considerado o mais brasileiro de todos, e na primeira fila dos renovadores da poesia do seu país. Nessa poesia renovada, o mundo que o rodeia — e para o qual Você ávidamente estende as mãos, dirige, guloso, o olhar — o mundo que o rodeia confunde-se com o seu mundo interior, estranho e profundo, o seu mundo de poeta.

«Como um dom do céu a noite caía, / Rompendo o caminho pela mata brava, / Contente de tudo o poeta ia, / Ao céu e á terra o poeta cantava.»

Que esse alto dom de poeta, esse alto dom de cantar, contente de tudo, ao céu e á terra, o continue a acompanhar sempre, e que nas andanças da sua vida de diplomata lhe seja grata esta paragem entre nós, onde todos falamos a sua língua, a língua de Camões e de Bilac, cujo património, para nossa fortuna, Você tão singularmente tem honrado e enriquecido.

JOAQUIM PAÇO D'ARCOS

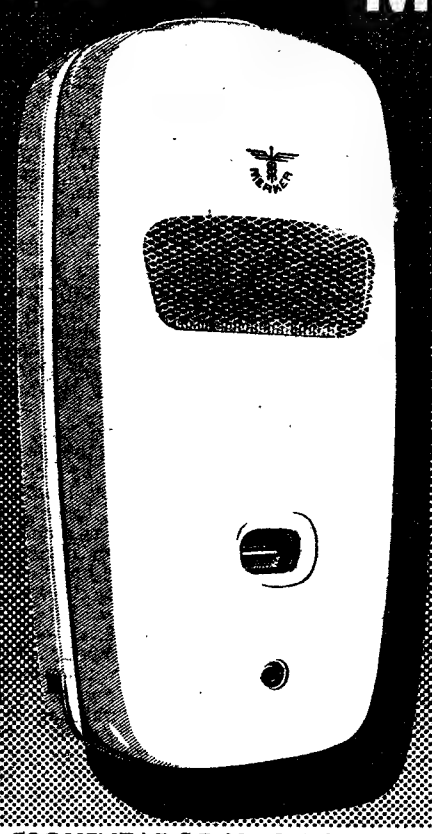
«Jornal de Letras» do Rio de Janeiro

Entrou no 15. ano de publicação o «Jornal de Letras» do Rio de Janeiro, consagrando o esforço dos irmãos Condé, que o fundaram e lhe têm mantido corajosa continuidade. A acção do jornal na convivência literária luso-brasileira bem merece o vivo apreço dos meios cultos portugueses.

No numero de Junho, com que se inicia o 15.º ano, além da mensagem por este motivo aos colaboradores, leitores e amigos e justa referência ás laureas recebidas pelo grande poeta e cronista Carlos Drummond de Andrade (prémio Fernando Chinaglia) e pelo ensaista Alexandre Eulalio (prémio Brito Broca) incluem-se colaborações de Eugénio Gomes, Carlos Cavalcanti, José Maia, Homero Senna, Claribalte Passos, Cruz Malpique, Amandio César, José Lino Grünewald, Walmir Ayala, Dalmo Jeunon, Walter Alves, Stella Leonardos, Marcos Monte Lima, Henrique Alves, Sylvio de Oliveira, Renato Almeida, Lourdes Bernardes, Fausto Cunha e Silvia.

O noticiário literário e artístico é largo e variadíssimo. Abrange todos os Estados brasileiros e inclui todos os sectores intelectuais.

esquentadores MERKER



PARA GÁS BUTANO OU GÁS DA CIDADE

OS APARELHOS QUE DEFENDEM A SUA VIDA

Providos da famosa válvula de segurança termo-eléctrica que evita todo o perigo de explosão ou de intoxicação.

Somente MERKER LHE OFERECE ESTA GARANTIA ABSOLUTA

O novo modelo MERKER apresenta além disso as mais elegantes linhas e o mais impecável acabamento.

MERKER É UM PRODUTO SUIÇO DA MAIS ALTA QUALIDADE

O ESQUENTADOR N.º 1 DO MUNDO!

DISTRIBUIDORES

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.

AVENIDA FONTES PEREIRA DE MELO, 45 — LISBOA

FOTOCÓPIAS

Entrega imediata

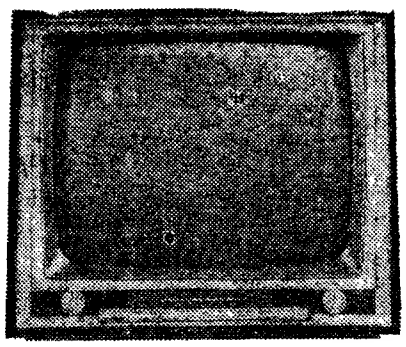
FOTOFILME — Rossio, 101

Telef. 323192

(ao lado da Pastelaria Suissa)

HAVAS

O MÁGICO DO SOM E DA IMAGEM!...



Impecável de nitidez no som e na imagem, o Televisor LOEWE OPTA é todo um mundo de magia ao seu alcance. Todos os aperfeiçoamentos modernos numa apresentação insuperável.

LOEWE OPTA

SUPER QUALIDADE EM RÁDIO E TELEVISÃO

REPRESENTANTES GERAIS EM PORTUGAL:

UTILECTRA

BENTO, MAGALHÃES & TEIXEIRA, LDA.

Lisboa — Rua Rodrigo da Fonseca, 82-A — Telefone 54439

Porto — Rua de Santo António, 99 — Telefone 28707

Excursão da C. P.

DOMINGO 30 DE JUNHO

em colaboração com a Empresa Geral de Transportes

VISITA AO RIBATEJO

Viagem de Lisboa a Entroncamento, Vila Romana de Torres Novas, Tomar, Golegã, Chamusca, Alpiarça, Almeirim, Santarém, e volta

Preços: 1.ª classe, 135$00; 3.ª classe, 110$00

Almoço facultativo, na Estalagem de Santa Iria, em Tomar, mediante inscrição: Esc. 50$00

Transporte em unidade tripla eléctrica, entre Lisboa (Santa Apolónia) e Entroncamento, na viagem de ida, e entre Santarém e Lisboa (Santa Apolónia), na de volta. Circuito turístico, por estrada, em autocarro.

Partida da estação de Lisboa (Santa Apolónia) ás 8-35 horas com regresso ás 21-25 horas, á mesma estação.

Bilhetes á venda na estação de Lisboa (Santa Apolónia) e de Lisboa (Rossio), Agência da E. G. T., na Rua do Arsenal, 124-1.º, e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro, nas: Avenida Praia da Victória, n.ºs 36 e 38; Travessa do Cais do Tojo, n 15; Rua Roma, 4-B; Rua Marquesa de Alorna, Almeida e Sousa, n.º 14-A; Avenida de 22-A e Rua dos Anjos, n.º 77-A.

LOTAÇÃO LIMITADA

ALUGAM-SE

ESCRITÓRIOS c/ 2 salas boas instalações

Rua António Maria Cardoso, 15

Joaquim Nunes de Almeida

PARTICIPAÇÃO E MISSA DO SÉTIMO DIA

Generosa Alfaia de Carvalho Nunes de Almeida, Joaquim Nunes de Almeida, sua mulher, filhos e netas, António Nunes de Almeida e sua mulher, Maria Generosa Nunes de Almeida Bandeira, seu marido, filhos e neta, Maria Rita Nunes de Almeida Ferreira, sua filha e netas e mais família, participam o falecimento, no dia 21 do corrente, do seu querido marido, pai, avô, bisavô, irmão e parente, e que será celebrada missa pelo seu eterno descanso amanhã dia 28, pelas 11,30 h., na Igreja de S. José, do Largo da Anunciada.

TEM CARRO? TEM PRÉDIO?

ENTÃO TEM DINHEIRO

Visite a

ORCOSI

R. 1.º Dez., 45, 3.º — T. 367444

A FIRMA QUE RESOLVE OS SEUS PROBLEMAS FINANCEIROS NAS MELHORES CONDIÇÕES. RAPIDEZ E SIGILO

MOBÍLIAS

EM TODOS OS ESTILOS, MAPLES E DECORAÇÕES. FABRICAMOS, FAZEMOS TROCAS E MODIFICAÇÕES

FACILITA PAGAMENTO

Rua António Pedro, 72-A

— Telefs. 46501 - 49712 —

FOLHA-DE-FLANDRES

SEMPRE A PREÇOS MUITO ACESSÍVEIS

CICC, LDA. - RUA D. JOÃO V, 7-1.º

LISBOA - TELEFS. 58 41 41/2/3

C.C.N.

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS	DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«BENGUELA» 12 de Julho	Com escala por LEIXÕES, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário). Carrega até 10 de Julho p. f.º inclusive.
«INFANTE DOM HENRIQUE» 16 de Julho, às 12 horas	Com escala por FUNCHAL, para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega até 13 de Julho p. f.º inclusive.
«GANDA» 18 de Julho	Com escala por LEIXÕES, para: PRÍNCIPE, S. TOMÉ, AMBRIZ LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇÂMEDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega até 15 de Julho p. f.º inclusive
«PÁTRIA» 23 de Julho, às 12 horas	Com escala por FUNCHAL, para: S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA (se necessário) e PORTO AMÉLIA. Carrega até 20 de Julho p. f.º inclusive.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» 30 de Junho e 8 de Agosto às 18 horas	Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU, PORTO RICO e PORTO EVERGLADES (MIAMI).

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA: Rua de S. Julião, 63. Tels. 369621/8. PORTO: Rua Infante D. HENRIQUE, 9. Tel. 23342

FRIMATIC

AGORA A PREÇOS AINDA MAIS BAIXOS

À VENDA EM TODO O PAIS NOS AGENTES AUTORIZADOS

Os Estados Unidos na era atómica

(Continuação da 1.ª página)

pressionou logo nas primeiras horas em que pude divagar (sentindo-me liliputiano) entre os arranha-céus de vidro da Lexington Avenue, da Park Avenue ou da 5.ª Avenida, essa impressão não me deixou esquecer Chicago ou San Francisco — cidades que, como europeu, coloco á cabeça dos mais belos e agradáveis aglomerados populacionais da América do Norte. Mas passemos adiante, até porque ainda não falei de San Francisco.

A minha primeira noite em Nova York — 13 de Junho — tinha de me ficar especialmente gravada na memória. José de Seabra e sua esposa — que trouxe para os Estados Unidos toda a beleza e toda a graça da mulher brasileira — tinham-me reservado uma surpresa. Eles sabiam que existia, naquela metrópole imensa que é Nova York, um recanto onde se festejava a Noite de Santo António. Era no bairro italiano, para o Sul de Manhattan, próximo do arco monumental de Washington Square, mesmo a confinar com o «bairro existencialista» de Greenwich Village... E para lá me levaram, depois de verem bem qual das três linhas sobrepostas do metropolitano conduzia em poucos minutos ao ponto desejado.

■ Arraial à portuguesa

Quando voltámos á superfície estávamos na embocadura de uma rua engrinaldada de arcos com bandeiras de papel e lampadas eléctricas, pejada de gente do povo, guarnecida de barracas onde se vendiam alimentos cozinhados na ocasião e recordações toscas, no meio de uma atmosfera barulhenta e confusa de fumarada e de cheiro a frituras...

Estava no bairro italiano de Nova York, na Sullivan Street, onde se festejava um Santo António, que não era de Lisboa, mas que se dizia ser de Pádua... Tinha deixado as austeras e alongadas avenidas do centro de Manhattan, com os seus arranha-céus refulgindo em deslumbrantes cascatas de luz e estava numa artéria relativamente curta (que seria mal iluminada se não fossem os renques de lampadas para a festividade da noite), uma rua de prédios baixos, modestos, direi mesmo pouco cuidados, de cores escuras e tristonhas, de lojas sem pretensões e de habitantes de condição social quase humilde. Sullivan Street, num dia como qualquer outro, é uma rua para a qual não se olha, uma rua onde o turista não chega — uma rua que não vem no mapa, como se costuma dizer.

E, todavia, na noite de Santo António (mesmo de Pádua), quando estava já quase com um mês de viagem através dos Estados Unidos, direi que a Sullivan Street, me «soube bem», que a «saboreei», talvez porque me falava um pouco da nossa terra distante, dos nossos costumes, da nossa Alfama ou da nossa Madragoa, das nossas romarias.

No meio da multidão que se comprimia e que ondulava como um oceano a espreguiçar-se em movimentos lentos, fui na onda, deixei-me embalar pela torrente humana, esfusiante de alegria, cantando e dançando ao som de concertinas, de violas, de pandeiretas, de pratos e de bombos. Algumas italianas bonitas e azougadas — embora em pequena percentagem — salpicavam de agradável colorido uma multidão pouco expressiva.

Nas barracas de comes e bebes dísticos escritos a tinta azul em caracteres primários — Torrona Ferrara, Pizza, Italian Ices, Napoli Restaurante, Zeppole di Napoli, Spaghetti — lembram-me os das nossas tradicionais festas populares — cachorros, pregos, bifanas, «Hoje há leitão!», passarinhos fritos...

Raparigas e velhos passam a lamber blocos de «gelatti» donde escorre a calda do chocolate saboroso, comem-se pela rua chouriços e salsichas fritas, ainda fumegantes e a pingar óleo de cheiro pouco agradável; uma italiana, anafada e morenaça, de mangas arregaçadas e avental enodoado, distribui sorrisos e frituras por uma clientela que faz bicha paciente no engodo do petisco preferido e talvez da cozinheira desejada...

■ «Manuel: Não te afastes...»

Pelos passeios, aqueles dos moradores que vivem estas festas não a comer mas a conversar, sentam-se nos degraus ou nos portais e falam baixinho sobre a vida dos vizinhos da frente... Vou abrindo caminho como posso. É-me grato aquele ambiente, eu que nunca fui dado a festas e romarias. As barracas sucedem-se, enfiadas umas nas outras: bijutarias de «três ao vintém», imagens e santinhos de folha, colares de plástico e balões que estoiram no ar; dísticos em inglés («Hot corn and cold beer») misturados com palavras em italiano («Spaghetti di Roma») e, no meio da multidão anónima que come e que ri, que se diverte a cantar e a dançar, parece-me ouvir, num sortilégio estranho, aquela voz tão característica das romarias portuguesas: — É entrar meus senhores, é entrar, são as melhores «farturas» da feira!

Carros da Polícia, de faróis apagados, ás esquinas, vigiam, mas não têm muito que fazer. No meio do «povinho», a imagem graciosa e delicada de Santo António passeia pela Sullivan Street, junto dos pais: é um miudo, italiano, com os seus doze anos, vestido a rigor como o taumaturgo, a orar e a sorrir para a multidão, que o olha com ternura. Chego ao extremo da rua que, naquela noite de 13 deste mês, me transportou nostalgicamente a Portugal. Volto ao princípio. Não quero ir-me embora. Tudo me prende a atenção, talvez para tudo e para todos tenha um sorriso de amizade e de simpatia. Por fim, mesmo ao meu lado oiço, num português já «deteriorado» por muitos anos de América, estas palavras na voz clara de uma mulher do povo: — Manuel, não te afastes, senão a gente perde-se...

Era uma família portuguesa dos arredores de Nova York. Apesar do santo se festejar «como italiano», aquela noite e aquele nome tinham-nos atraído mágicamente ali, para matar saudades da Senhora do Sameiro...

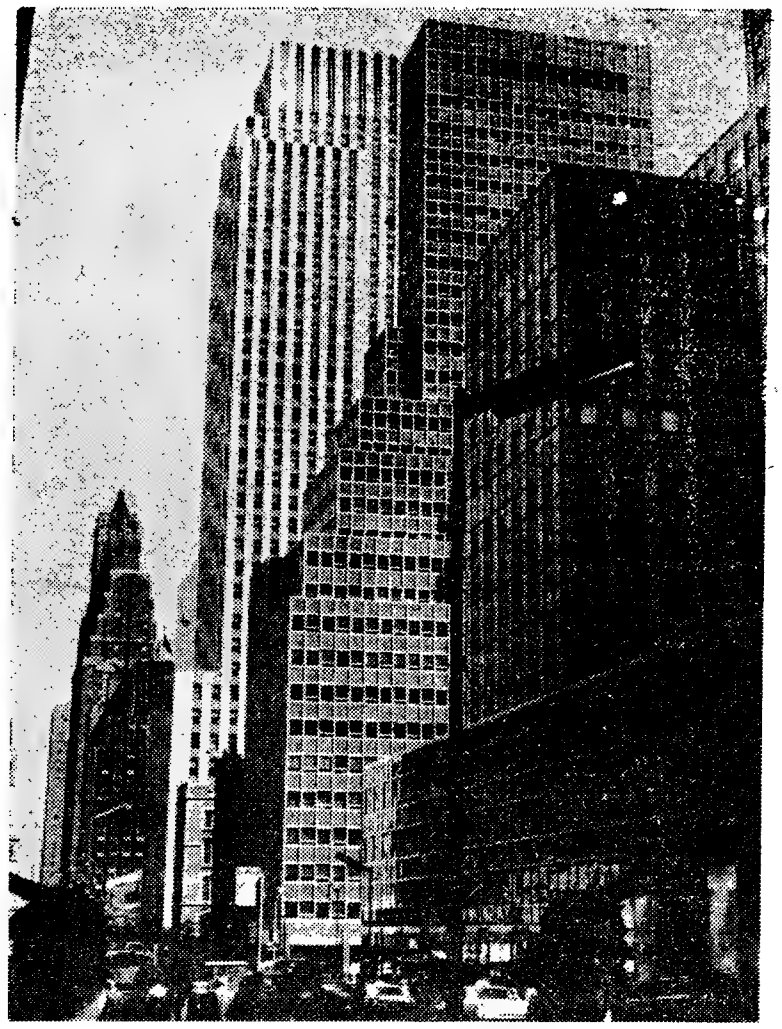
■ No bairro estranho de Greenwich Village

Deixámos Sullivan Street e estavamos em Greenwich Village — bairro tão estranho como extenso — que tem alguma coisa de Montmatre e de Quartier Latin — muita coisa curiosa, intensamente pitoresca, a par dos seus aspectos tristes, desagradáveis, quase obscuros.

Bairro populoso do Sul de Manhattan, abrangendo ainda o começo de algumas das suas grandes avenidas, Greenwich Village tem de tudo lá dentro — igrejas para todos os credos; galerias de arte, para todos os gostos; «night taverns», para todos os publicos; teatros para todos os géneros; restaurantes para todos os paladares; centros de reunião para todos os espíritos; enfim, homens e mulheres cultivadores de todos os costumes... Greenwich Village, a confinar com a Broadway, cintilante e buliçosa, é o mais velho bairro de Nova York. Não tem arranha-céus. Ali, tudo se passa em casas baixas, muitas vezes mesmo abaixo do solo, onde os amadores de vida boémia encontram sítio e ambiente adequado ás suas tendências e inclinações — umas normais, outras excêntricas.

Deambulei mais duma hora, noite avançada, pelas ruas monótonas de Greenwich Village. Detive-me aqui e acolá, colhendo impressões e fixando imagens, umas e outras nem sempre lisonjeiras. Um mundo esquisito, com o seu quê de misterioso, enche as ruas e os cafés, as praças e os bancos dos jardins. Mulheres de calções verdes pelo meio da coxa, bem justas nas ancas, sapatos de corda, muito sujos, e longos cabelos escorregando em desalinho pelas costas; rapazes de olhar abstracto, alérgicos ao barbeiro, acompanhando-as como quem segue um funeral; num estudio de rés-do-chão, uma simples lojeca, um escultor de garra molda, á vista do modelo, a cabeça de uma bela moça, ante os mirones (fui um deles) extasiados com o seu real talento; sai do teatrinho Bleeker, onde se representou «Desejo debaixo dos choupos», de O'Neill, um publico existencialista que não fala, que não troca impressões, um publico taciturno que parece esmagado por um drama que pode muito bem ser o seu; há cafés subterrâneos, de mau aspecto, que parecem negras catacumbas, na semiobscuridade da luz velada, para onde se desce por uns degraus comidos pelo tempo e pelos sapatos; vejo passar algumas raparigas que apreciariam ser homens, tópo com alguns rapazes (não muitos, felizmente) que parecem amargurados com o sexo que Deus lhes deu...; passo por uma baiuca que tem á porta este dístico «Café-Why not?» — pergunta que se justifica plenamente, mas também vejo pelas ruas, negros de ponto em branco ou de camisola sem mangas, a exibir belos carros, sentados ao lado de formosas mulheres brancas que sabem exibir lindas pernas; admiro as montras dos antiquários recheadas de preciosidades e também de imitações grosseiras, ou as lojas enfeitadas com artigos vistosos do Amazonas e dos Andes, mantas garridas do México e do Peru, espadas e punhais reluzentes, imagens de madeira, sedas do Oriente, estatuária egípcia, dos tumulos dos faraós... Um latagão de *shorts* e longa barba, os braços e as pernas enegrecidas pela tatuagem, pontifica a uma esquina, ouvido por cinco rapazes... A poucos metros, uma jovem de expressão sofredora rosto alongado e macilento (descalça!) olha para o infinito, encostada ao guarda-lama de um «Cadillac» aberto. Ao volante, ninguém. Greenwich Village é o bairro melancólico de Nova York.

Deparo com um café em que há esta tabuleta: «Caffé Reggio-Originalle Cappuccino». Quase ás escuras, entro a tactear o chão, não haja algum degrau que me projecte sobre as mesas onde uma clientela sensaborona conversa *a prestações*. Sento-me para tomar um «cappucinno». Adapto os olhos á luz ambiente e contemplo as decorações e as personagens. O mobiliário é velho: em prateleiras ao redor da casa, jazem pequenas estatuetas de bronze recamadas do pó dos tempos e do pó da rua: das paredes amarelo-escuro, pendem três telas de cenas campestres. Na mesa ao lado da minha, uma mulher (que não é bonita) de trinta anos, calças até aos pés e camisola apertada no pescoço, medita sem ver quem a rodeia. Junto ao copo do seu «cappuccino» já todo chupado pela caninha, está um livrinho fechado, de capa sugestiva. Leio o título: «Never leave my bed...». Oxalá, coitada.



Alguns dos novos arranha céus (vidro e aço) do centro de Manhattan

■ Casas e tradições

Saio e continuo a minha peregrinação. Greenwich Village é uma revelação constante. Nos centros de cavaco ouve-se ás vezes uma guitarra que geme, enquanto homens e mulheres recitam poesias excêntricas ou discutem temas literários; há velhas casas, com lápidas e inscrições, a ressumar tradição, onde viveram poetas e pintores de nomeada, cientistas e escritores. Num recanto da Rua 8, sobre uma escada cambaleante, alguém fala contra a guerra escutado por dez pessoas, a mesma famosa Rua 8, onde Hans Hofmann fez o seu nome como «expressionista abstracto» e onde os autores ainda hoje autografam, nas livrarias, as suas obras para o publico comprador; passo pelos «cafés-teatros», onde grupos de dois ou três artistas representam pequenas peças perante um publico necessáriamente restrito e deparo, em dada altura, com esta placa de bronze junto de um gradeamento: «The second cemetery of the Spanish and Portuguese Synagogue—1805/1829». Estão ali portugueses sepultados há um século e meio. Lajes sóbrias e alguns obeliscos. Inscrições esfumadas.

Mais uns passos e estou junto de outra casa modesta, com um metro de jardim, onde vicegam quatro gladiolos roxos em redor de uma pequena tabuleta de madeira negra, apoiada sobre a terra e na qual palpita toda a doçura enternecedora destes versos simples:

The Kiss of the sun for pardon
The song of the birds for wirth
One is nearer gods heart in a garden
Than anywhere else on earth.

Sinto fortemente que tudo isto é Greenwich Village, que tudo é o cromo bem humano, incomparável talvez daquela Nova York mesclada de raças e de costumes, de sentimentos e de alegrias, de dores e de tristezas, de desenganos e de glórias.

Entro por fim na ampla Washington Square, com a sua Universidade, com as suas típicas mesas de pedra, redondas, como mós de moinhos, onde de dia se jogam ás damas e o xadrez, á sombra de frondosas copas; a praça onde os pintores trabalham seus quadros ao ar livre, onde há concertos musicais e onde os rapazes, de calção e tronco nu tomam banho no grande lago. Sentados sobre as costas dos bancos, homens e raparigas «nova vaga», pensam na vida. Uma velha negra, embriagada, ressona ruidosamente sobre um banco, com um ricto de dor na boca desalinhada. Num portal um homem emagrecido, o chapéu tombado para os olhos, dorme com a cabeça pendente sobre os joelhos. Um pobre velhote, com uma alcofa ás costas, curvado aos anos e á desventura, apanha do chão nem sei o quê — talvez pontas de cigarros que tenham amargado antes de chegar ao fim...

Com todo o seu pitoresco (que é muito) confesso que não gostei de Greenwich Village, embora não seja um bairro de miséria e de vida inquieta para todos os seus 100 000 habitantes, evidentemente, mas um bairro singular que tem as tradições legadas por grandes e ricas famílias americanas que ali viveram em tempos idos, quando Greenwich Village era todo quietude e idílio, sonho, pão, amor e fantasia...

■ Dois mundos que não se compreendem

No dia seguinte, precisava de arejar. Subí á ultima varanda do Empire State Building, no coração daquela Mannhatan arrebatadora e ouvir o arfar ruidoso de Nova York lá de cima, a mais de 400 metros de altura. É o tumultuar de um mundo. Estava uma luminosidade admirável. Em redor da majestosa, quase inconcebível, edifício (sente-se lá no topo uma ligeira oscilação provocada pelo vento) os outros arranha-céus parece pretenderem atingi-lo sem o conseguir. É uma floresta imponente de gigantes, muitos dos quais, agora, todos de aço e de vidro, a coroar a ilha surpreendente e luminosa.

Para lá de Manhattan, alongam-se Richmond, Broklin, Bronx e Queens—o aglomerado nova-yorquino que abriga 7 milhões e meio de criaturas. Pontes e tuneis ligam a ilha á terra firme. Pelas avenidas e perder de vista, cortejos infindáveis de carros e formigueiros intermináveis de gente. Nova York é uma alucinação de ontem e de hoje

No Hudson, no East River e no mar largo grandes e pequenos navios deixam longas esteiras de espuma em volta da estátua da Liberdade. Antes de descer, olho ainda para o sul, para aquele Greenvish Village, atravessada por aquela Sullvand Street, onde, na véspera á noite, o povo gozava a vida, divertindo-se entre musica e piteus, cercado afinal por um bairro triste, melancólico e soturno.

Dois mundos diferentes, diametralmente opostos, vivendo paredes meias, não se falam, possívelmente não se conhecem, nem se compreendem.

M. de O.

Reunião de escritores num clube literário de Greenwich Village, em Nova York

BENS NO BRASIL

Compro propriedades rústicas ou urbanas ou comércio ou indústria no Brasil ou troco por terrenos ou andares que tenho perto Lisboa ou por quintas na província ao Sul Tejo. Sou próprio. Resposta por escrito para Ilídio Santos, Rua da Rosa, 65. 3.º, Lisboa-2.

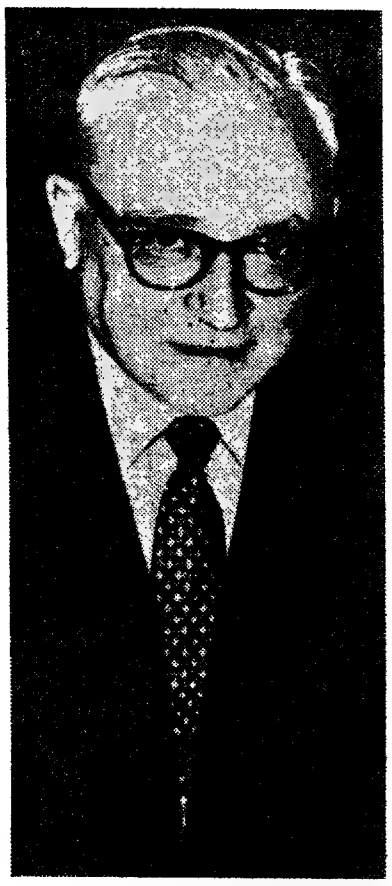
Estudo e Catálogo pelo prof. Lopez-Rey da obra de Velázquez

Em fins de Março do ano passado esteve em Lisboa, na sequência de uma prolongada viagem de estudo pela Europa, o professor José Lopez-Rey, do Instituto de Belas-Artes da Universidade de Nova York, historiador e ensaista de larga projecção internacional. Nessa oportunidade concedeu ao «Diário de Lisboa» uma entrevista, que foi aqui publicada em 5 de Abril de 1962. O ilustre escritor e crítico de arté voltou aos Estados Unidos, levando consigo nova e amplíssima recolha de elementos de estudo. E é de longe que nos faz chegar, como testemunho de renovada presença intelectual, o seu magistral trabalho «Velazquez, a Catalogue Raisonné of his Oeuvre, with an Introductory Study» — documentário exaustivo da obra velasquenha, a que serve de abertura um ensaio de vastas proporções sobre a vida e a obra do grande pintor seiscentista.

Durante anos sucessivos, entre Nova York e Leninegrado, entre S. Paulo e Madrid, Viena, Budapeste, o professor Lopez-Rey percorreu o Mundo para estudar *in loco* todas as pinturas e desenhos atribuídos ao mestre sevilhano. Investigou, identificou, corrigiu ideias feitas, decidiu intrincados problemas de atribuição. O fruto definitivo desse longo esforço é este volume majestoso apresentado pela casa *Faber and Faber*, de Londres, com cerca de 450 reproduções e uma estrutura modelar, que o situa entre as grandes construções de cultura na sua especialidade.

No estudo de introdução, que se desdobra por uma centena larga de páginas, condensa Lopez-Rey os resultados das investigações de séculos e a sua própria interpretação pessoal sobre os problemas das origens de Velazquez, os seus primeiros trabalhos, as actividades na Corte de Madrid, as grandes composições universalmente admiradas, a técnica pictural do mestre, o realismo e o naturalismo velazquenhos, as ultimas obras e a morte. Síntese excepcional de erudição e de gosto, de inteligência e de visão crítica e histórica, o ensaio assim construído só pode ser apreciado em toda a sua significação com o entendimento prévio do esforço imenso que o precedeu. E são também o fruto definitivo de um trabalho de longos anos o «catalogue raisonné», a cronologia das obras de Velazquez, as «Tábuas de concordancia», a bibliografia fundamental, que preenchem longas páginas de guia para o estudioso e para o amador de arte.

As conclusões do professor Lopez-



Prof. J. Lopez-Rey

-Rey, em cada aspecto específico da arte de Velazquez, são profundamente documentadas, diferindo radicalmente, em muitos casos, das que tinham sido, até á actualidade, aceites pela generalidade dos investigadores. A «obra e o mundo» do pintor, que constituem o tema do ensaio introdutório, têm deste modo o suporte de um conhecimento erudito que eleva o autor ao nível das maiores, senão a maior, autoridades mundiais na matéria versada. Depois dos estudos primaciais sobre Goya, publicados em Londres, Buenos Aires e Princeton (Estados Unidos), este trabalho monumental do prof. Lopez-Rey confere-lhe uma projecção universalista de historiador e crítico que registamos com o mais vivo apreço. Assim o demonstra a própria grandeza desta edição, que a editorial londrina *Faber and Faber* incluiu na série dos mais relevantes estudos de história da arte, pelos autores de maior prestígio internacional, divulgados em todo o Mundo como supremas autoridades em tais matérias.

«Como todos os grandes mestres da pintura», conclui o prof. Lopez-Rey no final do seu estudo exemplar, «Velazquez foi mais um criador do que um «registador» da sua época; e por isso permanece vivo na continuidade do tempo histórico, vivo no passado como no presente». Pela mão diligente e lucida de Lopez-Rey, é nessa vivência perene que os leitores do seu «Velazquez» poderão descobrir e admirar a obra de um dos mais extraordinários e fecundos pintores de todos os tempos.

Mestre Aquilino

O excelso cultor do idioma pátrio

pelo dr. António de Oliveira Braga

Quando agora me ajoelho perante o Panteão Nacional que o meu espírito edificou para guarda dos grandes homens da minha Pátria, ponho-me a evocar o talento literário de Aquilino Ribeiro, meu inesquecível Amigo, Mestre de mestres na suprema arte de escrever a língua portuguesa, a qual, por mercê dele, atingiu o máximo fastígio.

Nessas minhas meditações, em horas tranquilas ou de estesia, rendo então homenagem ao artífice notável, de sensibilidade requintada, no seu operoso labor de romancista e novelista sem igual, cujas páginas estão cheias de entrechoques de sentimentos puros, de sensações delicadas e de ideias maravilhosas que difundia magníficentemente em quadros psicológicos que criou e em formosíssimas descrições que da sua apurada observação floresciam.

E', porém, apenas dentro de um aspecto limitado — o de cultor do glorioso idioma pátrio — que me atrevo hoje a depor na sua campa a flor da saudade germinada no fundo da minha alma, que recorda com tanta emoção os ultimos encontros em Lisboa, em Guimarães, em Braga e, finalmente, no Porto, com o seu espírito tão afectivo e tão aberto a todas as compreensões.

Inclino-me reverentemente perante o artista nato que deu á língua portuguesa cintilações prodigiosas de musicalidade, de elegancia, de opulência, de beleza e de originalidade nunca atingidas, na sua harmonia e na sua sintaxe cristalina.

Sóbrio e realista no seu estilo exuberante de vocábulos, que, graças aos seus inesgotáveis conhecimentos filológicos, sabia utilizar e explorar até aos ultimos efeitos, indo do povo ás camadas mais cultas, Aquilino é verdadeiramente, por isso mesmo, um dos maiores e mais nobres garantes da continuidade e da vitalidade nacionais através desse instrumento decisivo de autonomia e de presença que é a língua portuguesa.

A sua frase tinha um bolejo, uma subtileza, uma estética e um ritmo inimitáveis, mas, o que, sobretudo, a distinguia e caracterizava era a sua pureza, a sua força de explicação, de penetração e de expansão, com ressaibos arcaicos e neologismos da cidade ou do campo tão pitorescos e ainda a sua castiça finura de recorte, dentro do seu vernaculismo, filho de vasta cultura humanística.

Podemos admirar nele o jornalista, o cronista, o polemista, o historiógrafo, o biógrafo, o ficcionista, mas, a grande altura, como uma águia, pairará sempre o incomparável cultor da língua, aquele que a amava, a cinzelava, a empregava com infinita ternura e a servia com profundo respeito.

Dispunha de um verdadeiro gosto ático ao manejar com tanta plasticidade e tanto engenho a linguagem em que primeiro começou a conhecer a vida — e nisso ninguém o suplantou. Coloco-o ao lado de Eça de Queiroz, de Herculano, de Camilo, de Garrett, de Fialho de Almeida, mas, em posição diferente, porventura, num plano superior a cada um, nos vários aspectos por que deve ser encarado. Nem era precioso, nem violento. E, sem rebuscamentos exaustivos, soube enriquecer as suas páginas de coloridos fascinantes. Tudo surgia espontaneamente, naturalmente, cada palavra no seu lugar e cada pensamento ou conceito na sua oportunidade.

E' velha a afirmação de que as pátrias não se defendem nem se engrandecem e prestigiam sómente com a força militar ou o poderio económico. Assim é. Os valores morais e espirituais, permanentes e redivivos, esses é que constituem a sua sólida armadura de resistência diante do futuro, visto que ninguém os poderá destruir. Enquanto se falar e escrever a língua de Camões e de Antero, Portugal não terá que temer a perda da sua personalidade independente; e são os homens como Aquilino que forjam, através dos livros, a sua perpetuidade e a sua glória. Essa obra que se chama «A Casa Grande de Romarigães» é, por exemplo, um monumento eterno erguido ás belezas e ás possibilidades do nosso idioma: vale mais do que uma batalha vitoriosa, cujas consequências se perdem tantas vezes no decorrer e na evolução dos tempos.

Todos nós devemos á sua memória o relevantíssimo benefício de ter demonstrado a capacidade fulgurante da nossa existência como país livre e soberano que levou até muito longe a força do seu génio civilizador — génio que, antes de tudo, se exibiu e radicou através da língua, poderoso e eficaz elo de ligação e semente de novas realizações e novos intercambios, como sucede com o dilecto Brasil.

A língua domina, conquista, convence, firma-se, projecta-se. E Aquilino possuiu, como raríssimos, o dom de extrair dela todas as virtualidades e todas as energias. Uma literatura sobrepujada por uma figura da sua estirpe é uma literatura imortal. Ela produz encantamento, marca períodos de história mas, essencialmente, atesta uma nacionalidade, fazendo perdurar todas as suas forças criadoras. E' o passado, o presente e o futuro — e foi nestes termos capitais que a obra de Aquilino exauriu todo o seu humus fecundo e toda a sua certeza de triunfal prosseguimento.

Por isso — como português cioso das prerrogativas e dos direitos da sua terra natal —, cumpre-me tributar a Mestre Aquilino, nestas singelas linhas, o meu imorredoiro reconhecimento pela parte que tomou a favor da nossa grandeza no Mundo.

Relances

● **Jean Rostand, grande cientis**
critor, publicou pela editorial
reflexões e memórias «Le droit
Evoca nas suas páginas o deep
que o conduzim á biologia, pela
Fabre «Souvenirs d'un entomolo
mais apaixona no livro de Ros
dade profunda e larga com que
pria missão de «vulgarizador» e
caldade de se emocionar perante
comuns, que os olhos comuns
não lhes forem expressamente
templação activa é o método de
se vangloria — e por ele, segu
admitido a ver o que não exist

● **Para assinalar os 90 anos d**
nome originário José Mart
instituídos em Espanha três prém
mil pesetas para galardoar estu
ficos sobre o glorioso clássico
castelhana. Os prémios foram a
balhos «Retrato Biográfico de
doro Carpintero; «España en Az
Mila, e «El Estilo de Azorin», d
dia do aniversário recebeu Azori
Calle de Zorrilla, em Madrid, os
numerosos amigos e admirador
Julian Marias, Gonzalez Ruano
rañon Moya. A cidade de Ali
escritor, que nasceu em Monóva
cantino honorário.

● **A editorial brasileira Giroflé**
zembro passado, como prim
série inaugural, um volume de
português Sidónio Muralha: «A
charada», com ilustrações de
Agora a mesma editora lançou
da colecção Giroflé-Girafa: «P
ilustrações de Gerda Brentani.
ao ritmo de um por mês, os se
Sindicato dos Burros», contos
reia da Silva, ilustrados por Mari
cinha de Vento», novela de Rein
trada por Willys de Castro; e «A
novela de Guilherme de Figueir
fias de Dulce Carneiro.

● **Em «Profils Perdus» recorda**
as impressões que lhe deix
grandes escritores que conheceu
mes Joyce, Marcel Proust, Blais
ges Bernanos. São especialmente
ginas que consagra ao autor de
tières sous la lune», consciência
de cristão que não pactuou: «O
quando encontrei pela primeira
Soupault, «foram os seus olhos,
nunca tinha visto e não voltei a
directo, sincero, penetrante, lumin
podia esquecer-se; e a sua voz
e cordial, e o seu riso de gigante,
tagioso». O antigo surrealista Sou
homem que recorda.

● **Vai realizar-se em Julho próx**
do Escritor Brasileiro. Uma
autógrafos terá lugar no dia 22,
Moderna, do Rio de Janeiro, co
mais de trezentos escritores vindo
tados do país. Todas as providê
tomadas para facilitar o acesso
aumenta em cada novo festival.
-se-ão acompanhar dos seus «pad
nhas». Parte da receita reverterá
Brasileira de Escritores, que pat
O festival terá a duração de un
te a qual se realizarão cursos de
tural, debates literários e um Fes
fantil.

● **Comemorando o 175.º anive**
mento de Schopenhauer vão

«Esmeraldo de

Ainda a propósito das duvidas que se têm suscitado acerca do título da obra de Duarte Pacheco «Esmeraldo de Situ Orbis», envia-nos o sr. prof. José Dentinho mais este esclarecimento complementar daquele que publicámos no dia 6 do corrente: «*Esmeraldo* não é latim,

EM 5.ª EDIÇÃO

AMORES E VIAGENS DE PEDRO MANUEL

uma das melhores obras de ficção de

JOAQUIM PAÇO D'ARCOS

«...assinalado poder evocativo de figuras e de paisagens, movimento que estonteia e colorido que enleva.»

Manuel Teixeira Gomes

Livro de 300 págs. — 35$00

GUIMARÃES EDITORES

SEMANA DE MADRID

por MANUEL RIUTORT

SERVINDO-SE dos puros instrumentos da narração, sem concessões retóricas, Mauro Muñiz apresenta uma obra válida — «La Paga», livro de contos.

*

AS sessões do Teatro Nacional de Câmara começam com «La Corona de hierro», comédia de Ramón Gomez de la Serna, no Teatro Valle-Inclán.

*

PELA Colecção Austral foi reeditado o livro «Clarin», de Juan Cabezas, magnífica biografia de Leopoldo Alas.

*

LENDO-SE «La Vida desnuda», livro de poemas de Raul Calzado Almarza, fica-se com a certeza de que aquele é o género de poesia que não se deve escrever.

*

JOVEM e entusiasta, o pintor Fernando Giles expôs algumas das suas obras num bar do centro de Madrid. Malogro completo.

*

AS 250 obras do impressionista Joaquin Sorolla, em exposição no Casón del Retiro, têm sido bastante admiradas.

JA' tomou posse do cargo de director da Escola Superior de Belas-Artes de San Fernando o sempre jovem Luiz Nuñez.

★

APÓS trinta anos de ausência, regressou o pintor Mingorance que viveu bastante tempo em Paris, Nova York e México. Expõe, agora, na sala Quijote.

★

COM uma dotação de quinze mil pesetas foi convocado o prémio «Marqués de la Vega de Armijo» sobre o tema «Crisis y evolución de las clases medias en España en lo que va de siglo».

★

DE «Frente a frente» há a dizer que nos oferece o processo de José António Primo de Rivera, em Alicante, com as mais importantes e talvez sensacionais revelações sobre os conturbados anos que Espanha viveu. Autor: José Maria Mancisidor.

★

NA tertúlia Hispano-Americana o escritor Pedro Lorenzo evocou a revista «Garcilaso», pendão da «Juventud Creadora», movimento literário dos anos 49.

FOI convocado o prémio «Nadal 63» dotado de 150 000 pesetas, valor da 1.ª edição de vinte mil exemplares da obra premiada. Os originais recebem-se até 30 de Outubro.

★

SOBRE «El pensamiento contemporáneo sobre la imortalidad del alma» convocou a Real Academia de Ciências Morais e Políticas um prémio dotado de dez mil pesetas.

★

PELA editorial Ruedo Ibérico foi instituído um prémio de novela, para obras inéditas, dotado de dez mil francos novos.

★

QUE entusiasmo e íntimo gozo se encontra na poesia de Federico Mendizabal. «Por la senda de los muertos», ultimo livro, é mais uma prova da sua assombrosa fecundidade poética.

★

PELO seu livro «De um país lejano», Angela Ionescu obteve o prémio de literatura infantil do Instituto Nacional do Livro Espanhol.

F. N.

Colecção Cult

Acaba de sair:

«Romanceiro», de Alm
Edição revista e prefa
Castro Pires de Lima.

Obra com

do mundo literário

...a e brilhante es-
Stock o livro de
l'être naturaliste».
...ertar da vocação
...eitura da obra de
...rite». Mas o que
...and é a sinceri-
...precia a sua pró-
a confessada «fa-
...as coisas da vida
...ão sabem ver se
...reveladas. A con-
que o biologista
...ndo afirma, «foi
... para ser visto».

...e Azorin, de seu
...nez Ruiz, foram
...nios de cinquenta
...dos crítico-biográ-
...ivo da literatura
...tribuídos aos tra-
...zorin», de Helio-
...rín», de Santiago
... Perez Rioja. No
...n na sua casa da
...cumprimentos de
...s, entre os quais
...e Gregório Ma-
...ante conferiu ao
...r, o título de ali-

...publicou em De-
...eiro livro da sua
...poesia do escritor
Televisão da Bi-
Fernando Lemos.
... segundo volume
...sium...», contos e
...Virão em seguida,
...guintes livros: «O
...e Fernando Cor-
...a Bonomi; «Cabe-
...aldo Jardim, ilus-
Arca do Sr. Noé»,
...edo, com fotogra-

Philippe Soupault
...aram alguns dos
...: Apollinaire, Ja-
... Cendrars, Geor-
... emotivas as pá-
...Les grands cime-
livre e vigilante
que me fascinou
...ez Bernanos», diz
de um azul que
...er; foi o seu olhar
...oso, que não mais
...le trovão, quente
irresistível e con-
...pault é agora um

...imo o IV Festival
grande noite de
...o Museu de Arte
...m a presença de
...s de todos os Es-
...ncias estão a ser
do publico, que
...Os escritores far-
...rinhos» e «madri-
à favor da União
...rocina o certame.
...a semana, duran-
actualização cul-
...tival do Livro In-

...resário do nasci-
...ser publicados até

ao fim deste ano os dois ultimos volumes da edição em cinco volumes das suas obras, preparada desde 1960 pelas editoras Cotta e Insel em conjunto. Assim termina um grande empreendimento editorial. O próprio Schopenhauer tinha planeado já uma edição das suas obras completas em cinco volumes. A primeira edição de conjunto saiu em 1877 na casa Brockhaus, em Leipzig. 70 anos depois editou Arthur Hübscher as obras completas. Os três volumes saídos até agora da nova edição de Cotta e Insel apoiam-se na edição de Eduard Griesebach.

● No intuito de celebrar o 4.° centenário do nascimento de Galileo, a «Domus Galileana», de Pisa, organizou um concurso internacional para a atribuição do «Prémio Galileo 1964». Podem apresentar-se concorrentes de quaisquer nacionalidades, com monografias inéditas de cerca de quinhentas páginas dactilografadas que versem qualquer aspecto crítico ou histórico da obra e do pensamento científico de Galileo. O prémio eleva-se a 4 milhões de liras, ou seja, cerca de 180 contos — o que é bastante tentador para ensaístas.

● O romance português contemporaneo está a suscitar em alguns países um movimento de interesse que não havia conhecido ainda no passado. A «Revue des Deux Mondes», de Paris, publica no seu numero de Junho um artigo da escritora Mathilde Pomès intitulado «Romanciers Portugais», consagrado especialmente aos romances de Joaquim Paço d'Arcos «A Corça Prisioneira» e «Memórias duma Nota de Banco», de que traça o caloroso elogio.

● Jorge Amado vai prosseguir no rumo que lhe valeu, com «Velhos Marinheiros», o maior êxito da sua carreira literária. Regressado há pouco ao Rio de Janeiro, depois de dois meses de ausência em Salvador, anunciou que trazia consigo, práticamente concluída, a primeira parte de um novo romance intitulado «Os Pastores da Noite». Nele descreve, mais uma vez, as aventuras de vagabundos e boémios da Baía. «Nesse livro», disse o escritor, «pretendo mostrar muitos aspectos ricos e pitorescos da vida popular da minha terra». A segunda parte do romance já foi iniciada.

● Versando as peripécias dramáticas da vida de contrabandistas entre Portugal e a Espanha, o jovem escritor galego Gonzalo Torrente Maloido, de 26 anos, ganhou recentemente o prémio «Café Gijon», para novela, com o seu livro «La Raya». Torrente já é concorrente experimentado, pois em 1961 foi finalista do Prémio Nadal, ao qual concorreu com a novela «Los Hombres Varados». No concurso do prémio «Café Gijon» deste ano inscreveram-se 127 obras.

● O ensaista Louis Armand foi eleito para a Academia Francesa, ocupando o lugar do falecido historiador Henri Mondor. Membro da Academia das Ciências Morais e Políticas, o novo «imortal» considera-se sobretudo um técnico e á sua obra, inspirada no designio de «humanizar a técnica», atribui a consagração que lhe foi agora conferida na eleição para a Academia Francesa. Louis Armand acabara de chegar de Bruxelas, onde fora representar a França na Conferência dos Ministros dos Transportes, quando lhe foi anunciado o seu êxito académico.

● Segundo estatísticas da «Unesco», o Estado de Israel ocupa um dos primeiros lugares entre os países do Mundo pelo numero de livros editados relativamente á sua população. A média de publicação é de quatro livros por dia, dos quais três quartas partes de autores nacionais e o restante traduções. E há no país 26 jornais diários, trezentas revistas de diversos géneros, algumas dezenas de teatros em actividade, etc. Tudo isto para uma população que não chega a dois milhões de habitantes.

Notas de linguística

O Dicionário da Academia (Há 170 anos)

Por causa do que apareceu nestas colunas no dia 11 de Abril ultimo, a propósito de *O Dicionário da Academia Brasileira*, escreveram-me quatro pessoas a solicitar informações a respeito do volume já publicado do dicionário da nossa Academia (*nossa* porque se trata da portuguesa, em oposição, neste caso, á brasileira).

Não cito os nomes dos signatários dessas cartas porque isso não me parece necessário, o espaço é pouco e dois deles pedem-me que lhes conserve o anonimato.

Mais três pessoas se me dirigiram, em postais, com comentários a respeito da obra em questão, mas em termos que... prefiro passar adiante...

Foi na sessão de 28 de Junho de 1780 (fez, portanto, há dias, 183 anos) que a Academia nomeou a Comissão encarregada de organizar o seu Dicionário.

Faziam parte dela: Pedro José da Fonseca, como Director, Joaquim de Foios, o Principal Mascarenhas, Agostinho José da Costa, Bartolo-

(Continua na ultima página)

Quadro de Zé Penicheiro, pintor da vida dura dos pescadores da região de Aveiro

Para a história da literatura inglesa

(Continuação da 17.ª página)

que está sempre presente a sua vigorosa personalidade. Em todos os quadrantes a que se voltam os seus interesses de poeta, de ensaísta, de historiador e crítico da literatura, logo se impõe a marca original da visão da vida que perfilha e do estilo que é a sua necessária face formal. Assim o demonstra, uma vez mais, na obra «A Literatura Inglesa», que a *Editora Cultrix*, de São Paulo, publicou recentemente numa série de grande nível epigrafada de «Roteiro das Grandes Literaturas».

Na ordem da colecção foram editadas anteriormente «A Literatura Portuguesa», por Massaud Moisés, e «A Literatura Brasileira — Era Colonial», por José Aderaldo Castello. Outros volumes serão publicados sucessivamente, incluindo os que terão por temas, no ambito da literatura do Brasil, o Romantismo, o Realismo, o Simbolismo e Pré-Modernismo e o Modernismo.

O vasto «ensaio de interpretação e história» que Jorge de Sena consagrou á literatura inglesa fica a assinalar a altitude cultural do empreendimento — e é testemunho brilhante da obra que o escritor português ausente vem a construir com vitalidade intelectual de raros paralelos no vigor e na largueza de concepção.

Em quase quinhentas páginas de meticulosa e densa ordenação, não diminuindo nunca na estruturação historiográfica a originalidade da orientação crítica, Jorge de Sena estuda amplamente a evolução da literatura inglesa desde as mais remotas origens até aos contemporaneos. A sua metodologia e a pragmática a que o intento da obra obedece são expostas com clarividência na introdução:

«A fortuna da literatura inglesa, em Portugal e no Brasil, tem sido vária, mas nunca equivalente á importancia positiva ou negativa que os laços políticos e económicos tiveram, desde remota antiguidade, na história da Inglaterra e de Portugal, e depois, do Brasil. Agora, porém, as literaturas de língua inglesa assumiram, quer por leitura directa, quer através da tradução, um relevo que nunca haviam conhecido. Todavia, a maior percentagem de romances e o prestígio da literatura norte-americana, uma e outro imbuídos de contemporaneidade aos olhos do publico e dos editores, não facilitam e antes perturbam um real contacto em profundidade com uma das literaturas mais ricas e complexas do Mundo, e já velha de séculos, como é a inglesa. O grande publico fácilmente esquece ou ignora a vastidão de um panorama do qual, para ele, apenas emergem Shakespeare, o Robinson Crusoe, *as* Viagens de Gulliver, *a figura de Byron, os grandes romancistas do século XIX e as figuras da actualidade que a pedantaria ou a popularidade tornou suas familiares. E pouco mais. Ora a verdade é que tudo isso só poderá ser perfeitamente compreendido e como tal integrado numa cultura nossa, se préviamente o tiver sido na rica e variada figuração de um país de história e características muito peculiares como a Inglaterra foi e é. Um tal trabalho não deve ser apanágio apenas de especialistas professos, mas antes uma necessidade que urge despertar em quantos já dominam, com gosto evoluído, a língua inglesa ou se interessam por questões literárias. Nenhuma cultura literária que se deseje esclarecida pode dispensar-se de um conhecimento pertinente das superstruturas intelectuais da civilização britanica, uma das mais importantes na elaboração histórica do mundo em que vivemos.»*

Quanto á história imediata deste seu trabalho, esclarece-a Jorge de Sena no final da obra, em precisos termos:

«Fruto de experiência e convívio de vinte e cinco anos com a literatura inglesa, todo o livro foi expressamente escrito para satisfazer a encomenda com que me honrou a Editora Cultrix. *Apenas aproveitei, nele, três textos — a Introdução, o capitulo I e o Epílogo — que, não sendo inéditos, o são práticamente para o grande publico. Saíram em Portugal como prefácio o primeiro, como sumula final o ultimo, e como um dos capítulos meus o segundo, na edição monumental (Editorial Estudios Cor) da* História da Literatura Inglesa, *de A. C. Ward, publicada (1959-60) em fascículos luxuosos, e cujo texto preparei, prefaciei, anotei, quase integralmente traduzi, e que completei com uma introdução cultural e uma história da literatura inglesa moderna em sete capítulos. Entre prefaciar-me ou a Ward, e epilogar-me ou a ele, não havia que hesitar, pois não só ele me merece menos consideração do que eu mesmo, como porque esses dois textos, afinal, nem o prefaciavam nem epilogavam, mas, genéricamente, á literatura inglesa e do meu ponto de vista. Quanto á «Época Romana e Medieval», transcrevi esse estudo, pois que não seria capaz de melhor, repetindo-me, destrinçar as linhagens do contributo britanico para a cultura da Idade Média. E é óbvio que, nos dois ultimos capítulos desta minha História, adaptei ou resumi alguns trechos, que mais me agradavam, daqueles meus sete capítulos, actualizando-os.»*

Todo o trabalho do historiador literário e do crítico resultou, ao cabo, de magistral unidade e personalidade intelectual. Os leitores brasileiros, como os portugueses, que tiverem acesso á obra, ficam a dispor de um guia exemplar, estimulante de leitura e de reflexão, para o conhecimento da literatura inglesa e dos seus fundamentos históricos desde os primórdios até á actualidade. Da distancia que o separa, Jorge de Sena faz chegar com este livro, á velha raiz portuguesa, a seiva poderosa do seu talento criador transplantado para o Brasil.

...Situ Orbis»

...sobretudo não é substantivo latino. Mas também não é português. Antes de Duarte Pacheco não há *Esmeraldo*. Duarte Pacheco introduziu no vocabulário latino *esmeraldo*, evidentemente como adjectivo. Introduziu mal, isso é lá com ele. Em português seria esmeráldico ou esmeraldino».

...regresso tranquilo com sentimento. III

por Vasconcelos Sobral

traz as asas de violino
e os teus abraços de pomba
a fonte do teu olhar
que jorra o certo da esperança

traz descida por teus ombros
da origem branca o manto
entre as palmeiras do aroma
entre as areias do encanto

Ilha em que nascemos claros
anjos de luar te vistam
da cor despida do espaço

e da minha ansia loira
voem ramos de oliveira
ás pombas do teu abraço

...A. T.
...ura e Recreio

...eida Garrett, em 3 volumes.
...ciada pelo Dr. Fernando de

...pleta .... 75$00

GALERIA NACIONAL DE ARTE

A MELHOR SELECÇÃO DE ARTE DE LISBOA

praça marquês de pombal, n.º 1 — lisboa

Alguns problemas do Realismo

(Continuação da 17.ª página)

Vejamos agora o caso da poesia. Nesta, não encontramos a capacidade de análise das estruturas sociais, por exemplo, que encontramos no romance.

Não compreendo muito bem como José Fernandes Fafe, num artigo recente, *A morte do neo-realismo*, publicado neste suplemento, pôde considerar como uma das características gerais do *neo-realismo* (designação imprópria que, como se sabe, o realismo tem tido em Portugal), a *utilização, como instrumento criador das categorias fundamentais da dialéctica*. Embora tal definição (ou parte da definição, visto que J. F. Fafe propõe ainda uma outra característica) possa aplicar-se, pelo menos, a certos romances realistas (e dos mais válidos, como é o caso de *Uma abelha na chuva* de Carlos de Oliveira), ela parece-me descabida de todo, se tentarmos torná-la extensiva á poesia. E, já que J. F. Fafe classificou de neo-realista a *Cantata* de C. de Oliveira, gostaria de saber em que é que o primeiro poema, por exemplo, do livro, evidencia aquela *utilização:*

VENTO

As palavras
cintilam
na floresta do sono
e o seu rumor
de corças perseguidas
ágil e esquivo
como o vento
fala de amor
e solidão:
quem vos ferir
não fere em vão,
palavras.

As *categorias fundamentais da dialéctica como instrumento criador?* Onde? Em verdade, ou a *Cantata* — pois a leitura integral do livro não será mais concludente — não é neo-realista ou a definição de J. F. Fafe está errada!

A meu ver, é a definição que está, efectivamente, errada e o erro reside em que J. F. Fafe pretendeu caracterizar o realismo abstractamente, sem ter em conta a especificidade de cada arte. O poder analítico que o romance possui não existe na poesia, senão em grau ínfimo. Nem na pintura, nem, muito menos, na arquitectura ou na música. Mas já o teatro e o cinema, artes mais discursivas, o possuem. As *categorias fundamentais da dialéctica* não são, como J. F. Fafe diz, um *instrumento* (de criação artística, naturalmente), mas podem ser um instrumento de investigação, de estudo, de análise. Coincidirá esta análise por vezes com a criação — mas isso já é coisa muito diferente.

A outra característica — *adesão á nova etapa da História* —, não tenho duvidas em aceitá-la, pois, como disse atrás, *realismo* tem, para mim, um sentido de enriquecimento humano, que necessariamente implica aquela adesão.

Realismo não é, no entanto, sinónimo de *fidelidade tímida*, mas sim de *fidelidade livre* ao real. Por *fidelidade livre*, entendo aquela que se permite alterar, transfigurar, o seu objecto.

Ao transfigurar a realidade, o artista dá aos outros homens um exemplo de luta contra o imobilismo, contra a tola veneração do que *está*. A realidade não é um tabu, um *statu quo* e m que não se deve tocar. Pelo contrário, a acção dos homens sobre ela é, não só desejável, mas absolutamente necessária. E nisto está realmente, afinal, implícita a *utilização, como instrumento criador, das categorias fundamentais da dialéctica.*

Daí, que a metáfora se me afigure elemento básico do realismo, como factor daquela acção, no campo restrito da poesia. Daí também, a defesa da arte como contínua renovação, que uma visão dialéctica não pode deixar de integrar. E o que Alexandre Pinheiro Torres pretensamente usa denunciar como o *mito do bem-dizer* não é mais, ás vezes, que a procura de uma linguagem própria, perfeitamente legítima e mesmo indispensável a um escritor —ou artista realista.

Regressando ao caso particular da poesia, verificamos que a linguagem poética é aliciadora e nisso consiste a sua força de denuncia ou de apelo. Se porém nos esquermos disto e a tratarmos dando primazia a *o que se diz* sobre *o modo como se diz*, destruiremos essa força, que resulta da indissociável unidade dos dois estratos.

Considerar, por outro lado, que em *arte nem tudo é arte* e pretender sobrepor *o modo como se diz* a *o que se diz* (teoria de certo esteticismo demasiado conhecido...) é o reverso de uma afinal unica questão: a admissão da dicotomia conteudo-forma, separação metafisica que os críticos realistas têm a obrigação de combater.

Porque, de facto, o que se opõe ao realismo é a metafísica, o misticismo, o mito, que se esforçam por submergir os homens em nuvens de poeira. Eis o que importa atacar no plano artístico, como no ideológico.

Em arte tudo é arte. Por isso, a ideologia reaccionária que a *Cena do Ódio* de Almada Negreiros, a poesia de T. S. Eliot, e outras obras patenteiam, não pode deixar de prejudicar gravemente a sua apreciação e a sua fruição como arte. Do mesmo modo, um romance como *Aparição* de Virgílio Ferreira, pelo seu apelo ao absoluto, ao transcendente, ao místico, integra-se num processo de obscurantismo e desumanização que contraria, indubitávelmente, um conceito progressista de humanismo.

O limite do realismo é, pois, a metafísica. E só quando uma obra de arte visa afastar os homens da sua problemática real, para lhes dar em troca uma problemática mistificada e, consequentemente, alienatória, se pode negar-lhe o nome de realista.

GASTÃO CRUZ

(1) — *Autobiographie précoce*, Julliard, Paris, 1963.

ESCAPARATE

AUTORES PORTUGUESES

Título — «Manta de Retalhos».
Autor — António Maria Domingues.
Editora — Livraria Progredior.
Numero de páginas — 109.
Preço — 12$50.

Título — «Iniciação».
Autor — Nuno Álvares.
Editor — Autor.
Numero de páginas — 82.
Preço — 20$00.

Título — «Heroínas do Trabalho».
Autor — J. Fontana da Silveira.
Editora — Livraria Progredior.
Numero de páginas — 245.
Preço — 22$50.

AUTORES ESTRANGEIROS

Título — «Quatro Quartetos».
Autor — T. S. Eliot.
Tradutora — Maria Amélia Neto.
Editora — Ática.
Colecção — Poesia.
Numero de páginas — 83.
Preço — 25$00.

Título — «A Gruta».
Autor — Georges Buis.
Tradutora — Madalena Gomes.
Editora — Livraria Bertrand.
Colecção — Autores Universais.
Numero de páginas — 335.
Preço — 35$00.

Título — «Círculos Viciosos».
Autor — Carlos de Mello.
Editora — Arcádia.
Colecção — Temas Políticos do Nosso Tempo.
Numero de páginas — 179.
Preço — 36$00.

Título — «Os Olhos e o Sol».
Autor — S. Vavilov.
Editora — Arcádia.
Colecção — Biblioteca Arcádia de Bolso-n.º 6.
Numero de páginas — 191.
Preço — 15$00.

Título — «A Felicidade Conjugal — Os Dezembristas».
Autor — Leão Tolstoi.
Tradutor — João Gaspar Simões.
Editora — Arcádia.
Colecção — Biblioteca Arcádia de Bolso-n.º 9.
Numero de páginas — 209.
Preço — 15$00.

«OCIDENTE»

A edição de Junho da revista «Ocidente» (n.º 302) insere, como as anteriores, uma extensa série de colaborações de largo interesse cultural e literário.

Dirigida por António e Maria Amélia de Azevedo Pinto, a revista fundada em 1938 por Álvaro Pinto prossegue com perene actualidade e interesse cultural o seu roteiro de pre-tiziosas tradições.

PIANOS
Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
EST. VALENTIM DE CARVALHO, LDA.
15 Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

À PORTA DA LIVRARIA

● OBRA DE GRANDE ORIGINALIDADE

A Livraria Bertrand apresenta, na sua colecção de «Autores Universais» o livro de Georges Buis «A Gruta», que é uma obra de excepcional densidade e, simultaneamente, um documento sobre a guerra da Argélia, de uma inteligência e sensibilidade pouco vulgares. Obra inconformista, assinala-se, em primeiro lugar, por um estilo de raro vigor, precioso e contundente, coruscante, onde a poesia e o calão, o esteticismo e o realismo amoldam a realidade em páginas admiráveis, de um barroquismo muito saboroso.

«A Gruta» oferece-nos, ainda, com uma poesia violenta e um humorismo percutante, valores novos que justificam a acção dos homens: o gosto puro pela aventura, a beleza perturbante de um país grandioso, a lucidez implacável e uma autocrítica permanente, não só para filtrar o real, despojá-lo das miragens e dos preconceitos, como ainda, e sobretudo, para restituir a seres mudos, desesperados, a sua total dimensão humana.

● NOTÁVEL ROMANCE ITALIANO

A obra de Dino Buzzati tem na moderna literatura italiana um lugar de particular originalidade: humor, imaginação, sátira, fantasia, aventura e é isso que encontrarão os leitores no seu grande romance «O Deserto dos Tártaros», que as Publicações Europa-América tomaram a iniciativa de editar.

A «Caça em Portugal»

Tem encontrado caloroso acolhimento em vários meios e, especialmente, no largo sector dos interessados da cinegética, a obra em fascículos «A Caça em Portugal», que a *Editorial Estampa* lançou recentemente a publico. Para a sua abertura escreveu Aquilino Ribeiro páginas admiráveis, que foram das ultimas a gerar-se na mão do grande e saudoso escritor. Com regularidade notável, estão a sair os fascículos desta obra, acabando de ser publicado o terceiro onde prossegue o notável e completo estudo da fauna cinegética do continente da autoria do prof. dr. Germano Sacarrão, catedrático da Faculdade de Ciências de Lisboa e ornitologista de fama mundial.

O 3.º fascículo, há pouco distribuido, inclui a análise dos hábitos e instintos das aves de arribação, aquáticas e ribeirinhas. São particularmente notáveis os desenhos das espécies da autoria do pintor Álvaro Duarte de Almeida, sendo ainda de assinalar alguns extratextos contendo fotografias de aves, obtidas no seu ambiente e devidas á objectiva de conceituados fotógrafos nacionais e estrangeiros.

No próximo fascículo é iniciada a publicação do capítulo dedicado a «Armas, Munições, Tiro e Balística», da autoria do eng.º José Vargas.

Vencida a barreira de um nome ainda pouco conhecido, deparar-se-á ao publico uma das obras mais pessoais e brilhantes da novelística contemporanea. «O Deserto dos Tártaros» é o próximo volume da bem conhecida colecção «Os Livros das Três Abelhas».

● ACTIVIDADE EDITORIAL

No prosseguimento da sua fecunda actividade normal, a Livraria Clássica Editora lança agora mais duas obras destinadas, por certo, ao maior êxito: «Glória aos Vencidos», romance de Henri Troyat, que é o terceiro volume da série romanesca «A Luz dos Justos», que já vai, em França, no 180.º milhar, e «Ela e Ele», romance humoristico de Jean Duché, que constitui a história divertida de um jovem casal moderno.

● OBRA DEDICADA A JUVENTUDE

A Livraria Bertrand tem em distribuição «O Livro da Juventude 1963» que reune histórias e artigos especialmente seleccionados para os jovens, entre os numerosos artigos publicados por «Selecções». O livro contém jogos, passatempos, quebra-cabeças, várias páginas que ensinam a construir uma porção de coisas interessantes e uteis.

● LITERATURA E CINEMA

Marguerite Duras e Alain Resnais devem grande parte da sua celebridade a um filme: «Hiroshima mon Amour». Obra que revolucionou muitas das concepções sobre o futuro do cinema, em particular, e de toda a arte de narrar, em geral, o êxito de «Hiroshima mon Amour» deve-se em muito á qualidade do argumento, já de si uma notabilíssima peça literária, em que temas como o amor, a guerra e a morte atómica se fundem num todo admirável. É esse argumento firmado por Marguerite Duras, que as Publicações Europa-América resolveram incluir na colecção «Os Livros das Três Abelhas», sob o título «Hiroshima meu Amor». A edição será ilustrada com mais de uma dezena de gravuras extraídas do filme realizado por Alain Resnais.

LEILÃO

De remessas transportadas por Caminho de Ferro

Em 8 do mês de Julho e dias seguintes, às 10 horas, na estação de Lisboa (Rossio), proceder-se-á à venda, em hasta pública, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se mais uma vez os Srs. Consignatários das remessas de que podem ainda retirá-las, pagando à Companhia os débitos que corresponderem, para o que poderão dirigir-se ao Serviço da Fiscalização das Receitas — Escritório de Reclamações (Largo dos Caminhos de Ferro — Lisboa), nos dias úteis, até ao dia 5 de Julho, das 10 às 17 horas, excepto aos sábados.

Nas estações estão afixados Avisos em que se enumeram as remessas acima referidas, os quais podem ser consultados pelas pessoas interessadas.

Após o barbear... um pouco de AQUA VELVA!

É uma excelente ajuda! Proporciona-lhe uma sensação de vitalidade e o seu aroma masculino realça a sua personalidade, Contém «HUMECTIN», para conservar a sua pele hidratada e evitar a irritação do barbear. Não deixe de oferecer a si próprio este pequeno luxo de estimulação e bem estar.

OUTRO EXCELENTE PRODUTO **williams**

GRÁTIS — Até 30 de Junho, 1 frasco amostra de ICE BLUE AQUA VELVA a todo o comprador de um tubo de Shaving Cream ou de Glider

UM TIRO NAS COSTAS

por ERIC FITZGERALD

FOLHETIM SEMANAL DO

Diario de Lisbôa

RESUMO DOS CAPÍTULOS ANTERIORES — Aborrecido pela má pescaria que tivera, Earl Howe fica ainda mais desapontado quando a sua namorada, Jean, se recusa a recebê-lo alegando a existência doutro homem na sua vida. Earl encontra Lucille Warren, uma banhista, na praia. Lucille sente-se atraída por Earl e pede lhe a sua ajuda para roubar ao «outro homem» de Jean uma grande quantia de dinheiro. Earl recusa mas vai visitar Jean e verifica que esse homem é irmão de Jean e se chama Kurt. Kurt é um assassino perseguido pela Polícia e sabendo que Earl tem um barco quer utilizá-lo para escapar.

CAPÍTULO IV

— Tu vais deixar-me sair sózinho?

— Claro, Earl.

— Supõe que vou chamar a Polícia! Que farás?

Ele riu. Depois olhou para Jean.

— Tu não farias isso — disse por fim — Não, não farás se não o que eu disser. Não é Jean?

— Tens que fazer isso por mim, Earl — disse Jean.

— Por ti? — protestei — Tu não vês? Ele está a servir-se de ti. Está a ameaçar-me com a tua vida.

— Não, não está, Earl.

— Vês? — disse Kurt — Velha Jean...

Levantei-me da cadeira e olhei-a bem de frente. Ele voltou-se e acariciou o rosto do irmão.

— Jean — disse eu — deixa-te disso.

Fitou-me e pensei que ia gritar. Afastou-se de Kurt e ficou junto á janela, de costas para mim Eu percebia a rigidez dos seus ombros. Voltou-se, então, rápidamente e encarou-me.

— Tens que fazer isto, Earl. Por mim... por nós dois.

Kurt enterrou-se mais na cadeira, ergueu as sobrancelhas e sorriu. Bateu levemente com a automática sobre o joelho.

— E se eu fosse chamar a Polícia? — insisti.

— Não! — cortou Jean.

— Irias? — perguntou Kurt. — Não me digas...

— Como podes ser tão nojento! — disse eu.

— Não — voltou a cortar Jean. — Não. por favor.

Kurt pôs-se de pé, sem pressas. Olhou primeiramente para Jean e depois para mim. Captei a mensagem. Jean olhava-me implorativa. Desesperadamente procurei a maneira de bater aquele tipo.

Voltei para a minha cabana e tentei não pensar no que tinha de fazer. Quando abri a porta Lucille bebia.

— Olá, querido!

Fui ao guarda-roupa e tirei um fato.

— Então? Não dizes nada?

Ela estava realmente bonita. Bebeu um grande golo e tornou a falar:

— Encontraste-o, Earl?

— Não encontrei ninguém.

— Não me digas que foi a pequena Jean que te pôs assim a cara...

Não respondi. Dirigi-me ao quarto de banho para me vestir. Defronte do espelho vi o mísero estado da minha cara. Pus água nos ferimentos e deixei que o ar os secasse. Acendi um cigarro. Pela porta via Lucille deitada na cama de lona.

— Vais fazer como eu disse? — perguntou.

Não respondi. Ergueu-se e veio até onde eu estava. Aguentava muito bem a bebida. Andava direita.

— Devias ter-me ouvido melhor, Earl.

— Sai daqui — disse eu.

Ficou parada a olhar-me, pestanejando surpreendida. Estava mais bela do que nunca. E sabia-o. Riu entre dentes. Cheirava a «gin». Sai em direcção ao meu «Ford» estacionado ao lado da cabana.

— Earl!

Parei. Ela estava de sobrolho franzido.

— Muito bem — disse eu. — Dize-me o que sabes disto. Que jogo é o teu?

Lucille hesitou um instante e acabou por responder como quem decide:

— E' melhor, sim. Visto que me vais ajudar, é melhor.

Olhei-a nos olhos. Sabia que fosse qual fosse a sua história eu não a ajudaria. Por isso, vendo bem, não estava interessado em ouvi-la. Virei-lhe as costas e dirigi-me para o «Ford». Observei-a por cima do ombro. Tinha o rosto transtornado. Voltou-se e partiu correndo pela estrada. Entrei no carro e abri as janelas. Estava quentíssimo. Meti-me a caminho. Não vi nenhum sinal de Lucille. O carro rodava menos mal.

Kurt dissera-me para deixar o carro em certo local e regressar no autocarro. Teria depois de trazer o barco até casa de Jean fosse a que horas fosse. «Faz isso — dissera Jean. — Faz isso por mim, Earl!». E eu ali estava.

Fizeram-me parar na Estrada 19, exactamente depois da passagem de Clarwater. Estavam quatro carros e uma quantidade de polícias e a estrada era toda dominada por eles ali, do cimo da montanha.

— Mostre-nos a licença de condução?

— Com certeza. Que há?

Um polícia olhou-me. Depois outro. Eram extremamente semelhantes: faces avermelhadas suando sob as abas escuras dos bonés, olhos cansados de esperar.

Apresentei a carta de condução a um deles. Leu-a cuidadosamente, mexendo os lábios, e olhou-me.

— Oh, inferno! — disse o outro polícia depois de tirar o capacete e limpar a testa com um lenço enxovalhado.

— Que há? — voltei a perguntar enquanto outro carro parava atrás de mim.

— Siga! — disse um deles.

— Procuram alguém?

— Sim, um assassino.

Parti. Eles sabiam. Tentavam apanhar Kurt — Kurt, o irmão de Jean. No entanto este preparara

tudo com inteligência, não havia duvida. Se eles não suspendessem as passagens de autocarro para o Sul, Kurt estaria safo. Sim, porque o meu carro estava agora para lá do bloqueio da zona e eu traria Kurt de barco até Star Gap. Por enquanto eu estava dentro da lei. Ainda nada fizera contra ela. Dentro em breve seria aquilo que a Polícia chama um cumplice. Cheguei ao meu destino e arrumei o carro onde Kurt disse. Os autocarros continuavam as carreiras regulares e não tive qualquer dificuldade em tomar um. Regressei. Estava escuro e chovia um chuvisco ralo mas contínuo. Ia começar a desenrolar-se a fase mais difícil, a fase que eu receava. Ia fazer aquilo por Jean, e queria que tudo corresse bem até ao fim. Lembrei-me de Lucille. Teria ela ido contar a Jean parte da nossa história? Aquela que nenhuma mulher admite do homem que ama? Seria lindo!

Não tinha comido durante todo o dia. Entrei na cabana e fiz uma sande de manteiga e bebi um copo de leite tentando pensar no que deveria fazer. Não me ocorria uma unica ideia. Não havia maneira de atrasar um bocado mais os acontecimentos. Andei para a frente e para trás, no cais, durante uns minutos. Por fim entrei no barco. Era um cruzeiro de 45 pés com convés e uma cabina espaçosa. Um óptimo barco para a pesca. Um dia seria totalmente meu se continuasse a pagar as prestações. Liguei o motor e parti vagarosamente em direcção ao canal. Segui depois até ao fim da ilha. A chuva caía bem, agora. Junto do porto, por estibordo, via os sinais luminosos. Sentia-me nervoso. Enquanto conduzia o barco para o golfo ia pensando se Jean alguma vez teria falado de mim a Kurt. Não, não devia ter falado. Ele era o rato do bosque que saira, agora, para almoçar. O golfo estava gorduroso, marcando o regresso da maré. A água estava escura como óleo. A chuva caía e as luzes de Pass-a-Grill poliam a noite deixando um tom carmesim sob as palmeiras. O barco deslizava e em breve estaria em águas do mar Era disso que eu não gostava.

(Continua)

FRIGORÍFICOS

AS MELHORES MARCAS

GENERAL ELECTRIC — WESTINGHOUSE
ADMIRAL — FRIGECO — INDESIT
FIAT — AUTOVOX — PONTIAC
ZOPPAS — OSVAMATIC — FRIMATIC

MUITO MAIS BARATO
PAGANDO A PRONTO

CASA M. L. FERREIRA

R. D. ESTEFÂNIA, 48, 1.º ANDAR (JUNTO AO LARGO)

DINHEIRO

COMPANHIA IMOBILIARIA AZO PORTUGUESA, S.A.R.L.

Tem o gosto de informar o Ex.mo Público interessado de que se incumbe da colocação de capitais, quaisquer que sejam as importancias, em empréstimos com garantia hipotecária e juros anuais de 8 % Os valores para garantia dos empréstimos realizados por seu intermédio, são prèviamente verificados por peritos idóneos, estando esta Companhia devidamente autorizada a exercer a actividade respectiva ao abrigo do Decreto-Lei N. 43.767.

COMPANHIA IMOBILIARIA AZO PORTUGUESA, S.A.R.L.

PARA MAIS ESCLARECIMENTOS CONSULTAR ESTA COMPANHIA
SEDE EM LISBOA: AVENIDA DA LIBERDADE, 3
SUCURSAL NO PORTO PRAÇA DA LIBERDADE, 12
DEPENDENCIA EM COIMBRA: RUA FERREIRA BORGES, 15

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA
A casa que melhor trabalha

HOOVER ASPIRADORES PARA O LAR

O «DIARIO DE LISBOA» — recebido por avião — vende-se em PONTA DELGADA — AÇORES na TABACARIA ESPERANÇA, DE JOÃO LUIS

Dizem os leitores...

Falta de piedade para com os animais

Escreve-nos a nossa leitora, sr.ª D. Gabriela Gomes de Sousa, que dedica carinhosa protecção aos animais e faz parte da União Zoófila, narrando cenas lamentáveis que permanentemente ocorrem num aviário perto do Hotel Mundial, ante os olhares de incrédulo espanto dos estrangeiros que ali se hospedam e se confrangem com o aspecto do estabelecimento onde os pobres bichos passam tormentos incríveis. São constantes — diz — os protestos por tal crueldade e, a propósito do enclausuramento de pássaros e da perseguição que lhes movem, cita a opinião, constantemente repetida, segundo a qual «o grau de civilização de um povo se afere pela maneira como trata os animais». E acrescenta:

«Em toda a parte do Mundo existem aviários e em toda a parte se faz negócio com bichos mas as condições ali (na loja a que se refere), principalmente agora, de Verão, são inadmissíveis num país que pretende ser civilizado e faz propaganda turística dos seus encantos naturais e da doçura e amabilidade do seu povo.»

Para se pôr cobro a tais e tão lamentáveis crueldades para com os animais no caso citado e na generalidade de semelhantes e outras barbaridades, a referida senhora pede a intervenção decidida das entidades competentes.

Anomalias num posto clínico dos Serviços Médicos Sociais

Do nosso leitor, sr. Luís Martins dos Santos, recebemos a seguinte carta, em que relata os casos passados num posto dos Serviços Médicos Sociais, em Almada, quando ali foi solicitar assistência clínica, solicitando-nos que desses factos nos façamos eco junto das entidades competentes. Dessa carta reproduzimos os passos elucidativos:

«Sou caixeiro viajante e, encontrando-me a trabalhar no Alentejo, fui aconselhado, num estabelecimento hospitalar ao qual recorri, a fazer tratamento a uma perna e, por o mesmo tratamento necessitar de certo repouso, que seria melhor regressar a casa e fazer com urgência esse tratamento em local próximo. Assim fiz, dirigindo-me ao posto n.º 54 dos Serviços Médico-Sociais, em Almada. Como era a primeira vez que utilizava aqueles serviços, o funcionário que me atendeu perguntou-me que médico desejava, tendo-lhe respondido que pretendia aquele que iniciasse a consulta mais cedo. O mesmo funcionário disse-me qual seria o médico e que embora a consulta fosse das 19 ás 19.30, ás 18 horas já aquele clínico lá se encontraria. Entretanto, fiquei aguardando a minha vez para a inscrição e quando ela chegou, o mesmo funcionário informou-me já não poder ser aquele médico, pois ele tinha que ir dividindo os doentes presentes, pela primeira vez, por todos os facultativos e já havia outro inscrito á minha frente, também pela primeira vez e para o mesmo médico. Este, se visse dois doentes seguidos nestas condições, iria logo ver ás inscrições se os colegas também tinham doentes nessas condições, e em caso contrário havia questão.

Embora não concorde com semelhante teoria, tive de a aceitar, pois o funcionário disse-me que era uma disposição superior. E assim fui inscrito para a consulta de um médico que chegou pouco depois das 19 horas. Entretanto chegou ao balcão da recepção um senhor, acompanhado de uma senhora, que depois de se informar se esse médico estava, disse ser seu conhecido e querer fazer-lhe uma pergunta, mas acrescentando, ao mesmo tempo, que era beneficiário da Caixa, o que o empregado confirmou. Como, porém, era só para fazer uma pergunta, disse-lhe que aguardasse o intervalo de uma consulta para a fazer. Porém, como eram 20 horas e apenas haviam chamado um doente para aquele médico, dirigi-me á porta do consultório, que estava fechada e perguntei á enfermeira, que se encontrava cá fora, se ainda estaria demorado, ao que ela me informou de que o primeiro doente chamado ainda ali permanecia á porta, á espera, pois o tal cavalheiro acompanhado, estava lá dentro fechado a conversar com o senhor doutor. Às 20 e 10, comecei a desesperar e a falar um pouco mais alto, no que fui acompanhado pelos restantes doentes. A enfermeira dizia que tínhamos razão, mas não podia dizer nada ao senhor doutor, nem entrar no consultório sem ele a chamar. Dirigi-me ao médico-chefe, mostrei-lhe a gravidade e a urgência de ser atendido e disse-lhe que não fazia sentido que a consulta marcada das 19 ás 19 e 30, ás 20 e 10 ainda não tivesse principiado, estando o médico, havia pelo menos meia hora, com umas pessoas conhecidas, mas não inscritas, dentro do consultório. Acrescentei ainda que, devido á reclamação que estava a apresentar, eu não desejava ser atendido pelo referido médico — o que aliás me parece razoável e lógico. Pois o sr. médico-chefe vestiu o casaco, passou pelo consultório do colega, a quem falou; este mandou embora o senhor e a senhora e o médico-chefe saiu, também, e foi-se embora. Como já não havia mais médicos no posto, pois todos tinham acabado as suas consultas e saído, e como eu, pelas razões acima expostas, não quis ser consultado por aquele, saí do posto ás 21 e 30, depois de 3 horas de espera, sem ser consultado, mas se o quisesse ser não sairia de lá antes das 21 e 30, visto a consulta só ter começado depois das 20 e 15 e haver, pelo menos, 11 doentes inscritos. Enfim, não serão necessários comentários, mas não posso deixar de comparar a atitude do sr. médico-chefe, que, vendo um doente necessitado de ser tratado urgentemente, pois eu mostrei-lhe o meu estado e ainda a minha relutancia, aliás natural depois da queixa apresentada, em ser tratado pelo unico médico presente, saiu sem dizer nada e sem se incomodar, com a atitude de Sua Ex.ª o sr. ministro do Interior que, em Castelo de Vide, fazendo parte da comitiva presidencial, a abandonou para vestir a bata de médico e trabalhar como médico que é, até ser necessária a sua presença.»

ARTES PLÁSTICAS

Exposição de Ruth Manés e Jorge Marcel na Galeria Nacional de Arte

Na Galeria Nacional de Arte, ao Marquês de Pombal, é hoje inaugurada a exposição dos artistas Ruth Manés e Jorge Marcel a que nos referiremos mais pormenorizadamente.

Ficará aberta até ao dia 11 de Julho.

Exposição de Arte Infantil no Colégio Moderno

No acreditado estabelecimento de educação e ensino que é o Colégio Moderno, é inaugurada no dia 30, ás 16 horas, uma exposição de Arte Infantil. Ficará patente ao publico até ao dia 7 de Julho. Trata-se da arte dos pequenos alunos da classe infantil da professora D. Dulce de Morais e Castro.

Na altura própria diremos aos nossos leitores as impressões dos jovens artistas.

O ceramista Artur José expõe de 6 a 18 de Julho

O ceramista Artur José, que recentemente obteve a medalha de prata da Exposição de Primavera da Junta de Turismo da Costa do Sol, apresentará os seus ultimos trabalhos na sede da referida junta, de 6 a 18 de Julho, como já anunciamos.

Artur José apresentará uns 35 trabalhos de ceramica e vários desenhos.

ESTÁ EM LISBOA o crítico brasileiro Van Jaffa

Está em Lisboa, o conhecido crítico Van Jaffa, do jornal brasileiro «Correio da Manhã», brilhante jornalista, bem como escritor e encenador teatral.

A propósito da estreia da peça portuguesa «Meu amor é traiçoeiro», que continua em cena com grande êxito no Teatro Ginástico, do Rio de Janeiro, disse Van Jaffa: «Meu amor é traiçoeiro», de Vasco de Mendonça Alves, é um espectáculo de qualidade dramática, visível, e sensível, que honra o teatro português e que merece o nosso aplauso». Mais adiante, na sua crítica falava da interpretação: «A actriz Laura Alves possui a qualidade essencial a uma intérprete de categoria; trabalha com o corpo todo, é inteira na vivência da personagem. E isso, uma actriz não faz repetindo uma técnica, mas sentindo, exprimindo uma vocação, confirmando um talento».

Van Jaffa visita-nos acompanhado por João Paulo, revelação teatral do ano.

VIDA ROTÁRIA

Clube de Almada

ALMADA, 27. — O Rotary Clube desta vila efectuou a sua penultima reunião do ano rotário de 1962/63, sob a presidência do sr. João da Costa Arthur, secretariado pelo sr. Ricardo José de Almeida Junior, tendo assistido também o sr. Políbio dos Reis, membro do Rotary Clube de Luanda, que foi portador de um galhardete do seu clube. O tempo de palestra foi preenchido com a segunda e ultima parte do trabalho do rotário almadense, comandante Álvaro Monteiro Teixeira Bastos, «A evolução do navio de guerra», acompanhado com projecções dos vários tipos de barcos, inclusive os já equipados com energia nuclear.

VIDA MUSICAL

Recital na igreja de S. Luís dos Franceses

Efectua-se amanhã, ás 18 e 15 horas, na igreja de S. Luís dos Franceses, um recital organizado pelo Centro de Estudos Gregorianos, na qual participam alguns alunos da classe de órgão dirigida pelo professor francês A. Sibertin-Blanc.

O programa é constituído pelas seguintes obras de J. S. Bach: Coral «Cristo jazia no sono da morte», Preludio e Fuga em Sol menor. Coral «Jesus Cristo, nosso Salvador», Preludio em Sol Maior, Tocata e Fuga em Ré menor; De Vivaldi, Concerto em Lá menor (1.º andamento); De César Franck, Coral N. 2 e Coral N.º 3.

Serão intérpretes, respectivamente, Maria Edith Debonnaire, a irmã Maria de Oliveira Viveiros, o padre João Fernandes Salvador Morais, Nuno Feodor Grossmann, Isabel Maria Frois Serra Ferrão, M. Amélia Tomás da Costa, Rosalina Vantache Morgado, Maria da Piedade Pereira Coutinho, Mariana Bonito de Oliveira, e Maria Joana de Azevedo Coutinho.

A entrada para este recital é livre.

A generalização da semana inglesa aos vários estabelecimentos comerciais

A propósito das sugestões formuladas pelo «Diário de Lisboa» para a generalização aos estabelecimentos comerciais dos vários ramos do descanso semanal pelo sistema chamado da semana inglesa, largamente apoiadas pelos nossos leitores, escreve-nos o sr. António Joaquim de Freitas, de cuja carta reproduzimos as passagens seguintes:

«A semana inglesa deve ser todo o ano (vejamos o que se passa nos países evoluídos). Mas há outro problema mais importante:

Pensa-se que, em princípio, seria apenas para armazenistas, importadores e exportadores. Acontece que a minha firma (como tantas outras) é armazenista e, simultaneamente, retalhista. Há pessoal que faz parte só do armazém, outros empregados que prestam serviço nas duas secções. Outras firmas ainda terão os seus serviços independentes, e, portanto, simplificado o seu caso. Mas aqueles que têm as duas secções?

«Parte do pessoal tem semana inglesa, outra parte não tem; e assim com que vontade, vamos lá, que confiança pode ter o patrão no serviço do pessoal que não foi abrangido pela regalia prevista, sendo empregado da mesma casa?»

A VISITA A BERLIM DO PRESIDENTE KENNEDY

(Continuação da 1.ª página)

futuro da cidade recomeçaram e que nelas tomam parte o secretário de Estado Dean Rusk e o embaixador russo em Washington, Dobrynine. Não é a primeira vez que se aventa a hipótese de um acordo mas agora a situação apresenta-se com um aspecto muito especial. As conversações iniciaram-se no quadro de uma vasta operação que visa a franca aproximação dos dois governos a qual está prevista desde a crise cubana de Outubro do ano passado. Esta novidade é a razão da incerteza que reina em Berlim e Bonn.

Preparativos

Consideremos, em primeiro lugar, os preparativos feitos para a visita do presidente Kenedy á Europa, os quais vale a pena recordar. Quando se anunciou essa visita, em Março do ano passado, não se pensava que ela incluisse Berlim-Ocidental. Segundo escrevia o correspondente do «New York Times» em Bonn, o presidente informara o ministro da Defesa federal, von Hassel, quando este o visitou em Washington, de que não desejava passar por Berlim. Segundo aquele jornalista americano, essa decisão tinha por fim evitar qualquer manifestação popular que criasse um estado de tensão perigosa. Só após diligências prementes do chanceler Adenauer e do burgomestre Willy Brandt ele modificou a sua intenção inicial. Embora insistisse em que a sua viagem á Alemanha não serviria de pretexto para manifestações anti-soviéticas, o presidente encontrou-se colocado numa posição delicada, pois sabia ele, melhor do que ninguém, que a sua visita á Alemanha era um pretexto para exercer forte pressão sobre o general de Gaulle e isolar este e a França.

A preparação da viagem foi precedida de uma manobra diplomática. Em 4 de Fevereiro um enviado do Governo federal, o subsecretário de Estado no Ministério dos Negócios Estrangeiros de Bonn, Carstens, partiu para Washington com o encargo de dar ao Governo americano todas as satisfações a respeito do tratado celebrado pelo general de Gaulle e pelo chanceler Adenauer bem como sobre a fidelidade da Alemanha á aliança atlantica. Efectivamente os americanos acusavam o chanceler de ter assinado esse documento que, na opinião deles, era contrário aos compromissos assumidos com o presidente Kennedy quando este, em 18 de Novembro de 1962, se avistou com ele em Washington. Segundo dizia a Imprensa dos Estados Unidos, o chanceler prometeu, então ao presidente que nada assinaria com o general de Gaulle que não fosse estritamente sincronizado com a N. A. T. O. O chanceler ter-se-ia, mesmo, oferecido como medianeiro entre Paris e Londres a fim de facilitar a entrada da Grã-Bretanha no Mercado Comum.

Antes de o chanceler ir a Paris, em Janeiro, o secretário de Estado, Dean Rusk, segundo informações divulgadas pelos jornais americanos, chamou o embaixador alemão, Knarrstein, a quem recordou as promessas do chanceler aconselhando-o a intervir junto do general de Gaulle para este moderar a sua oposição áquela entrada. O embaixador fez saber o que lhe disse Dean Rusk e insistiu com o seu Governo para que a ratificação do tratado franco-alemão fosse precedida, no Bundestag, de uma declaração de princípios na qual se insistisse na fidelidade da Alemanha á N. A. T. O. e aos seus aliados atlanticos. Foi isso que, efectivamente, se fez. O Bundestag votou sob a forma de preambulo, essa declaração a qual satisfez completamente os americanos. Nada custava prever que, na altura própria, o Governo alemão se encarregaria de fazer pagar ao presidente dos Estados Unidos o preço dessa concessão.

Uma visita forçada

Ao decidir visitar Berlim, o presidente Kennedy manifestou o receio de que lhe fosse dado o carácter de provocação aos russos e, sobretudo, pediu que nada se fizesse susceptível de prejudicar as negociações russo-americanas em curso. Esta preocupação foi exteriorizada de maneira significativa. Quando, em Abril, se falou da vantagem de reunir em Berlim-Oeste o Bundestag (desde 1958 que isso não acontece) as três nações ocidentais, a conselho do Governo americano, desaconselharam essa iniciativa. Os Governos dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e da França informaram o de Bonn de que isso o julgavam altamente arriscado na altura em que a diplomacia russo-americana procura abrir o caminho a proveitosas negociações.

Em Bonn, mais uma vez insistiram em que o Bundestag tem o direito de se reunir em Berlim-Oeste quando entender, tese falsa, visto que Berlim não é um «Land» da Republica federal, mas uma cidade em regime de ocupação cuja vida está regulada por um estatuto especial. Disse-se então que o Governo federal não se importaria com a diligência das três potências ocidentais e faria o que projectara. Em 26 de Abril o presidente do Bundestag, dr. Gerstnemeier, anunciou que a sessão prevista para Berlim-Oeste se realizaria. Mas, por fim, o Governo federal acatou o desejo dos seus aliados, embora afirmando que o Bundestag se reuniria em Berlim quando quisesse.

As reservas do presidente

Do lado alemão — como era de supor — dispunham-se a explorar, a fundo, a visita do presidente Kennedy á Europa e especialmente a Berlim. Durante uma manifestação-monstro dos refugiados da Silésia, em 16 de Junho, em Dusseldorf, um dos seus chefes, Gilles, fez um discurso no qual disse, entre outras coisas: «Faremos o que estiver ao nosso alcance para que o visitante americano leve consigo algo do que é a nossa vontade política, o regresso á pátria dos territórios de Leste, perdidos em consequência da derrota na segunda guerra mundial. No pensamento dos alemães a visita do presidente dos Estados Unidos seria um pretexto para a explorarem em benefício dos seus próprios objectivos pelo que lhe sugeriam um desfile triunfal pelas suas cidades, uma digressão a Berlim, onde o acompanhariam o chanceler Adenauer e alguns ministros, e, finalmente, uma sessão especial do Bundestag na qual usaria da palavra.

Destas sugestões aceitou o presidente as que era impossível recusar, sem ferir o orgulho nacional do povo alemão. Começou por chamar a Bonn o embaixador americano em Moscovo, Kohler, a fim de ser objectivamente informado das reacções soviéticas á sua viagem e encarregou esse diplomata de transmitir a Kruchtchev as suas próprias impressões. Reduziu ao mínimo o tempo da visita a Berlim para não dar lugar a manifestações ruidosas. O seu avião atravessaria o corredor aéreo da cidade a uma altura de 3500 m, altura exigida pelos russos para o tráfico aéreo entre o Ocidente e a cidade, a qual os comandantes ocidentais nunca reconheceram. Esta reserva do presidente era tanto mais significativa quanto é certo que ele visitava a Alemanha como impetrante, pois empreendera a sua viagem para isolar a França. O homem que, em 10 de Junho, proferiu o discurso mais sensacional do pós-guerra não atravessaria o Atlantico para trazer á Europa uma mensagem de guerra ou para reanimar o cadáver da guerra fria

ATTICUS

Peregrinação portuguesa à coroação de Paulo VI

A coroação de Paulo VI, símbolo do início de um pontificado que se auspicia de grande fecundidade, atendendo ao conjunto das circunstancias que rodeiam Sua Santidade, constituirá, certamente, singular manifestação de entusiasmo e esperança.

Por iniciativa da Comissão Nacional de Peregrinações designada pelo Episcopado, um grupo de portugueses, sob a presidência do bispo de Tiava, partirá no próximo sábado, por via aérea, a fim de, no dia seguinte, assistir ás solenissimas cerimónias da coroação.

As inscrições dos interessados devem ser dirigidas ao Campo de Sant'Ana, 43, ou pelo telefone 736108.

O 5.º sorteio trimestral de certificados de aforro

Depois de amanhã, ás 10 horas, efectua-se, na sala das sessões da Junta de Crédito Publico, o quinto sorteio trimestral de certificados de aforro

Boletim do dia

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa», de 27 de Junho de 1933, publicava:

«Nos campos proóximos de Barcarena, onde vai ficar instalada a Emissora Nacional de Radiodifusão, ficou hoje concluída a segunda torre metálica, que a nossa gravura reproduz. A fim de observarem o efeito produzido pelas duas torres concluídas, que medem mais de 100 metros de altura, estiveram está tarde ali os srs. eng.º David Pires, director dos Serviços Radioeléctricos da Administração-Geral dos Correios, que é quem de há anos pugna entre nós pela construção duma grande estação emissora nacional; Manuel Bivar, adjunto á mesma repartição, a quem tem estado entregue a fiscalização dos trabalhos; Albert Staud, da casa construtora da estação e mais alguns directores da mesma casa, que se encontram em Lisboa.

RÁDIO

EMISSORA — *Programa A* — 451 m — 655 kc/s — A's 17: Musica de teatro; 17 e 30: Cançonetas; 17 e 45: Orquestras ligeiras; 18: Noticiário; 18 e 10: Musica de dança; 18 e 45: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 19: Defesa Nacional: «A Morte do Imperador dos Lundas»; 19 e 10: Concerto, pelo sexteto de cegos; 19 e 30: Rádio Mocidade; 20: Melodias, pela Orquestra Mantovani; 20 e 15: Jornal sonoro; 20 e 35: A nossa terra; 21: Noticiário — Comentário — Crónica de Angola; 21 e 40: Separador; 21 e 45: Teatro das comédias: «O Astrólogo do Rei», conto de Washington Irving, traduzido e adaptado por Jorge Filgueiras; 22 e 38: Musica portuguesa; 22 e 45: Jornal sonoro, 2.ª emissão; 23: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 23 e 10: Trechos em piano; 23 e 20: «Onde a Terra se Acaba e o Mar Começa»; 23 e 45: Noticiário; 0 horas: Encerramento.

Programa B — 397 m — 755 kc/s — A's 18: Musica portuguesa: abertura da ópera «Ascanio in Alba», pela Orquestra Sinfónica da E. N., dirigida por Pedro de Freitas Branco; «Fantasia para piano e orquestra» (Domingos Bontempo); pianista, Helena Moreira de Sá e Costa, e Orquestra Sinfónica da E. N., dirigida por Pedro de Freitas Branco; «Suite Antiga» (Carlos Seixas-Artur Santos), pela Orquestra Sinfónica da E. N., dirigida por Pedro de Freitas Branco; 18 e 50: Noticiário regional; 19: Intérpretes musicais; 20: Noticiário; 20 e 15: Musica sinfónica: «Sinfonia n.º 5, em mi menor, op. 95» «Novo Mundo» (Dvorak), pela Orquestra Filarmonia, dirigida por Carlo Maria Ciulini; 21: Concerto, pelo duo de pianistas Maria Cristina Lino Pimentel-Elisa Lamas: 2.º programa da série «Audição Integral das Sonatas em Trio», de João Sebastião Bach; 21 e 21: «Contrastes para piano, violino e clarinete» (Bela Bartok); clarinete, Jack Brymer; violino, Frederick Grinke; piano, Wilfrid Parry; 21 e 40: Musica e poesia, por Judite Navarro; 22: Musica sinfónica: «Concerto para violino e orquestra» (Rakov); violino, David Oistrakh, e orquestra dirigida por Kondrashin; 22 e 25: Horizonte, semanário de letras e artes; 23: O programa internacional «A Voz do Ocidente»; 1 hora: Encerramento.

Modulação de frequência—Às 23: Intercambio musical: «A Metamorfose da Canção Popular na Forma de Arte», em gravações cedidas pela Embaixada da Alemanha; 23 e 25: «Sonata em dó menor, op. 13», para piano, «Patética» (Beethoven); pianista, Hans Richter-Haaser; 23 e 45: Noticiário; 0 horas: Encerramento.

RÁDIO CLUBE — A's 17 e 15: Artista; 17 e 30: Conjuntos; 17 e 45: Noticiário; 17 e 50: Orquestra; 18: Guitarras e fadistas; 19: Variedades; 19 e 45: Noticiário; 20 e 15: Artista; 21: Noticiário; 22: Motivos portugueses; 22 e 15: Curso de língua inglesa; 22 e 30: Saude para todos; 23 e 45: Noticiário; 0 e 45: Noticiário; 1 e 45: Noticiário; 2 e 55: Noticiário; 3 horas: Fecho.

Emissor de Miramar — Às 17 e 30: Solistas; 17 e 45: Noticiário; 18: Ritmos de baile; 19 e 15: Uma orquestra; 19 e 45: Cançonetas; 20: Noticiário; 20 e 10: Melodias; 20 e 30: Curso de língua inglesa; 21: Noticiário; 21 e 15: Programa só-rádio, 21 e 30: Programa «jazz»; 21 e 50: Paisagem intelectual; 22 e 15: Brasil; 22 e 45: Variedades; 23 e 15: Ritmos de baile; 23 e 45: Noticiário, 0 e 45: Noticiário; 1 e 30: Fecho

RÁDIO RENASCENÇA — A's 18 e 25: Leitura do boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção, da basílica dos Mártires; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: O seu programa; 20: Agenda musical; 20 e 30: Noticiário e boletim de Rádio Rural; 20 e 50: A hora do Concílio; 21 e 10: Lugares a concurso; 21 e 15: Vozes portuguesas; 21 e 30: Ritmos de Portugal; 22 e 30: Chuva de estrelas; 23: A 23.ª hora; 2 horas: Fecho.

Estação do Porto — Às 18 e 15: Saudação da tarde; 18 e 30: Transmissão do terço, da basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 25: Boletins religioso e de filmes; 19 e 30: O seu programa; 20: França, Horizonte do Mundo; 20 e 15: Oiça enquanto janta; 20 e 30: Noticiário e boletim de Rádio Rural; 20 e 45: Boletim de filmes; 20 e 50: A hora do Concílio; 21 e 10: Lugares a concurso; 21 e 30: Musica de ópera; 22: Calendário; 22 e 30: Chuva de estrelas; 23: A 23.ª hora; 2 horas: Encerramento.

EMISSORES ASSOCIADOS — Das 17 ás 19 e 30: Voz de Lisboa; 19 e 30 ás 22: Rádio Peninsular; 22 á 1: Voz de Lisboa; 1 ás 2: Clube Radiofónico de Portugal.

MARES

PREIA-MAR

Dia 27 — A's 8 e 30 (3,37 m); 20 e 51 (3,58 m).

Dia 28 — A's 9 e 29 (3,24 m); 21 e 49 (3,42 m).

Dia 29 — Às 10 e 29 (3,16 m); 22 e 50 (3,30 m).

BAIXA-MAR

Dia 27 — A' 1 e 50 (1,31 m); 13 e 59 (1,52 m).

Dia 28 — A's 2 e 50 (1,50 m); 15 (1,69 m).

Dia 29 — Às 3 e 56 (1,62 m); 16 e 13 (1,78 m).

TELEVISÃO

HOJE — A's 19 e 30, Abertura; 19 e 32. Telejornal (edição da tarde); 19 e 40, Divulgação Desportiva: A história de Rafer Johnson; 20, Episódio da série «Ivanhoe»; 20 e 30, Temas Literários: «Encontro com António Manuel Couto Viana»; «Montra Falada»; 20 e 55, Vida sã em corpo são — um programa de educação sanitária pelo dr. Ramiro da Fonseca; 21 e 20, Telejornal (edição da noite); 21 e 45, Boletim meteorológico; 21 e 55, Toiros (reportagem da alternativa de José Simões na praça de Badajoz); 22 e 10, «Sol e Vacas» — reportagem da garraiada da Casa do Pessoal da R. T. P.; 22 e 30, TV Mundo; 23 e 30, Programa musical (transmissão dos Estudios do Porto); 23 e 50, Telejornal (ultimas notícias); e 23 e 55, Fecho.

AMANHÃ—Às 19 e 30: Abertura; 19 e 32: Telejornal — Edição da tarde; 19 e 45: Temas de arte, 19 e 55: «A' volta das 8»: «Puericultura», «Como vejo o que leio», «Como nos vêm e «Passagem de Modelos»; 20 e 20: «Let's Learn English» (aprenda inglês pela televisão); 20 e 45: Um episódio da série «Ripcord»; 21 e 20: Telejornal — Edição da noite; 21 e 50: Boletim meteorológico; 21 e 55: Selecção Policial, um episódio da série «Perry Mason»; 22 e 55. Maria da Graça na R. T. P., acompanhada pelo conjunto de Jorge Costa Pinto; 23 e 30: Desporto no Mundo; 23 e 45: «Isto é Lisboa», programa da Camara Municipal; 23 e 55: Telejornal — Ultimas notícias; 0: Fecho.

MILAIR
A VIDA NOS SEUS CABELOS
BREVEMENTE EM PORTUGAL

CARTAZ DO DIA

(Para maiores de 12 anos)

TEATRO

MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «Vamos contar mentiras».

CINEMAS

ODEON — «Tu e eu somos 3».
POLITEAMA — «Cantinflas deputado».
CONDES — «Uma noite em Monte Carlo».
AVIS — «Até á vista, Riviera».
COLISEU — «As canções unidas».
OLIMPIA — «Maruzzella».
IDEAL — «O invencível homem do espaço».
VOZ DO OPERARIO — «Marina».
S. L. BENFICA — «Escravos do vício».
ARCO IRIS — «O rapaz e os piratas».

(Para maiores de 17 anos)

TEATROS

AVENIDA — As 21 e 45: «Caiu do céu uma noiva»

CINEMAS

S. LUIZ — «A passagem do Reno».
TIVOLI — «Piquenique».
IMPÉRIO — «Os prazeres da cidade».
S. JORGE — «A posse do amor».
MONUMENTAL — «Acorda querida».
EDEN — «O príncipe e a corista».
ALVALADE — «Paixão proibida».
ROMA — «Max, o carteirista».
LIS — «Morte sem perdão».
ROYAL — «Um, dois, três».
ESPLANADA PORTUGÁLIA — «O sabor do medo».
PROMOTORA — «O processo de Nina B».
JARDIM CINEMA — «Três casos de amor».
RESTELO — «Os piratas do rio sangrento.

FARMACIAS

TURNO M

AJUDA — Lídia Almeida, Calç. da Ajuda, 170 (637318)
ALCANTARA — Probidade, R. de Alcantara, 15-A-B (638589).
ALTO DO PINA — Eusil, R. Barão de Sabrosa, 104 (841912).
ALMIRANTE REIS—Laboratório Brasil, R. Alves Torgo, 29-31 (46843) ✲ Guerra, R. Andrade, 32-36 (845513).
ALVALADE—Rainha Santa, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (765262) ✲ Alentejo, Av. da Igreja, 28-B (712682) ✲ Brasília, Av. do Rio de Janeiro, 66-66-A (722368).
AREEIRO—Belmar, Av. de Roma, 53-A (776314) ✲ Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, lote 373 (725859) ✲ Central do Areeiro, Av. Paris, 2-2-A (720820).
AVENIDAS NOVAS — Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A (763016-765635) ✲ Cardote, Ld.ª, Av. Visconde de Valmor, 28-A-B-C (772291) ✲ Palma, Av. Duque de Avila, 25-31 (47088) ✲ Arga, Ld.ª, Av. Praia da Vitória, 53-55 (43938).
BAIRRO AZUL — Sirius, R. Fialho de Almeida, 36-B (44000).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (Bairro da Encarnação) (389216).
BAIXA — Frazão, R. das Portas de St. Antão, 72 (328180) ✲ Veiga Sucers., Rua da Conceição, 42 (326847) ✲ Durão, R. Garrett, 90-92 (324166).
BENFICA — Marques, Est. de Benfica, 648 (700096) ✲ Vitex, Est. de Benfica, 373-B (780548).
CAMPO DE OURIQUE — Condestável, R. Coelho da Rocha, 119 (666206).
CAMPOLIDE — Imparcial, R. General Taborda, 28 (680931) ✲ Almeida, R. Silva Carvalho, 136 (681726) ✲ Rualto, R. do Alto de Carvalhão, 5-A—5-B (651721).
CHARNECA — São Bartolomeu, Quinta dos Balsares de Baixo, Vila Paulo Jorge, 1.
CARNIDE — Leal de Matos, R. Neves Costa, 33-35 (780181).
CONDE REDONDO — Branco, Av. Duque de Loulé, 61-63.
ESTRELA E LAPA — Gama, Calç. da Estrela, 130 (660339).
GRAÇA — Anunciada, R. do Vigário, 74 (866360) ✲ Progressiva, R. de St.ª Marinha, 18 (863619).
LUMIAR — Pazuleia, Herdeiros, R. do Lumiar, 122-124 (790332).
MADRAGOA — Esperança, R. da Esperança, 134 (662784).
OLIVAIS — Simão, Rua D. 1-lote K, á Av. Entre Aeroporto.
PALHAVÃ—Curie, Av. Madame Curie, 15-A (778439).
PAMPULHA — Infante Santo, R. do Olival, 290 (661003).
PATRIARCAL — Cunha, R. da Escola Politécnica, 16 (325455).
PEDROUÇOS — Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (610741).
PENHA DE FRANÇA — Dimar, R. Conde de Monsaraz. 17-B (842533).
PICHELEIRA — Mariuz, Calç. da Picheleira, 140-B-C (720703-728395).
REGO — Prates & Mota, R. da Beneficência, 91 (773729)
SANTO AMARO — St.º Amaro, R. Filinto Elísio, 29-A-B (637070).
SÃO PAULO — Ultramarina, R. de S. Paulo, 101 (21771)
DE ST.º APOLÓNIA AO BEATO — Grijó, R. do Grilo, 25 ✲ Brito, R. do Vale de Santo António. 7-9 (840125).

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efec.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 % T. 10 ...	640$50	640$00	641$00
Cons. 3 % T. 10	678$00	677$00	678$00
Cons. 3 1/2 % T. 10 ...	788$00	787$00	788$00
Centenários 4 % 1940...	1.850$00	1.849$00	1.850$00
Obg Tes.2 1/2 % 1942	—	1.014$00	—
Obg Tes.2 1/2 % 1943	—	1.014$00	—
Obg Tes.2 1/2 % 1944	—	1.014$00	—
Externo 1.ª série.....	—	1.220$00	—
Ext 1.ª série car.	1.230$00	1.220$00	1.240$00
Externo 2.ª série	—	1.190$00	—
Ext. 2.ª série car.	—	1.190$00	—
Externo 3.ª série	—	1.330$00	—
Ext. 3.ª série car.	—	1.330$00	—
Caut. 3.ª série s/j.	228$00	225$00	230$00
Obrigações			
Águas Lisboa 5 %	—	503$00	—
Norte de Portugal 5 %	—	—	—
Gás Elect 3 3/4 % ...	950$00	950$00	—
Gás Elect. 4 %	—	955$00	—
Gás Elect. 4 1/2 % ...	—	997$00	1.000$00
Gás Elect. 5 %	1.012$00	1.010$00	—
U. E. P. 3 3/4 %	—	—	—
U. E. P. 4 % 1945	—	92$00	—
U. E. P. 4 % 1948	—	—	—
U. E. P. 4 1/2 %	—	—	—
U. E. P. 5 % 1951	—	100$00	—
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—
H. E. do Douro	1.006$00	1.005$00	1.007$00
H. E. S. Est. 5 %	—	—	1.030$00
C. P. 4 1/2 %	—	—	1.022$00
Metropolitano	995$00	992$00	996$00
Acções			
Bancos			
Alentejo	—	—	—
Angola	—	1.000$00	1.700$00
Espírito Santo	—	—	—
Lisboa & Açores	—	1.820$00	—
Portugal	—	—	1.700$00
Ultramarino	—	1.080$00	1.085$00
Agricultura	—	46$00	50$00
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	285$00	—
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
Soberana	—	1 200$00	1.700$00
C.as Ultramarinas			
Ag. Cassequel	470$00	470$00	475$00
Ag. das Neves	—	—	—
Agric. Colonial	—	—	—
Açucar de Angola	—	550$00	600$00
Boror	—	—	—
Cabinda	—	—	20$00
Cadá	—	870$00	910$00
Colonial do Buzi	—	61$00	65$00
Ilha do Príncipe	—	—	—
Incomati	—	800$00	—
Moçambique	—	31$50	33$00
Zambézia	—	41$00	42$00
Diamantes	396$00	395$00	398$00
Lobito	325$00	325$00	330$00

C.as Diversas	Efec.	Compra	Venda
Cimentos Tejo	—	690$00	710$00
Cimentos Leiria	—	—	600$00
Crédito Predial	—	—	—
Industrial Aliança	—	—	—
Portugal e Colónias ...	650$00	650$00	655$00
Nacional Navegação ...	—	620$00	700$00
Colonial Navegação ...	417$00	415$00	422$00
Port. de Celulose	—	3.300$00	—
Portuguesa de Pesca...	—	—	—
Port. de Tabacos	227$00	—	229$00
Tabacos de Portugal...	—	—	—
Águas, Electricidade e Gás			
Aguas Lisboa 1934.....	—	325$00	—
Aguas Lisboa 1936.....	—	310$00	340$00
Eléct. das Beiras	—	1.720$00	1.740$00
Gás e Electricidade ...	300$00	300$00	300$50
H. Alto Alentejo	149$00	148$50	149$50
H. E. Cávado	1.050$00	1.050$00	1.055$00
H. E. Zêzere	1.220$00	1.215$00	1.225$00
Nac. de Electricidade	—	1.185$00	—
União Eléctrica Port.	144$50	144$00	145$00
H. E. do Douro	—	—	—
H. E. Portuguesa	—	—	—
H. E. S Estrela	—	—	—

BANCO BORGES & IRMÃO

PAISES	COMPRA	VENDA
Notas:		
África do Sul	38$75	39$50
Alemanha	7$10	7$30
América:		
Dólares de 1 a 2	28$30	28$60
Dólares de 5 a 1000	28$50	28$80
Argentina	$18	$22
Austria	1$10	1$15
Bélgica	$56,2	$58,2
Brasil	$03,5	$04,3
Canadá	26$30	26$80
Dinamarca	4$05	4$25
Espanha	$47,5	$48,5
Congo	$07	$11
França (N Franco) ...	5$77	5$92
Holanda	7$85	8$10
Inglaterra	79$50	81$00
Itália	$04,55	$04,7
Marrocos	5$05	5$35
Noruega	3$90	4$10
Suécia	5$40	5$70
Suíça	6$58	6$73
Ouro:		
Inglaterra (Libra) ...	281$00	289$00
Portugal — Barra	—	—
Portugal — Barra fino	32$50	33$00

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 12
Telef. 3 1273
Papéis de crédito
Notas estrangeiras

Faculdade de Ciências de Lisboa

Na secretaria da Faculdade de Ciências de Lisboa recebem-se, até ao próximo dia 10 de Julho, declarações de candidatura para os lugares de ajudante de preparador do Laboratório de Química e de catalogador da Biblioteca.

LIMPEZA E RESTAURO DE CARPETES

Consulte os serviços especializados da FABRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO. Pedidos aos escritórios: R. Conde Redondo, 64, 2.º Dir. — Telef. 59288.

Orçamentos grátis

LIVROS E AUTORES

COMENTÁRIOS DE ALVARO SALEMA

«Antero de Quental»

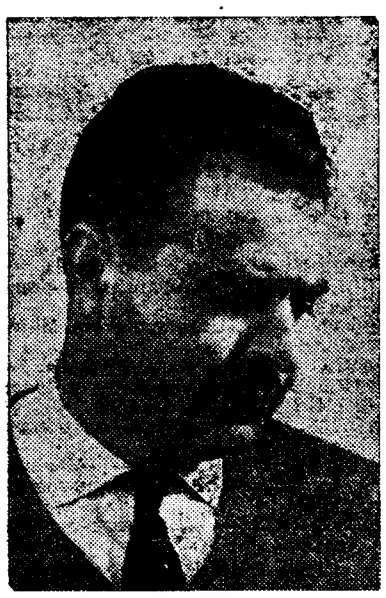
por Vítor de Sá

É mais um testemunho de interesse vivo pela personalidade e pela obra de Antero, seguindo-se de perto a outros livros de publicação recente sobre o autor das «Odes Modernas», o estudo que Vítor de Sá acaba de apresentar. Filia-se este trabalho na vasta e corajosa acção intelectual e cívica que o escritor bracarense vem realizando, na convicção de que «a cultura não é sómente um luxo do espírito, mas também uma pragmática» e de que «a conduta será tanto mais inteligente e profícua quanto mais esclarecida». No seu conflito de pensamento e de acção, de arte literária e de responsabilidade ético-social, de esforço dramático pela coerência que não lhe foi possível e de esperanças a todo passo desiludidas. Antero constitui na história da cultura portuguesa um *caso* perenemente vivo e actual. Assim o entende e interpreta Vítor de Sá, como «personificação do estado de crise de uma sociedade», para ele se voltando, «no seio de uma sociedade caótica, ideológicamente nihilisada e céptica», os que procuram fundamentar uma linha séria de presença pessoal no mundo contemporaneo.

No volume agora publicado reuniu o autor, conjugando-os sob o signo de uma experiência intelectual e moral prolongada, dois trabalhos distintos que constituem duas partes da obra. Na primeira, consagrada á mocidade de Antero, reedita um livrinho de estreia na juventude: «Foi em Antero que primeiro vi formuladas as minhas próprias inquietações e ansiedades, a expressão da mesma tortura moral perante as iniquidades sociais que se observam á nossa volta». Na segunda parte, mais desenvolvida na extensão e na análise, reflecte Vítor de Sá a evolução da sua experiência crítica e social, contrapondo a Antero na aparência autónomo e singular o «Antero produto de um meio», desfazendo fantasmas e mitos, debatendo contradições, intentando desvendar o *mistério* do seu comportamento, das flutuações da sua obra e do remate trágico da sua vida.

Desta integração de preocupações e objectivos, em que o crítico, o sociológico, o pragmático, o especulativo, se interpenetram fundamente, resultam o maior interesse e também as mais sensíveis fragilidades do livro de Vítor de Sá. Em todos os seus passos há a rebusca de um sentido exemplar, de uma lição viva e permanente — não á luz de qualquer pedagogia social impassível, mas de uma aspiração esclarecedoras compartilhada ardentemente. Nos problemas e mistérios de Antero o que o ensaista procura é a sua própria coerência e a de quantos perfilham a mesma jornada de pensamento e de acção perante as realidades portuguesas. O entusiasmo e o calor humano estão sempre presentes nestas páginas. E é emocionante, muitas vezes, esse ardor moral e cívico vibrantemente associado ao que mais inquieta as consciências livres e isentas da nossa época. «Positivamente, não foi para os mortos que escrevi este volume» — exclama Vítor de Sá na sua palpitante introdução.

Por esse motivo — e não apenas por ter intentado na obra a determinação dos acontecimentos históricos e das correntes sociais, económicas, políticas e ideológicas do tempo de Antero — foi Vítor de Sá *levado mais longe do que consentiam as suas forças*. Assim o reconhece na mesma introdução. Vai longe de mais, com efeito, porque o calor da convicção o conduz a alguns imprudentes dogmatismos e a exageros na ponderação e interpretação de influências ou de motivos. Não esclarece suficientemente que Proudhon tenha exercido «uma influência perniciosa no pensamento social português» nem que outras influências fossem possíveis, dada a estrutura da sociedade portuguesa oitocentista; que a anarquia mental de Sampaio Bruno seja o reflexo das contradições internas do proudhonismo; que a Antero fosse possível compreender, antecipatóriamente, as funções determinantes da consciência, tal como as demonstrou Pavlov muito mais tarde; que seja proudhoniano o demopedismo político de António Sérgio; que o suicídio de Antero exprima dramáticamente «a impotência do idealismo perante o triunfo da ciência e a materialidade do universo».



Victor de Sá

Apesar de tudo, a corajosa lucidez de Vítor de Sá prevalece na generalidade dos pontos de vista e interpretações da obra — e, sobretudo, no exacto e inédito enquadramento da vida e obra de Antero em toda a ampla estrutura das realidades económicas e sociais do seu tempo. São fortemente reveladoras as páginas sobre as repercussões da experiência político-social francesa e espanhola na mentalidade do terceiro quartel do século XIX português. São de brilhante novidade a análise do iberismo então gerado e o estudo das influências do socialismo internacional incipiente. A vibração intelectual em todos os sentidos dos interesses humanos da cultura e a generosidade apaixonada perante o que pode servi-los, são as constantes essenciais deste livro sobre Antero de Quental como de toda a obra comunicativa e militante de Vítor de Sá. *(Edição do autor, depositária Livraria Victor, Braga).*

«Memória e Ritual»

por Helena Cidade Moura

Depois do livro de poemas «O Tempo e a Esperança», há mais de um ano publicado no Rio de Janeiro, a nova colectanea lírica que foi agora apresentada por Helena Cidade Moura assinala uma extensa e árdua trajectória percorrida. As raízes essencialmente intelectualistas e analíticas da sua poesia, em que já se pressentiu certa afinidade com a de Valéry, subsistem intactas. A inquietação no ajustamento ás realidades do quotidiano, a tentação do solipsismo, a penetrante lucidez em plena emoção, também permanecem. Mas a poetisa encontrou, ou foram-lhe moralmente impostas, outras adesões que transcendem a inteligência e a sensibilidade pessoais. Já são raros os poemas em que Helena Cidade se confessa «exausta e condenada / a repetir o vazio dos buzios». Agora, continuando a «viver certezas na duvida», acolhe largamente o que veio «rasgar a sua paz» e levá-la a «beber a confusão da guerra». Um sentimento humano mais fundo, uma vibração dramática aberta aos largos horizontes compartilhados, embora sob o signo de expectativas talvez indecisas, alimentam a voz renovada da inteligente e calorosa lírica de Helena Cidade neste livro «Memória e Ritual».

O enriquecimento de essência e de forma que resultam das suas incipientes descobertas de adesão interior revela-se em grande parte dos poemas que o compõem. A especulação do sentimento e da experiência — mas de uma experiência que se renova com vigor insólito, reflectindo-se na análise do sentimento — é mais complexa e inquieta. As «formas quotidianas», o «amor quotidiano» são entrelaçados na visão e na sensação mais essencializadas do Mundo. Não importa que caminhe «entre caminhos caminhados / com passos novos e olhos espantados». A poesia de Helena Cidade Moura abre-se com apaixonada vibração para mais largas vivências e liberta-se do circuito fechado das insanáveis solidões. Para além do seu intrínseco valor poético, esta experiência é de interesse empolgante e traz á nossa lírica contemporanea um testemunho fundamental. «Seguir a tempestade» é uma fonte de poesia que cumpre acompanhar atentamente na obra de Helena Cidade Moura. *(Edições Ática, Lisboa).*

Registo

- *Na diligente e rápida cadência de publicação das obras de Fernando Namora, em série completa e gráficamente valorizada, acaba de apresentar a* Arcádia Editora *o volume de contos «Cidade Solitária», em 3.ª edição (11.º milhar). Na criação ficcionista de Fernando Namora representa este livro um retorno ao género de criação romanesca que teve em «Retalhos da Vida de um Médico» a imediata e definitiva consagração. Mas, ao contrário deste, constitui «Cidade Solitária» uma experiência decisiva de descoberta e aprofundamento do meio citadino, «apontamentos para uma biografia de Lisboa», que prossegue o intento inquiridor de «O Homem Disfarçado» e preludia «Domingo á Tarde». O tema da solidão entre as multidões é o fundo essencial dos contos que Fernando Namora traçou, com a mão vigorosa do prosador plenamente afirmado e do observador psicológico que domina com igual vigor o espectáculo humano das suas próprias inquietações e as dos «outros». É um belo e penetrante desvendar da vida o que se revela nestas páginas de «Cidade Solitária», em 3.ª edição consagradora.*
- *Maria Joana Couto, escritora angolana que manifestara anteriormente a sua vocação literária em três livros de poemas, acaba de publicar o romance «Sol Tropical», apresentado pela* Coimbra Editora. *A obra é de ambiente ingénuo, de concepção simplista, de composição hesitante, refugiando-se num sentimentalismo precário por incapacidade de alcançar os fundos e sérios problemas. Mas atesta, apesar disso, certas qualidades de intuição ficcionista e a experiência de observações fundamentais que são de interesse incontestável para quem quiser e puder interpretar o romance com boa vontade Com todas as suas fragilidades, é um documento que vale a pena fixar.*
- *Numa série justamente prestigiada — a do «Círculo de Poesia» da* Livraria Morais Editora *— foi incluído o livro de poemas do escritor brasileiro Wilson Rocha intitulado «Do Tempo Soluto». A inspiração lírica do autor tem frescura insinuante, luminosidade de expressão, por vezes um sabor clássico de velha ode em que foi insuflada a liberdade formal e conceptual moderna. Mas sob os ritmos e as alegorias espectaculares pressente-se uma superficialidade de visão poética do Mundo e da vida que não consente a definitiva impressão de grandeza.*
- *Em edição do autor, algarvio de afirmado temperamento ambiental, foi publicado o livro de poemas «Notícias do Mar», de António Ferreira. Tudo respira nele os horizontes, as sugestões naturalistas, as evocações dramáticas do mar fundo, do mar poeta, do mar alegre ou sinistro. A autenticidade desta poesia, a partir da sua próxima e intensa inspiração, compensa muitas das elementaridades que a diminuem. O livro é saboroso, humano e arejado, nas suas formas simples e na sua constante alusão da realidade imediata.*
- *O poeta António Pinheiro Guimarães, assíduo e caloroso desbravador da sua vibração lírica, publicou sucessivamente mais três cadernos de poesia: «Amizade», «Paloma» e «Marcha Triunfal». Neles se revela, como em publicações anteriores, a sempre inquieta pesquisa do poeta, transcendendo e sublimando o mundo que o cerca, em pessoas e factos, na pesquisa dos sentimentos absolutos. Há um vigor original e eloquente, mas também repetidas quedas de altura poética, na força expressiva e na forma, ao longo desta criação agitada e fantasiosa. Pinheiro Guimarães é um poeta genuíno, mas sem o seguro domínio dos seus meios.*
- *Para a Colecção Poesia, das* Edições Ática, *que foi fundada ainda pelo malogrado Luís de Montalvor, traduziu a poetisa Maria Amélia Neto os «Quatro Quartetos», de T. S. Eliot. O paralelismo do texto original inglês de Eliot e da versão para a nossa língua permite acompanhar em cada passo a fidelidade e, ao mesmo tempo, o elegante e sugestivo ritmo da tradução. Uma das criações mais belas e profundas da poesia moderna, de valor definitivo na evolução da lírica de todas as línguas e correntes estéticas, ficou assim acessível ao leitor português — ao estudioso como ao simples apreciador de poesia. E Maria Amélia Neto revelou mais uma das faces do seu emotivo e insinuante talento criador.*
- *Traduzido do alemão por Beckert d'Assumpção, para a editorial* Delfos, *foi publicada em sóbria e elegante brochura da Colecção Prisma a novela «O Pequeno Templo», de Werner Bergengruen. O autor, quase totalmente desconhecido entre nós, conta 70 anos e é uma das grandes figuras da literatura alemã contemporanea, na poesia e na novelística. A narrativa é de uma delicada e penetrante sensibilidade, pondo em debate as realidades perenes do coração no contraste com as tumultuosas diversidades da vida, arrastadas pelo tumulto da história.*
- *Na sua nova colecção de contemporaneos consagrados, em que já veio a publico o romance «Mrs. Craddock», de Somerset Maugham, apresentou agora a editora* Livros do Brasil *a narrativa do mesmo autor «O Mágico» — obra fascinante de observação e crítica sobre o bizantinismo dos intelectuais. A ironia e a análise penetrante dos caracteres fazem desse romance um padrão da literatura inglesa moderna. Na Colecção Miniatura incluiu a referida editora a novela de Pierre Mac Orlan «Margarida da Noite», que deu o argumento a um filme famoso de René Clair. O próprio autor definiu a obra como «anedota mais ou menos desesperada sobre a insensibilidade da nossa época».*

  Prosseguindo as suas colecções populares «Vampiro» e «Argonauta» — a primeira reservada aos mestres da literatura policial e a segunda aos romances de ficção científica — editou ainda Livros do Brasil *as narrativas «A morte ronda os rochedos», de Leo Bruce, e «Operação Vénus», de Leonid Onochko.*
- *Com um prefácio de Amandio César, que foi também o tradutor meticuloso, publicou a editorial* Delfos *a narrativa fantasiosa e irónica «Sodoma e Gomorra», de Curzio Malaparte. Em páginas breves, empolgantes de imaginação e de «verve», que representam a divagação por um mundo de sonho ou pesadelo, traduz Malaparte alguns dos aspectos primaciais da sua personalidade — ao mesmo tempo dramática e satírica na visão da vida — e as suas impressionantes qualidades de escritor. Amandio César acentua com justeza, no prefácio, o «jogo difícil com o destino», que foi a vida de Curzio Malaparte e a perenidade da sua obra de contrastes e interrogações.*
- *A editorial* Delfos *fez traduzir para a nossa língua e acaba de publicar em edição expressiva a novela da escritora inglesa Nancy Mitford «Amor em Clima Frio». Muito apreciada pela arte subtil de crítica social e de ironia — que fez designar por «comédias de costumes» as novelas da sua autoria — a escritora inglesa tem conquistado a consagração de sucessivos* best-sellers.

  Pela mesma editora foi publicada ultimamente uma série de traduções de literatura ligeira, para leitores interessados em recreação sem exigências: as novelas «E o amor chegou», de Hans Ernst, «Amarga Expiação», de Isa Karsten, e «Caem lágrimas sobre o véu», de Elfie Voss, na colecção Não-me-Esqueças; *as narrativas policiais «Diabólica Engrenagem», de Jerry Cotton, e «Filmagem Sinistra», do mesmo autor, na colecção* G-Man; *e a narrativa «Tubarões e Notas Falsas, de John Carrigan, na colecção* Alibi.

O Dicionário da Academia

(Continuação da página central)

meu Inácio Gorge, Bento José Farinha, o Conde da Ega, José de Azevedo, Roberto Nunes da Costa, Adrião dos Santos, Félix Marques, José António da Mata, «os quaes poderão ajuntar-se separadamente para este fim as vezes que lhes for preciso ou estabelecer dias certos de conferência, como julgarem mais conveniente, havendo de dar conta em todas as assembleias particulares á Academia dos seus progressos, por via do Director, e consultá-la por escrito em qualquer caso de dúvida ou que julgarem de maior importância».

Aquele grupo de investigadores foram depois agregados os sócios Conde de Tarouca, Nicolau Tolentino de Almeida, José Valério e Pedro José de Melo.

Pela acta da sessão de 17 de Novembro de 1789, verifica-se que por essa altura já se pensava na impresão e publicação da obra, embora se reconhecesse também a necessidade de autorização para escolher cooperadores a quem a Academia pagaria.

E em 1793 aparecia, impresso nas oficinas da Academia Real das Ciências de Lisboa, o *Diccionario da Lingua Portuguesa*, obra monumental pelo tamanho (cerca de 750 páginas, na totalidade, em formato grande) e, sobretudo, pelo conteúdo.

Segundo José Vicente Gomes de Moura, «entre os três colaboradores principais, ou quase únicos do *Diccionario*, merece mais distinta e especial menção o laboriosíssimo Pedro José da Fonseca, a quem se deve, além da parte que lhe tocou na letra A, todas as peças acessórias que a esta precedem no volume; isto é, a *Dedicação, Planta* e *Catálogo dos autores*, tudo trabalhos de notável erudição e exclusivamente seus, como verifiquei em grande parte pelos autógrafos que vi da sua própria letra. As vigílias e fadigas que isto lhe custou arruinaram de todo a sua já deteriorada saúde, reduzindo-o ao estado valetudinário em que houve de arrastar ainda por bastantes anos os restos de uma vida atribulada. Seus companheiros, Agostinho José da Costa de Macedo e Bartolomeu Inácio Gorge perderam um e outro a vista no fim de alguns anos, para mais não a recuperarem. E o prémio de seus trabalhos? Foi um exemplar do *Dicionário* que cada um deles recebeu, como qualquer dos outros sócios».

O Dicionário tem sofrido no seu prestígio pela circunstancia fortuita de a sua única parte até hoje publicada ter terminado na palavra *azurrar*. Realmente por aí se ficou há 170 anos, durante os quais muitos e muitos outros dicionários apareceram, em demonstração do interesse que entre nós há por estas coisas de lexicologia. É natural que todos ou alguns deles não satisfaçam também, mas nem por isso se lhes deve negar os seus méritos, pelo menos os da boa-vontade, de iniciativa e até mesmo de sugestões para a comissão académica que consiga, finalmente, retomar ou reiniciar a publicação do trabalho suspenso.

Parece-me, porém, que a citação maliciosa do *azurrar* é injusta para o trabalho que custou o volume já publicádo, o sacrifício dos seus organizadores e até para o valor intrínseco das páginas desse denso volume. O ideal, porém, seria o *Dicionário* da Academia não ter sofrido qualquer interrupção. Desse modo pelo menos a mencionada crítica (?) não teria aparecido, o que não quer dizer que os espíritos escarninhos não inventassem outros trocadilhos da sua especialidade para amesquinhar o que eles nunca seriam capazes de conseguir por acção própria e independente.

O ideal, no entanto, seria, repita-se, que o *Dicionário* da Academia nunca tivesse sofrido longas interrupções, interrupções que só trouxeram prejuízos para o douto instituto, para a ciência e para a Nação, dentro e fora desta.